HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO NONO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

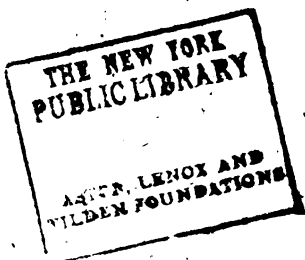
DAMIAŎ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO IX.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1788.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXIV.

com

LIVRO XXXV.

ro-

LIVRO XXXVI.

CAP.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXXIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

El-Rei D. Manoel manda por Vasco da Gama descobrir a India, e conclue o seu casamento com a Princeza D. Isabel.

NÓS temos visto no decurso desta Historia pelo dilatado espaço de oitenta e dous annos, como do de 1415, em que o Rei feliz D. Joaõ I. de boa memoria, até ao presente de 1497, abrin-

Era vulg. 1497

Era vulg. abrindo-nos a conquista de Ceuta as portas dos mares; o espirito sublime do Infante D. Henrique, filho do mesmo Rei glorioso, animou o dos Portuguezes para entrarem por ellas affoutos; devassarem os seus golfos, e enceadas, margens, e rios remotos, deixando patente o Mundo desconhecido a todas as Nações da Europa, que como elles naõ temessem perigos, ou quizessem pôr os pés sobre os vestigios, que lhe tinhaõ impresso. Nós vimos da Epoca memoravel daquelle Principe justo atégora o zelo ardente, com que elle, os Reis D. Affonso V., e D. Joaõ II., menos ambiciosos pela gloria dos seus nomes, que inflammados nos desejos de dilatar o Evangelho: elles fizéraõ descobrir no Oceano Athlantico tantas Ilhas; derrotáraõ o terror panico, que mettiaõ os Cabos de Naõ, e Bojador; vencêraõ os horrores da Costa de Africa pelos mares medonhos de Cabo Verde, Guiné, Congo, Ethiopia; e audazes como elles sós, tivéraõ por baliza de Boa-Esperança o Promontorio monstruo-

truoso das Tormentas, nas suas idades formidavel.

Era vulg.

Até qui de ordem del Rei D. Joaõ II. chegára Bartholomeu Dias com os seus descobrimentos, que naõ se avançáraõ por causa da morte immatura daquelle Principe. Elle deixou ao seu successor D. Manoel, como em herança santa, a continuaçaõ destes projectos, que eraõ o meio de levar o Nome do Senhor ás Nações apartadas, para as quaes Elle era hum Deos naõ conhecido. Como prudente quiz El-Rei D. Manoel ouvir os do Conselho, que em materia de tanto pezo se dividíraõ em sentimentos, como vulgarmente succede na meditaçaõ dos casos grandes, que naõ se accommodaõ com toda a sorte de espiritos. Naõ foraõ poucos os que vaciláraõ entre a incerteza da esperança, e a certeza do perigo; entre o zelo da Religiaõ, e o amor da ganancia, quando na indifferença dos motivos naõ podiaõ socegar os escrupulos, de que por meio de huma navegaçaõ difficultosa, rodeada de trabalhos immensos, se haviaõ buscar os

Era vulg. Climas remotissimos da India, para conduzir o ouro, que a menos custo tinhamos na Ethiopia, em Guiné, e mesmo em Portugal, aonde o Rei D. Diniz fez hum Sceptro do ouro do Téjo, e D. Fernando hum presente á Infante de Aragaõ D. Leonor, com quem esteve desposado, de dezoito quintaes do mesmo metal achado no Reino.

Ponderava-se o sacrificio, que se faria de innumeraveis vidas, que despovoariaõ o Estado, e deixariaõ as terras incultas, as Artes sem obreiros, as conquistas de Africa sem vigor, para irmos buscar as drógas, e especiarias do Oriente, que mais serviaõ para lisonjear o gosto, e o luxo, que para utilisarem a Patria, e fazerem poderoso o Reino. Discorria-se o inimigo terrivel, que nós mesmos hiamos a suscitar no Soldaõ do Egypto, que invejoso dos nossos progressos, se chegassemos a lograllos, nos faria huma guerra dura, colligado com os Principes do Oriente, que naõ podiaõ deixar de se unir em nosso damno, quando vissem

que

que huma Naçaõ do ultimo Occidente entrava pela Asia com semblante de conquistadora, dominante, promulgadora de novos Dogmas, dando Leis aos seus Imperios. Por estes, e semelhantes modos discorriaõ, e deliberavaõ os genios; que cortavaõ a extensaõ das emprezas magnanimas pelas medidas curtas da sua Fé froxa; do seu coraçaõ apoucado.

Era vulg.

Ao contrario o Rei, que tinha o coraçaõ taõ dilatado como o mesmo Universo; a Fé taõ viva, que lhe parecia estar vendo nos fetos da Divindade os seus decretos para a illuminaçaõ das Gentes da Asia, de que elle tinha de ser executor, fez lembrança: De que duvidas bem conformes ás que acabava de ouvir, naõ foraõ bastantes para fazerem mudar de conselho ao Infante D. Henrique, a El-Rei D. Joaõ II, que rompendo os mares com as quilhas gloriosamente audazes, haviaõ trazido á Religiaõ tantos lucros, á Igreja muitos filhos, á Portugal grandes interesses: De que a desconfiança nas grandes ideas era hum parto bem legitimo

do

Era vulg. do espirito acanhado, que se angustia em as meditar, quanto mais em as emprehender: De que ao contrario, nas mesmas idéas, a esperança era huma producçaõ natural do animo sublime, unida a huma singular, e grande virtude, que tanto se gloriava na acçaõ, como na meditaçaõ dos projectos magnanimos, que concebia a alma generosa: De que para elle era mais decente seguir o exemplo, que lhe deixáraõ os Principes prudentes, e esforçados, que lhe precedêraõ, do que consentir nos conselhos de homens particulares; que em todos os caminhos buscaõ à segurança; que em qualquer caso temem os perigos, como homens em fim, de quem se naõ diz, como do Rei, que o seu coraçaõ está na maõ de Deos.

Sublimando as lembranças gradúalmente, D. Manoel fez memoria, de que El-Rei D. Joaõ na sua vida lhe déra por devisa huma Esféra, que elle naõ só estimava por hum agouro feliz da herança, que já gozava; mas que esta lhe havia servir de estimulo para manifestar aos homens as Estrellas incognitas,

tas,

tas, os seus movimentos, as Regiões Orientaes, e Occidentaes do Sol; Alto empenho, de que ao seu nome resultaria gloria immensa, ao seu Reino huma reputação immortal. Sobre todas estas meditações, como no fundo do seu espirito laborava o fogo ardente, que o consummia nos desejos da exaltação da Fé, de vêr louvado o nome de Deos do nascimento ao Occaso do Sol; este primeiro de todos os motivos assentou, que devia ser obra só sua, hum effeito do seu mesmo conselho, sem o conselho, sem o concurso do de homens timidos, que contraidos a puras razões naturaes, e humanas, elle os entendia apartados da intelligencia das cousas supremas, que são do espirito de Deos.

Era vulg.

Occupado El-Rei destes pensamentos, e deliberado a seguillos, ordenou a Bartholomeo Dias, que das madeiras, que tinha cortadas em vida do seu predecessor para construir as náos destinadas ao descobrimento da India, fabricasse quatro por aquelle mólde, que elle entendesse proporcionado para soportarem as tormentas do Cabo de Boa-

Es-

Era vulg. Esperança, de que fora testemunha ocular; e que até esta altura em hum dos navios do Commercio de Guiné hiria elle guiando os navegantes, que mandasse para montar em aquelle Promontorio. Como El-Rei D. João havia destinado para esta empreza a Estevaõ da Gama, e elle era fallecido, D. Manoel chamou a Estremoz seu filho Vasco da Gama, Cavalleiro honrado, natural de Sines, homem de coração maior que todo elle; e lhe declarou a expedição gloriosa, de que o nomeava Chefe. Agora estando a Corte em Monte-Mór, tornou a ser chamado Vasco da Gama, seu Irmaõ Paulo da Gama, e Nicolaõ Coelho, Capitães destinados para a viagem inaudita, e tendo-os El-Rei presentes lhes fallou assim.

Eu vos tenho escolhido para authores de huma façanha taõ nova, que ainda naõ entrou nas vistas dos mortaes: sei a quem a encarrego, as pessoas de quem vindes, o esforço, que tendes herdado; espero, que a haveis cumprir: toda a gloria será vossa, que he o maior premio, os lucros da Religiaõ,

ro do Estado, que deveis ter pelos maiores interesses. Eu vos mando pelos mares sem caminho descobrir a India.... Pela nenhuma perturbação, que vejo nos vossos semblantes, quando nestas poucas palavras vos communico a ordem da mais dura observancia, que ainda se deo no Mundo; eu estou lendo nelles, que vós a recebeis como hum Padrão da maior mercê, que eu vos posso fazer pela teres executado. O socego dos vossos corações me indica, que vós já correstes a Costa de Africa, já montastes o Cabo Tormentoso; já empegastes o grande golfo Oriental; já chegastes a Calecut; já voltastes da India. Para esta derrota pensada, que estais prevendo conseguida, tendes promptas em Lisboa quatro náos com 140 homens de equipagem para ires fazer a grande obra, de que o Mundo se conheça a si mesmo, e que os Portuguezes o dem a conhecer.» Era vulg.

Acabando de fallar El-Rei, Vasco da Gama, e os Fidalgos presentes lhe beijárão a mão, o primeiro pela mercê, que lhe fazia, os mais pelas vanta-

Era vulg. tagens, que elle procurava ao Reino. Vasco da Gama ajoelhado aos pés del Rei, recebeo da sua maõ a Bandeira Real, que havia desenrolado o Escrivaõ da Puridade, e com ella solta disse em alta voz: Eu vou com esta Insignia Santa da Cruz por vosso mandado, Rei, e Poderoso Senhor, descobrir os mares, e terras do Oriente: juro pela mesma Cruz, que eu a hei de arvorar na face de todos os Póvos das Regiões, aonde me levar a sórte: juro de o fazer assim por serviço de Deos, e vosso, cortando intrepido por todos os perigos: rompendo pelo meio dos de agoa, ferro, e fogo, sem dar á morte outro nome, que o de Despresada: juro na observancia dos vossos Regimentos, de que me encarregares, ser fiel, leal, vigilante, incançavel: eu irei, e espero voltar para ter a honra de estar outra vez aos vossos pés, e a de pôr nas vossas Reaes mãos esta Devisa triunfante dos elementos, e dos homens. Tudo isto outra vez vos juro, e se succeder naõ vir, sabei que morri.

No

Era vulg.

No dia antes do embarque, Vasco da Gama com os outros Capitães foi invocar os auxilios do Ceo na Hermida de Nossa Senhora de Belém, que fundára o Infante D. Henrique; lugar da ancoragem antiga, depois magnificamente ampliado pelo mesmo Rei D. Manoel com o Templo respectavel da invocaçaõ da Senhora. No dia Sabbado oito de Julho foraõ os Argonautas levados em Procissaõ solemne até á praia, aonde com lágrimas mutuas de devoçaõ, e amor se apartáraõ dos Patricios, e se embarcáraõ nas náos, que estavaõ prestes. Na primeira, chamada S. Gabriel, hia Vasco da Gama com o Piloto Pedro de Alenquer, que fora ao descobrimento do Cabo de Boa-Esperança, e por Escrivaõ Diogo Dias, irmaõ de Bartholomeo Dias: em S. Rafael embarcou Paulo da Gama com o Piloto Joaõ de Coimbra, e o Escrivaõ Joaõ de Sá: do Berrio era Capitaõ Nicoláo Coelho, Piloto Pedro de Escobar, e Escrivaõ Alvaro de Braga: a quarta, que era huma grande barca carregada de mantimentos, para quando se aca-

baf-

Era vulg. bassem os que levavaõ as náos, tinha por commandante a Gonçalo Nunes, criado de Vasco da Gama. Em hum navio da Costa da Mina embarcou Bartholomeo Dias para acompanhar a Esquadra até ao Cabo da Boa-Esperança, como estava determinado antes; e soltas as vélas ao vento, na praia se levantou huma tempestade de suspiros. Os homens pios, e prudentes clamavaõ ao Ceo pela felicidade da viagem, e volta feliz dos seus irmãos: os do Povo grosseiro, e supersticioso deixavaõ perceber por entre os soluços: Ah, ambiçaõ, e cobiça, a que demencias arrojas os peitos mortaes! Que maior castigo poderia dar-se a estes desgraçados, que ahi vaõ embarcados, se elles commettessem muitos crimes atrozes? Ide-vos engolfar em mares immensos desconhecidos? Ide em navegaçaõ temeraria encontrar muitos perigos em cada onda. Se he pouco huma morte para cada vida, ide buscar muitas mortes nos fustos das tormentas, na intemperie dos Climas, no horror dos abysmos, na voracidade do fo-

go,

gos, na raiva dos homens. Ide sem saber para onde a achar huma morte nova, sepulcro em terra apartada, já que na Patria aborreceis o modo da morte antiga, e o sepulcro entre os vossos majores. Desta maneira sentiaõ os que ficavaõ, ao contrario os que hiaõ, que animados de huma esperança, que parecia inspirada, davaõ á Patria, a despedida com a promessa de a tornarem a ver com brevidade, e ellos para a sua admiraçaõ altos objectos.

Epit. vulg.

Quando Vasco da Gama sahia de Lisboa, a Corte em Sintra recebia cartas de D. Joaõ Manoel, que avisava de Castella ao seu Principe, como tinha completamente ajustado com os Reis Catholicos o matrimonio entre elle, e sua filha, a Princeza D. Isabel: noticia fausta do Rei taõ desejada, que immediatamente partio para Evora, aonde achou huma Corte numerosa, com quanto havia de brilhante na Nobreza do Reino. Ao mesmo tempo se engravecia a queixa do Principe D. Joaõ de Castella, unico filho varaõ dos Reis Catholicos; incidente, que rompeo os me-

Era vulg. medidas, que elles tinhaõ tomado para conduzirem a Princeza á Valença de Alcantara. O Rei de Portugal, por huma parte atacado pela impaciencia do amor; pela outra com a noticia do perigo do Principe, usou do expediente de escrever á Princeza, e propôrlhe, que se era do seu agrado, elle iria em pessoa a Valença cortar com a vista os laços da dilaçaõ, e unir os do matrimonio, que lhe fazia intoleravel a ausencia. Conveio El-Rei D. Fernando nesta proposta de sua filha; mas recommendou-lhe persuadisse a D. Manoel viesse a Valença com o menor numero de gente, que lhe fosse possivel, reservando para tempo mais opportuno as demonstrações de maior alegria.

Sem demora fez El-Rei a sua jornada confórme aos avisos, que recebêra da Princeza, e pouco depois da chegada á Valença se lhe communicou a noticia da mórte do Principe seu cunhado. Ella se occultou á Princeza, e D. Manoel pedio aos Reis seus Pais lhe permittissem voltar para Portugal, antes

que

que o rumor público chegasse aos seus ouvidos. Recolheo-se a nossa Corte para Evora, aonde a mórte do Principe se fez saber á Rainha, que além de fazer os extremos a que a conduzio o amor excessivo de irmã, a teve por segundo agouro de infelicidades, que convertiaõ em amarguras a suavidade do Sceptro. Toda a Hespanha se cobrio de luto, especialmente Castella, e Aragaõ, que choravaõ extincta a Varonia dos seus Principes, vendo recahir tantos Estados no dominio de Soberano Estrangeiro. O Principe sim deixára pejada a sua mulher, a Princeza Margarida, filha do Imperador Maximiliano; mas a dôr da sua perda foi taõ activa, que ella mal pario huma filha posthuma, que passou do ventre para o tumulo, e ficou a Rainha D. Isabel de Portugal olhada herdeira da Monarquia de Hespanha, como filha mais velha dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel.

Era vulg.
1498

Naõ tardou a nova Rainha em se sentir occupada, e este gosto lhe diminuio a pena da mórte de seu irmaõ.

Com

Era vulg. Com este annuncio feliz a Corte se mudou para Lisboa, aonde recebeo outro dos Monarcas de Castella, que ordenavaõ aos Reis partissem quanto antes áquella Monarquia para recebe-rem as homenagens dos Póvos, e se-rem reconhecidos Principes Successo-res de toda a Hespanha. Em quanto se apreslava a jornada, El-Rei se occupou na Economia do Reino, abolindo os foraes velhos, que nos pleitos davaõ assumpto ás idéas intrigantes dos Advo-gados: fazendo outros novos, que desterrassem as interpretações, e subter-fugios capciosos: mandando ao bem instruido Ruy de Pina fosse com os seus poderes pelas Provincias para lhe entre-garem os ditos foraes; e ainda que a dexteridade do Ministro naõ pode des-ta vez concluir negocio taõ importan-te, sempre ordenou dos mesmos foraes cinco Livros, que até hoje se guardaõ na Torre do Tombo.

Antes da jornada de Castella cele-brou El-Rei Cortes em Lisboa, aon-de naõ só regulou muitos expedientes necessarios á mesma Economia; mas quiz

quiz ouvir os votos dos seus vassallos a respeito da sahida do Reino. Naõ faltáraõ politicos delicados, que intentáraõ impedilla com o fundamento das contingencias, que eraõ vulgares, quando hum Rei estava em poder do outro, que podiaõ na presença mover questões perigosas. Os mais desterráraõ estes receios com a memoria das allianças estreitas entre os dous Monarcas; com a da representaçaõ de Successor, que levava D. Manoel; naõ podendo deixar de ser reprehensivel, que elle se escusasse de ir tomar posse de tantos Reinos, e Senhorios convidado por seus mesmos Sogros, que naõ podiaõ privar a Rainha D. Isabel do seu direito; muito mais quando ella levava em si mesma manifestas as esperanças de brevemente os fazer Avós, e lhes dar Successor. El-Rei se accommodou com este parecer; e ficou determinada para o dia 29 de Março deste anno a jornada, que será a materia do Capitulo seguinte.

CAPITULO II.

Partem os Reis de Portugal a ser jurados Principes de Castella, e o que lhes succede neste Reino até a morte da Rainha.

Era vulg.

DETERMINADA a partida para Castella, El-Rei encarregou o governo do Reino á Rainha viuva D. Leonor sua irmã, e para a ajudarem nelle nomeou a seu sobrinho o Duque de Bragança, ao Marquez de Villa-Real, a outros Senhores, e Ministros do seu Conselho. Ainda que a Corte naõ levava mais que 300 Cavallos de escolta, pelo pedirem assim os Reis Catholicos, com o fundamento de se evitarem as desordens, que nascem de ajuntamentos de Nações differentes; ella hia brilhante pela magnificencia da comitiva Real composta da maior, e melhor parte da Nobreza de Portugal, que seguia officiosa aos seus Soberanos. Marcháraõ com elles, além de outros muitos, o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra;

D.

D. Diniz, irmaõ do Duque de Bragança; seu Tio, o Senhor D. Alvaro; D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre; os Bispos da Guarda, Tangere, e Viseo; D. Joaõ de Menezes, Mórdomo Mór, que depois foi Conde de Tarouca, e Prior do Crato; D. Francisco de Portugal, filho do Bispo de Evora D. Affonso, que foi Conde do Vimioso; D. Martinho de Castello Branco, depois Conde de Villa Nova; D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes; D. Henrique, e D. Diogo, filhos do Marquez de Villa Real; Roy de Sousa, que morreo em Toledo; D. Joaõ de Sousa, Senhor de Nisa, e de Sagres; D. Francisco de Almeida o primeiro Viso-Rei da India; D. Joaõ Manoel, Camareiro Mór, e seu irmaõ o Almotacel Mór, D. Nuno Manoel; Joaõ da Silva, depois Regedor das Justiças; D. Affonso de Attaide, Senhor de Atouguia; D. Pedro da Silva, Commendador Mór de Avis; o Veador Vasqueanes Corte Real, e outros muitos Fidalgos da qualidade, que se nomeaõ nas Chronicas deste Rei.

Era vulg.

Era vulg. Partio elle de Lisboa no dia referido de Março com esta comitiva para Evora, donde passou a Estremoz, e meia legua álem de Elvas o esperava o Duque de Medina Sidonia com o sequito luminoso dos seus parentes, e amigos, servidos por 300 criados com magnifica libré, ainda que a Nobreza de ambos os Reinos levava o luto do Principe defunto de Castella. Precediaõ na vã-guarda deste Esquadraõ politico trinta e oito caçadores do Duque, cada qual com seu falcaõ para irem divertindo a El-Rei na marcha, seguidos de dezaseis trombetas, e oito tambores de prata, que principiáraõ a tocar, tanto que avistáraõ a nossa Corte. Em distancia proporcionada o Duque, e Fidalgos se apeáraõ, e feitas tres reverencias profundas, a que correspondeo El-Rei tocando no chapeo; elle, e os mais lhe beijáraõ a maõ, e á Rainha. Depois de posto a cavallo, o Duque abraçou ao Senhor D. Jorge, fallou aos nossos, e todos seguíraõ a marcha, que rompeo El-Rei.

A pouca distancia o esperava o Du-

que de Alva com toda a roda dos seus parentes, e o Conde de Feria com equipage nada menos soberba, que a do Duque de Medina Sidonia. Feitas as mesmas demonstrações, que com elle se acabárão de practicar, por todo o caminho até Badajoz forão os Reis encontrando hum concurso numeroso da Nobreza de Hespanha, que respeitosa, e reverente sahia a esperallos, e beijar-lhes a mão. Em Badajoz forão as Magestades recebidas debaixo de hum pallio riquissimo, e levadas á Igreja maior, donde voltárão á Casa, em que se lhes tinha preparado hum jantar magnifico. No mesmo dia dormírão no lugar de Talaveira, e no seguinte partírão para Nossa Senhora de Guadalupe, aonde determinavão passar a Semana Santa. Por todo este transito recebêrão os obsequios da Nobreza, e dos Póvos, que em competencia sahião brilhantes, e numerosos a render-lhes os seus deveres.

Era vulg.

Com jornada feliz, no meio da maior pompa, e applauso, que depressa se converteo em lástima, e tristeza;

glo-

Era vulg. glórias do mundo, que se murchaõ com o mesmo sopro, que as empólla; os Reis chegáraõ a hum lugar quatro legoas antes de Toledo, aonde esperávaõ as ordens da Corte para fazerem a sua entrada pública. No dia destinado para ella, El-Rei mandou avançar aos Senhores D. Jorge, D. Alvaro, e D. Diniz, ao Conde de Portalegre, ao Mordomo-Mór, ao Capitaõ dos Ginetes, aos filhos do Marquez de Villa-Real, e a outros muitos Fidalgos para comprimentarem aos Reis Catholicos á sahida de Toledo, ficando elle com a sua comitiva esperando-os na distancia de huma legoa, que hia diminuindo em marcha lenta. Em pequena distancia da Cidade, os Senhores Portuguezes se movêraõ juntos para El-Rei, que ficou parado; e foi o Senhor D. Jorge o primeiro, que chegou a beijar-lhe a maõ, e depois de lha ter dado, perguntou quem era. Dizendo-lhe ser o filho del Rei D. Joaõ II., o Rei tirou o chapéo com força, acompanhando a acçaõ com estas palavras: Perdoai-me, que naõ vos conheci; que a saber quem ereis,

Eu

Em meapeira. Depois dos outros Fidalgos fazerem os seus cumprimentos, mandou que todos montassem; deu ao seu lado direito ao Senhor D. Jorge, que de ordem sua precedeo a todos os Grandes o tempo que esteve em Castella.

Em vulgo

Obsequio semelhante viérao fazer aos Reis de Portugal da parte dos de Hespanha D. Henrique, Tio del Rei Fernando, o Commendador-Mór Cardenas com muita Nobreza; e depois delles a pouca distancia, o Condestavel de Castella, o Marquez de Villhena, e muitos Grandes; huns, e outros recebidos com particulares agrados no acto de beijarem a maõ aos Principes. El-Rei D. Fernando vinha acompanhado de toda a grandeza dos seus Reinos com o fequito numeroso, e brilhante de trinta mil pessoas a cavallo, que cobriaõ as campinas de Toledo. A complacencia em apparato taõ pomposo sería extrema, se ella naõ se encontrasse com o principio do luto, que a Côrte de Hespanha fazia observar exacto. Isso naõ obstante, as gentes accommodáraõ

quan-

Era vulg. quanto lhes foi possivel as honras de- vidas aos seus futuros Soberanos, com a tristeza a que ellas naõ se podiaõ escusar na perda do Principe herdeiro do seu Reino.

Tres horas estiveraõ os Reis suspensos á vista huns dos outros, sem poderem chegar a fallar-se, entretidos em recebèr de ambas as partes os obsequios respeitosos da Assembléa Veneravel. Depois que os Porteiros de ambos os Monarcas fizeraõ caminho, chegáraõ hum ao outro; ao mesmo tempo tiráraõ os Chapéos; apertáraõ-se entre os braços, e assim estiveraõ largo espaço fallando os corações vozes de ternura. Quiz a Rainha beijar a maõ a seu Pai, que se escusou; e pondo-se á sua esquerda, ella no meio, e D. Manoel á direita, acompanhados de ambas as comitivas caminháraõ para a Cidade. A entrada da pórta os esperava concurso immenso com hum Pállio de rico brocado, e debaixo delle, mesmo a cavallo, foraõ os Reis conduzidos á Cathedral, aonde se apiáraõ a fazer oraçaõ. A Rainha D. Isabel, que no Pa-

ço esperava aos Principes, os recebeo com as demonstrações do maior alvoroço em huma varanda delle, muito apartada da sua antecamara, acompanhada das Infantas suas filhas, da Princeza viuva sua nôra, de todos os Officiaes da sua Casa, e de muitos Grandes.

Parece que esta agradavel vista adoçou na Rainha Catholica a dôr inconsolavel, que até entaõ tinha mostrado pela morte do Principe seu filho. Passados os primeiros cumprimentos, em que a Magestade, e a Natureza fizeraõ os officios mais delicados, a Rainha Catholica foi guiando para o seu quarto aos Hospedes Augustos. Respeitosa, magnifica, e vistosa antecamara foi nesta noite a da Rainha Catholica D. Isabel, aonde estiveraõ ao mesmo tempo dous Reis, e duas Rainhas; huma Princeza, filha do Imperador de Alemanha; duas Infantas de Castella; dous Infantes de Granada; hum filho do Rei D. Joaõ de Portugal; huma filha do de Hespanha; as Duquezas, Damas, e Grandes Senhoras desta Monarquia; o Patriarca, o Arcebispo de Toledo, e muitos Pre-

la-

lados; hum irmaõ, e hum filho dos Duques de Bragança; os de Medina Sidonia; Alva, Villa Hermosa; e outros muitos, que enchiaõ, e ornavaõ bem as fallas do Palacio luminoso.

Foi destinado o Domingo seguinte vinte, e oito de Abril para a solemnidade do juramento, com que os Reis de Portugal haviaõ ser reconhecidos Principes de Hespanha; e com sequito numeroso sahiraõ do Paço a cavallo para a Igreja Cathedral, aonde se havia fazer a ceremonia. Os Duques de Medina Sidonia á direita, e o de Feria á esquerda levavaõ de redea o cavallo em que hia El-Rei D. Manoel, e na mesma ordem o da Rainha sua Esposa o Condestavel de Castella, e o Duque de Alva. Chegados á Igreja, o Arcebispo de Toledo celebrou Missa em pontifical, e no fim della, posta em socego, e silencio a Assembléa Augusta, se levantou hum Sabio Jurisconsulto a orar eloquente.

Elle ponderou a paz, a tranquillidade, a ventura, que esperava toda Hespanha, unindo feliz de tantos Reinos,

Em mig. Acabada a oraçaõ, o Arcebispo de Toledo apresentou aos Reis o Livro dos Evangelhos, e sobre elle huma Cruz de ouro, na qual pozeraõ a maõ, e se empenháraõ por hum juramento solemne, e irrefragavel a sustentar, e promover a Religiaõ Catholica, a fazer, e administrar justiça, a manter, e conservar a liberdade pública: applicarem os seus desvélos, e actividade á felicidade geral dos Estados, de que eraõ declarados herdeiros. Depois dos Principes, o Condestavel de Castella, e por sua ordem todos os Grandes fizeraõ a ceremonia de jurar fidelidade, e reconhecimento de Soberania em todos os Reinos de Hespanha aos Reis de Portugal, como herdeiros dos Monarcas Catholicos Fernando, e Isabel; promettendo dár as vidas pela honra da sua Dignidade Real, defensa do Estado, e glória da Coroa. O mesmo acto practicáraõ os Deputados das Cidades, e Villas, excepto os de Toledo, que se escusáraõ, naõ por movimento de rebelliaõ; mas por capricho de observancia de privilegios: capricho delicado, que no primei-

meiro repente era capaz de transtornar o prazer em dia taõ plausivel. Era notavel.

Nascia esta repugnancia das differenças antigas, que entre si tinhaõ Burgos, e Toledo a respeito das precedencias, que cada huma destas Cidades queria sustentar; Burgos estimando-se Capital de Castella; Toledo attribuindo-se a Primazia, ou Principado de Hespanha. Naõ havia Assembléa, convocaçaõ dos Estados, e acto de Côrtes, em que concorressem Deputados, que os das duas Cidades naõ renovassem as contestações com tanto de calor, que vaporava fumos de sediçaõ. Muitos dos Reis quizeraõ decidir esta questaõ célebre, e naõ o conseguio senaõ D. Affonso XI. nas Côrtes de Alcalá de Henares com hum bello expediente. Estando juntos os Estados, antes que alguem fallasse, disse elle: Eu sei, que os de Toledo estaõ conformes para fazerem quanto lhes for insinuado; agora representem os de Burgos o que tiverem que dizer. Ambos os partidos tomáraõ prudentes esta politica do Principe a seu favor; os primeiros por se

en-

Era vulg. entenderem preferidos; os segundos fazendo grande especie da Ordem Real; mas ainda que desde entaõ usáraõ os outros Reis do mesmo meio, no acto taõ solemne da proclamaçaõ dos novos Herdeiros, os de Toledo naõ quizeraõ em Assemblêa taõ augusta renovar as contestações. Elles sahiraõ da Igreja, esperáraõ no atrio aos Principes, e com gestos humilhantes, e respeitosos, na sua presença deraõ o juramento de fidelidade, e lhes beijáraõ a maõ.

Poucos dias depois desta ceremonia os quatro Reis de Portugal, e Castella partiraõ para o Reino de Aragaõ, e chegados a Çaragoça, sua Capital, dispozeraõ, que aquelles Povos rendessem homenage aos Principes. Elles duvidaraõ fazello sem primeiro consultarem os moradores de Valença, e Catalunha, que sustentavaõ com vigor ardente a integridade dos seus privilegios. Os Reis Catholicos, que os haviaõ castigado em pena das revoltas precedentes dos Aragonezes, queriaõ cortar demoras, naõ renovar esta questaõ, e ordenavaõ austeros a obediencia prompta.

Em a Julho

21. Entaõ os Deputados reiteráraõ com mais força, que elles estavaõ promptos a fazer o que lhes mandavaõ; mas que havia ser com a condiçaõ de protestarem, e naõ consentirem, sem que os Reis de Portugal, quando sobissem ao Throno de Hespanha, renovassem aos Aragonezes os antigos privilegios, de que estavaõ privados. O Rei D. Fernando novamente escandalisado das maneiras altivas, com que estes póvos se conduziaõ, abertamente lhes respondeo: Que elle naõ consentiria já mais, que os seus Successores empenhassem a palavra para restabelecer aos Aragonezes nas franquezas, de que foraõ despojados com justiça: Que os vassallos naõ se haviaõ arrojar á temeridade de prescrever Leis aos Soberanos, e que delles saberia conseguir, naõ o serem interpretes, senaõ obedientes ás que elle quizesse promulgar-lhes, por duras que ellas lhes parecessem.

2. Com tanta dissonancia foraõ ouvidas estas vozes do Rei, que todos os animos de Aragaõ se perturbáraõ, e em contestações se passáraõ tres mezes.

Em

Era vulg. Em todos elles se foi avançando a liberdade para pedir, que desde já se renovassem á Corôa de Aragaõ as suas immunidades primitivas: que se o Rei de Castella, seu Soberano, morresse sem filho Varaõ, fosse livre aos Aragonezes convocar os Estados, que estavaõ livres, e elegerem á sua satisfaçaõ hum Rei: que elles naõ estavaõ obrigados a reconhecello estranho, ainda que o adoptasse o Rei actual; e para que estas vozes tivessem mais força, os pretendentes multiplicavaõ os Conventiculos; invitavaõ-se para sustentarem a causa commua, e com pouco rebuço enchiaõ as casas de armas para persuadirem, que elles estavaõ deliberados a sustentar as pretenções com a força. No dia 15 de Agosto serenou esta tempestade com o nascimento do Principe D. Miguel da Paz, que foi dado á luz pela Rainha de Portugal D. Isabel; e com júbilo extremo reconhecido futuro herdeiro das Coroas de Portugal, Castella, e Aragaõ. Nasceo o Iris; mas espirou o gosto; porque do parto morreo a Rainha.

CA-

CAPITULO III.

I. a vulg.

Trata-se da morte da Rainha, da volta del Rei D. Manoel para Portugal, e o que succedeo a Vasco da Gama no descobrimenco da India.

INSTAVEL como sempre o fluxo dos acontecimentos humanos, que sem os alterar o tempo, a si mesmos se perturbaõ; a excessiva alegria, que causou o nascimento do Principe, no mesmo acto della vir ao Mundo: se converteo no sentimento mais triste; sendo as mesmas vozes plausiveis do jubilo na complacencia dos Reis, na congratulaçaõ dos Povos, no applauso dos corações; o écco funebre da dôr, dos ais, dos gemidos nos peitos, que concebêraõ o alvoroço. Já antes do parto a Rainha D. Isabel se sentia enferma; na proximidade delle mais se diminuiaõ as forças; na acçaõ de o consummar foi tanta a dissipaçaõ dos espiritos na effusaõ do sangue, que exalou a vida nos braços do Rei seu Pai. D. Manoel, que amava

Era vulg. esta Princeza como ella merecia por si mesma, sem o soccorro das altas Dignidades, que representava, teve por intoleravel a assistencia no lugar, aonde acabava de fazer huma tal perda. Concluido o funeral, cumprido o Testamento, reprimidas com violencia as lágrimas, elle pede aos Reis Catholicos a permissaõ de se recolher aos seus Estados.

Foi intoleravel para os Reis esta separaçaõ, em que mostráraõ os semblantes a dôr dos coraçoẽs, hum na falta da filha, outro da esposa, huma para ambos a causa da amargura. Segio D. Manoel a marcha para Portugal acompanhado de huma Corte numerosa, e chegando ao Lugar de Aranda, delle mesmo despedio a D. Rodrigo de Castro, a D. Henrique, e a D. Fernando Coutinho para irem a Roma representar ao Papa Alexandre VI. da sua parte a dissonancia, que faziaõ nos ouvidos da sua piedade, as vozes desconcertadas da relaxaçaõ na Disciplina da Igreja. Naõ esperou o zelo ardente deste Principe arribar a Portugal para despe-

dir

dir os Embaixadores. Elle lhes mandou fossem pela Corte de seu Sogro a darlhe parte dos motivos da sua enviatura, e apresentar-lhe os Officios de que hiaõ encarregados, e se reduziaõ a pedir ao Papa olhasse pela Igreja Santa, aonde os bons costumes estavaõ pervertidos, a piedade tibia, os vicios soltos, as Leis adoraveis sem observancia: Elle lhe fazia saber como a Cidade Santa da sua residencia, que antes fora morada da Religiaõ, e piedade, agora era a officina da malicia, e impudencia: golpes de infamia, que amolgavaõ a solidez da Igreja, e nódoas negras, que manchavaõ a especiosidade do Santuario.

Era vulg.

Despedidos os Embaixadores, ElRei continuou a jornada para Lisboa, aonde chegou a 13 de Outubro. Pouco depois o avisáraõ os Reis Catholicos, como seu filho o Principe D. Miguel, por consenso unanime dos Estados de Castella, e Aragaõ, havia sido declarado herdeiro das duas Monarquias, e que pertencia ao seu dever prasicar o mesmo em Portugal. Immediatamente con-

Era vulg. 1499

vocou El-Rei Cortes, que se celebráraõ no anno seguinte, e nellas propôz, que seu unico filho D. Miguel fosse jurado Principe successor de Portugal depois dos seus dias, assim como já o estava de Castella, e Aragaõ, quando se acabassem os de seus Avós. Naõ houve alguem, que impugnasse huma demanda taõ justa; mas antes de declararem em fórma a sua fidelidade, os Estados pedíraõ ao Rei, que promettesse em nome do Principe seu filho, e firmasse com juramento, como elle depois de Rei das Hespanhas as jurisdições, a administraçaõ das rendas, as Alcaidarias Móres, e Governos das Praças de Portugal, fosse no seu continente, ou fosse nas suas Conquistas, por pretexto algum, elle naõ as proveria, senaõ em Portuguezes. Assim o fez El-Rei, que de tudo mandou lavrar Letras patentes, que assignou do proprio punho, e ordenou passassem pela Chancellaria para sua validade completa.

Entretanto chegáraõ a Roma os Embaixadores, que levavaõ ordem dos Reis Catholicos para obrarem de con-

cer-

certo com o seu Ministro Garcilasso de La Vega. Depois de concordarem entre si, representáraõ ao Papa da parte dos Reis seus Amos o estado deploravel em que se achava a maior parte dos Ecclesiasticos; o mal que repartiaõ o paõ aos pequenos; como eraõ pedras do Santuario espalhadas pelas cabeças de todas as ruas; como por sua causa choravaõ os caminhos de *Siaõ*, sem haver quem assistisse ás solemnidades. Que elles tratavaõ com pouco respeito as cousas mais santas, e sem reverencia as devoções mais sólidas, que a Igreja tinha estabelecido. Elles déraõ as côres mais vivas a este retrato abominavel com os escandalos, que os Sacerdotes davaõ aos Póvos, já fazendo venaes os Beneficios, já vivendo libertinos, já depravando os costumes: isto huns homens, que se deviaõ mostrar Sal naõ infatuado, exposto ao perigo de ser lançado fóra para ser pisado: huns homens, que ao contrario, pela santidade da sua vida, estavaõ obrigados a edificar as gentes, a naõ deshonrar o seu caracter; e pela integridade da dou-

Era vulg.

tri-

Era vulg. trina a mostrar-se Doutores sem erro; como Mestres de quem os Póvos aprendem.

O Papa, que entenderia esta Embaixada como huma advertencia pathetica, que cahia sobre as suas primeiras desordens, na apparencia a recebeo gostoso; mas no fundo do seu interior, elle a teve por hum arrojo mais altivo que zeloso dos dous Monarcas, que se punhaõ na testa do Sacerdocio para o purificarem das nodoas, com que o manchava a improbidade dos seus Ministros. Os termos vagos, as figuras de emprestimo, as vozes geraes, de que os Ministros se serviaõ nos Officios em nome de seus Amos, faziaõ parecer agradaveis os exteriores: ao contrario a penetraçaõ sobre o espirito, a substancia, e materia das representações, se por huma parte agonisavaõ; pela outra a reflexaõ, que fez o Chéfe Supremo na justiça da causa; ella o moveo a reformarse a si mesmo para ser o exemplo; lei mais efficaz para a refórma de todos. Elle o foi tanto, que a face da Igreja brevemente se vio renovada; a sua pure-

re-

reza antiga restituida; os esforços da cabala derrotados, sem vigor as intrigas, e por huma vez tiradas as rugas á especiosidade da Filha de Siaõ. O Papa no meio de huma grande solemnidade consagrou duas Espadas, e dous Capacetes, que enviou aos Reis de Portugal, e Castella. Os Legados Pontificios os apresentáraõ acompanhados de Letras Apostolicas ternas, affectuosas, e reconhecidas, a que os Monarcas respondêraõ com tanto de respeito, como de reconhecimento ao obsequio paternal, e acceitaçaõ dos seus bons officios.

Era vulg.

El-Rei D. Manoel, se em Hespanha acabava de perder Reinos, na sua chegada a Lisboa achou a noticia do descobrimento de hum novo Mundo, devido ao valor, e industria de Vasco da Gama, que chegava da India: ponto luminoso, e época memoravel da nossa Historia, que eu devo tratar com todas as circunstancias, que fazem esta aventura notavel. Sahio Vasco da Gama de Lisboa como dissemos a 8 do mez de Julho de 1497. Elle avistou as Ilhas Fortu-

Em vulg. tuniatas; e no dia vinte da sua viagem ferrou o porto de Santa Maria na Ilha de Sant-Iago. Daqui emproou sempre ao Leste em demanda do Cabo de Boa Esperança; soppotando tempestades horriveis com constancia heroica o longo espaço de tres mezes, até que descobrio terra na Angra de Santa Elena, aonde lançou ferro a 4 de Novembro. Elle a mandou descobrir por Nicolão Coelho, que passou no seu batel quatro leguas avante cozido com a Praia, e foi dar á emboccadura de hum rio, a que pozerão o nome de Sant-Iago. Aqui virão os nossos campos amenos; encontrárão abundancia de aguas doces, e grande copia de lobos marinhos de desmarcada corpulencia, que tudo lhes servio para o fornecimento das Naos.

Como a Vasco da Gama se lhe ordenava no seu regimento, que nas paragens aonde abordasse, se instruisse nos costumes da gente, no seu trafego, e modo de vida; ordenou a alguns homens escolhidos, que penetrassem a terra, e por força, ou industria houvessem

sem

Serem á maõ os moradores, que podessem daquelle Continente. Eraõ elles Ethiopes, negros, de cabello revolto, de lingua incognita; mas que se pagáraõ tanto da civilidade, que com elles usamos, e se déraõ por taõ satisfeitos dos cascaveis, quinquilharias, e bagatellas, com que os brindámos, que em cambio dellas nos ministráraõ cópia de mantimentos, que necessitavamos. Quando as duas Nações se trataváõ por signaes com tanta familiaridade, a boa harmonia foi perturbada pela inconsideraçaõ de Fernaõ Veloso; aquelle Cavalleiro honrado, que descendo hum monte fugindo dos negros, que escandalisára, foi apostrofado pelo nosso Camões com o Saynete: Ó lá, amigo Veloso, aquelle outeiro, he melhor de descer, que de sobir.

Era.vulg.

O Veloso com o desejo de saber a fórma, com que os Ethiopes se conduziaõ nos seus domicilios, pedio licença para ir com elles a Vasco da Gama, que lha concedeo, e elles o estimáraõ tanto, que o foraõ divertindo pelo caminho com a preza de hum lobo do mar,

Eds vulg. e nas suas casas o banqueteáraõ com os alimentos do seu uso, para elles com magnificencia. Nauseáraõ a Velosó us guisados barbaros, e sem mais attençaõ com os hospedes, se poz em retirada para as náos. Elles o viéraõ seguindo obsequiosos em grande número, alguns armados de dardos, e zagaias, segundo o seu estylo. Duvidava Veloso se tamanho sequito sería por lhe fazèrem graça, se para vingarem a affronta; e occupado do medo, quiz tirar-se da dúvida pela ligeireza dos pés. Seguido até a praia pela chusma, que em nada cuidava menos, que em offendello; elle a altas vozes pedia soccorro ás náos. Entaõ desconfiáraõ os Ethiopes; que se escondêraõ nas matas visinhas, já determinados a vingar nos que viessem a terra buscar ao Veloso o crime da desconfiança, que este tivéra da sua boa fé: Taõ delicada a natureza do homem, quando sente estes abusos na candura da sua sinceridade, que até na dos barbaros elles senaõ fizéraõ toleraveis.

Suppôz Vasco da Gama, que os Ethio-

Ethiopes se haviaõ retirado; e para mais facilmente poder observar pelo Astrolabio a declinaçaõ do Sol na Equinoccial, veio a terra com alguns dos Officiaes, que quizéraõ entreter-se com o atemorisado Velloso. Quando os nossos se entendiaõ seguros, de repente foraõ atacados pelos barbaros, que os fizéraõ recolher aos batéis com a mesma pressa, com que Veloso antes descêra o oiteiro; ficando a praia matizada com o illustre sangue de Vasco da Gama ferido em hum pé, e de dous dos seus Capitães; todos arriscados a perder-se pela grosseria do mal advertido Fernaõ Velloso, que foi causa de se romper o trato franco com a primeira Naçaõ, que descobrimos nesta viagem. Immediatamente mandou Vasco da Gama levar a Armada, e soltas as vélas se fez na volta do Austro em demanda do Promontorio horrendo, que a nossa corage já chamava de Boa-Esperança. Daqui em diante até dobrar o Cabo incognito, mostrou elle o seu valor mais que humano, superior ao destino, firme na Fé, entregue nas

Fgá. vulga

mãos

[illegible] mãos da Providencia, que lhe confortava a esperança para naõ temer os perigos.

Viaõ os Argonautas intrepidos levantar as nàos sobre ondas mais eminentes, que as mais altas montanhas ; logo cahirem em profundidades, que pareciaõ as grutas dos abysmos : mares novos, novas tormentas toleradas por hum valor novo. As trévas eraõ companheiras inseparaveis da tempestade : ellas horriveis naquella Regiaõ em huma quadra, em que o Sol ainda determinava todas as luzes pelo Polo Septentrional, que lhe he opposto. Trévas taõ medonhas, mares taõ grossos, noites taõ longas, nada disto atè entaõ experimentado pelos habitadores de huma Zona temperada ; era tudo huma tal collecçaõ de monstruosidades, que tirando a esperança de salvaçaõ, já hia dispondo a constancia dos espiritos Lusitanos para darem nella tantos balanços, quantos os corpos sentiaõ dar as nàos. Multiplicavaõ-se os dias ; cresciaõ os horrores ; os vasos aboiados sem vélas, nem governo, huma onda

os

os levava, outra os trazia; e andando, e desandando, a cada golpe do mar se esperava hum fim desastrado. Os homens como pasmados, rodeavaõ a Vasco da Gama, e sem dizer palavra, mudos com a eloquencia mais viva, elle entendia lhe informavaõ: Que loucura, que insania he a vossa? Estes homens entregues á vossa vigilancia para os guardares, como quereis perdellos com hum genero de morte espantosa? Que constellaçaõ fatal vos impelle? Quaes saõ os vossos, e os nossos crimes, que merecem a pena do Inferno antes da morte? Cedei nesta tempestade longa aos esforços do Omnipotente, que vos manda: fazei voltar as próas, e tornemos á Patria, que naõ nos ordena vençamos impossiveis para conseguir sem fructo huma gloria vaã.

Fazendo-se surdo Vasco da Gama ás vozes, que se formavaõ no fundo dos animos; os seus companheiros vendo dentro da náo huma montanha, que tantos mares, e tufões naõ a abalavaõ, hum sussurro vago deixa perceber, que he necessario morrer Vasco da Ga-

Era vulg. ma insensivel, para que com elle naõ morraõ todos; que naõ amainará a tormenta, em quanto na náo respirar este Jonas. Seu irmaõ Paulo da Gama, que percebe os intentos, o previne; e elle se assegura prendendo os Cabeças da conjuraçaõ, os Pilotos timidos, e só da sua corage fia o bom successo da viagem atropellando montes de perigos. Em fim, este Herόe, tolerando muitos dias com animo invencivel a furia da tormenta, e os golpes da perfidia, aos 20 de Novembro, com alegria incrivel dos animos antes consternados, dobrou o Cabo de Boa-Esperança; já esquecidos os trabalhos, tocando os instrumentos musicos, com danças, e folias, lhes parecia ter concluida a jornada da India, e que lançando ferro em Lisboa, elles eraõ os objectos da admiraçaõ geral do Universo.

Mandou o Chéfe adorado por constante, que as náos fossem navegando ao longo da terra para ir observando a sua positura, a sua fertilidade, quanto nella houvesse de estimavel. Os olhos se empregavaõ em grandes arvoredos;

em

em bosques intrincados, em plantas silvestres, em cópia abundante de gados, em figuras estranhas de homens: tudo golpes de vista, que a novidade fazia deleitaveis, e que a complacencia figurava brilhantes. Estes homens eraõ da mesma côr, e talhe dos que deixamos descobertos na Angra de Santa Elena; que fallavaõ soluçando; que andavaõ nús, cobrindo só de folhas de arvores as partes, que manda occultar o pejo; que tocavaõ flautas pastorís com cadencia; e que se abrigavaõ do Sol em casas de terra, ou de ramos. Cinco dias gastamos em dobrar o Promontorio, fazendo estas observações; e navegando para o Septentriaõ, entrámos aos 25 de Novembro na Bahia de S. Braz, que fica sessenta legoas além do Cabo. Nas suas margens ferteis viraõ os nossos muitos Elefantes de desmarcada grandeza; quantidade de bois do tamanho de cavallos, que serviaõ aos moradores para transportarem as cargas de humas para outras partes; e no centro da Bahia huma pequena Ilha, aonde fizeraõ agoada. Aqui lhes servio de en-

Estanda.

Era vulg. tretenimento a vifta de mais de tres mil lobos marinhos, taõ bravos, que envestiaõ como touros, e as célebres aves folitiçarios, no tamanho como patos; na pelle como morcegos; mas que faltas de azas naõ vôaõ, ainda que com fumma celeridade fe movem.

Queimada a barca dos mantimentos, que já era inutil; levantado naquella paragem hum Padraõ, que pouco depois derrubáraõ os negros; e a Armada bem baftecida, Vafco da Gama foi continuando a viagem, que brevemente perturbou nova tormenta, e o obrigou a engolfar na altura, de que defejava fogir pela ignorancia dos mares, em que navegava. Serenado o tempo, a Armada tornou a bufcar a terra, por onde foi aviftando pequenas Ilhas pouco apartadas da Bahia, donde fe havia feito á véla no dia oito de Dezembro. Ellas faziaõ huma perfpectiva agradavel, ornadas de altos arvoredos, os feus bofques povoados de gados immenfos, o mar taõ fundo, e taõ quieto, que convidava fem fufto a abordar as praias para ferem melhor

do

devagados os segredos da terra. Vasco da Gama, que no dia de Natal tinha avançado setenta leguas além dos descobrimentos de Bartholomeu Dias, e de Lopo Infante; vantagem, que lhe dava esperanças do da India; rodeado de complacencias, andou até dez de Janeiro examinando aquellas agradaveis praias. Era vulg.

Naquelle dia avistou nellas quantidade de homens, e mulheres, na côr negros, mas de boa estatura, e agradavel presença. Com os desejos de conhecer a gente, o Chéfe põe prôas em terra, e a manda saudar por Martim Affonso, homem bem instruido nas linguas barbaras, que se entendeo com ella, e regalou ao seu Principe em nome do Gama com hum vestido á Portugueza. Na recompensa do presente, na civilidade do trato nós nos alegrámos, por irmos encontrando já homens com humanidade, com institutos de vida; que se ornavaõ com braceletes de bronze; que cobriaõ as cabeças com capacetes do mesmo metal, e que em bainhas de marfim tra-

 ziaõ

Era vulg: ziaõ á cinta adagas com cabos de estanho. Gente taõ tratavel se facilitou benigna, e condescendente ao nosso Commercio, e mereceo que Vasco da Gama pozesse áquelle sitio o nome de *Terra da Boa Gente*, e o de *Rio de Cobre* ao que por ella corria. Entre ella deixou a dous dos déz desterrados, que levava na Armada, e no Reino haviaõ tido pena de mórte, que lhes foi perdoada, para que nas Regiões, aonde Vasco da Gama os deixasse, elles as penetrassem, vissem, e notassem os costumes dos homens; dando-lhes o termo fixo, em que haviaõ voltar á mesma parte para na torna-viagem os tomar a bórdo.

Aos 15 de Janeiro partio a Armada desta Terra da Boa Gente, e aos 25 chegou á embocadura de hum caudaloso rio, que ambas as margens faziaõ vistoso pelos agradaveis arvoredos, que as bordavaõ, e a que matisavaõ o terreno plantas, e hervas deleitaveis pela variedade das côres. Aqui passamos a noite sobre ferro, e a luz da manhã nos deixou vêr as praias occupadas de

mul-

muitos homens tambem negros; mas taõ ingenuamente simplices, que embarcando nas suas almadias, sem algum temor entráraõ a sobir pelo bórdo das nossas náos. Nenhum dos nossos lhes entendeo a lingua; falta, que supprimos com os géstos condescendentes, e com exterioridades taõ agradaveis no trato, no regalo, e nos donativos, que elles bem entendessem, quanto a sua muita candura nos era agradavel. Depois de tres dias, vieraõ vêr as náos, e visitar ao Commandante quatro dos principaes da terra, que furaõ recebidos com grande honra, e que no modo com que souberaõ acceitalla mostráraõ a distinçaõ da qualidade, que tinhaõ. Depois de hum jantar esplendido, Vasco da Gama os vestio ao nosso uso, de que elles déraõ demonstrações de prazer; mas desconsolava-nos naõ os saber entender para tomarmos lingua da distancia, em que estavamos da India.

Era vulg.

Hum moço, que os acompanhava, por algumas vozes Arabias nos fez perceber, que elle havia pouco chegára de pórtos, aonde havia náos do tama-

Era vulg. nho, e estructura das nossas, e que os ditos pórtos naõ ficavaõ dalli muito distantes. Naõ he explicavel o alvoroço, que sentíraõ os nossos com estas noticias pela esperança, que ellas lhes davaõ, de que com brevidade chegariaõ á India, termo suspirado dos seus trabalhos. Vasco da Gama nos transpórtes da complacencia chamou ao Rio dos *Bons Signaes*; á terra pôz o nome de S. Rafael, e na bocca do mesmo Rio levantou hum dos Padrões, que levava com a Insignia da Santa Cruz, e as Devisas do Rei D. Manoel para glória do nome Christaõ, credito do seu Soberano, e reputaçaõ da gente Portugueza, que devia ficar gravada em Monumentos perduraveis, que marcassem ao Mundo, como della sahíraõ os operarios escolhidos para a grande obra de levarem o Nome de Deos ás Nações estranhas, fazerem a terra communicavel, dalla a conhecer a si mesma, os homens huns aos outros.

CA-

CAPITULO IV.

Continúa a navegação de Vasco da Gama até chegar aos pórtos da India.

Era vulg.

HUM mez se deteve Vasco da Gama no Rio dos Bons Signaes para curar a muita gente da tripulação, que lhe adoeceo; para dar pendor ás náos, que necessitavaõ ser limpas, e feitos os provimentos precisos sahio do porto aos 24 de Fevereiro. No primeiro de Março avistáraõ os nossos quatro Ilhas naõ distantes da terra firme, de huma dás quaes sahíraõ oito zambucos com as vélas cheias, chegando-se á nossa Armada. As suas gentes conhecendo a Capitania pela bandeira arvorada no mastro maior, viéraõ emproando a ella os zambucos, que a rodeáraõ, e com grandes clamores saudáraõ aos nossos em vozes Arabias. Com ordem do Chéfe, a náo de Nicoláo Coelho, que era mais pequena, se pôz na sua vá-guarda para sondar nas immediações da

Era vulg. da Ilha o lugar mais commodo para a ancorage das outras náos. Em quanto se dava fundo, nas barcas dos civilisados moradores naõ cessava o ruido dos instrumentos, as vozes de jubilo; e da praia os géstos, e clamores de alvoroço causado pela novidade.

Estas gentes, ainda que de côr baça, mais semelhantes aos nossos Europeos, ellas vinhaõ vestidas com muita decencia ao seu uso, cingindo espadas; e chegando ás náos, sobíraõ a bórdo, e em lingua Arabia saudáraõ os nossos. Em quanto Vasco da Gama as lisonjeava com a profusaõ da meza, que acceitáraõ cortezes; elle lhes perguntou de quem era aquella Ilha; qual a qualidade dos seus moradores; que Religiaõ professavaõ, e que distancia haveria della até á India. Os Mouros, que era a Naçaõ daquellas gentes, respondêraõ, que a Ilha se chamava Moçambique; que os naturaes della eraõ Idolatras; mas que a maior parte dos habitantes se compunha de mercadores Sarracenos, por ser a Ilha naquellas partes Emporio célebre; sujeito ao Rei

de

de Quiloa, que o mandava governar por hum Chéfe de probidade notoria: que dalli navegavaõ muitas náos para a India, Arabia, e outras Regiões remotas da terra: que elles já deixáraõ pelas poppas o porto de Çofala, aonde havia grande cópia de ouro, de que naquelles Paizes se fazia Commercio avultado; concluindo com a noticia da distancia, em que a Armada estava dos pórtos de Calecut na India, termo da sua viagem.

Era vulg.

Os Portuguezes, até entaõ errantes por mares, e climas incognitos, ao ouvir as noticias por que suspiravaõ, naõ podendo conter o júbilo, levantáraõ os corações, e as mãos ao Ceo; reconhecêraõ por Author da mesma viagem ao Omnipotente; que os escolhêra entre as Nações da terra, como promettêra ao primeiro dos seus Reis, para fazerem conhecido aos Barbaros o seu Nome adoravel, que estava predito havia ser louvado des do Nascimento, até ao Occaso do Sol; entre lágrimas de prazer lhe davaõ graças por estarem taõ proximos a colher o frucfo

dos

Era vulg. dos seus trabalhos imponderaveis para gloria sua. Presumirao os Mouros, que os nossos erao da sua Naçao, mas que nós nao os entendiamos por habitarmos Paizes muito remotos, e satisfeitos dos presentes com que Vasco da Gama os regalou, e com o que mandou por elles ao seu Xeque, ou Governador, se despedirao igualmente affectuosos, que agradecidos.

A Ilha de Moçambique, que ainda está no nosso dominio, foi antigamente chamada Egezimba, apartada da linha dezaseis graos para o Austro, e situada na Costa de Zanguebar, fronteira á Ilha Madagascar, ou de Sao Lourenço, e he ella a escala mais célebre da nossa navegaçao para a India. A terra pelas muitas lagoas he doentia; e negros os moradores, que viviao em casas de terra cobertas de ramos de arvores; mas pela opportunidade do Commercio, ella era frequentada de muitas Naçoes, especialmente pela dos Arabios, que se tinhao feito senhores das suas melhores riquezas. Estes Arabios erao muito peritos nas

nau-

nautica, para a qual tinhaõ muitos inf- Era vulg.
trumentos, entre outros as cartas de
marear, os quadrantes, e as agulhas
levantiscas, ainda que as embarcações
de que usavaõ naõ tinhaõ cuberta, nem
as cravavaõ com prégos, mas com ca-
vilhas de páo: as córdas as faziaõ de
cairo, ou fios de palma: das folhas das
mesmas arvores teciaõ as vélas, taõ uni-
das, e tapadas, que naõ deixavaõ fugir
o vento.

Como os Mouros de Moçambique
nos presumiaõ seus Sectarios, e habi-
tadores da Mauritania, attrahidos das
nossas dadivas, e obsequios, elles per-
suadíraõ ao Governador Zacoeia, que
compensasse o seu presente, regalan-
do-nos os refrescos da terra, e vindo
visitar o Commandante das nossas náos.
Assim o fez Zacoeia, que magnifica-
mente vestido, acompanhado de mui-
tas almadias com gente armada, e ins-
trumentos musicos, se chegou ao bór-
do da Capitania. Vasco da Gama, que
mandára esconder os enfermos, formou
os sãos, e robustos pelos bórdos da náo,
armados, e luzidos para receberem ao
Go-

Era vulg. Governador, que sobio com os seus; e saudou ao nosso Chéfe. Aos primeiros cumprimentos se seguio a meza, em grande cópia o vinho, que alegrou o coraçaõ do Barbaro pouco escrupuloso na observancia da sua Seita; e entre os fervores do estomago, e as complacencias do rosto, perguntou a Vasco da Gama: Se os seus eraõ Mouros, ou Turcos: de que armas usavaõ nos combattes: que Livros trazia da sua Lei, e que lhe fizesse o obsequio de os mostrar.

O Gama lhe respondeo: Que a sua Naçaõ habitava nas extremidades do Occidente: que usava nas batalhas das armas, que elle estava vendo nos seus soldados: que além dellas se servia das peças de artelharia, que guarneciaõ o convéz da sua náo; tormentas bellicas, que naõ só despedaçavaõ os homens, mas que deitavaõ por terra as muralhas mais firmes, sem lhe poderem resistir as Praças mais bem fortificadas: que naõ duvidava mostrar-lhe os Livros Santos da sua Lei, quando estivesse descançado das fadigas de jornada taõ

pe-

pessoa; que elle tinha de a continuar Era vulg.
até á India, e lhe pedia quizesse dar-
lhe Pilotos práticos, que o conduzis-
sem a Calecut; ficando certo lhe seria
proveitoso o beneficio, que lhe fizes-
se. Em tudo conveio o Governador;
que voltando depois a vêr o Gama com
hum grande presente, lhe trouxe para
a viagem da India a dous Pilotos, que
ficáraõ ajustados por 30 cruzados da
nossa moeda, e estabelecida huma con-
venção, que nos poderia ser vantajosa;
se fosse mais duravel, despida do sus-
to das contingencias.

Succedeo porém, que Zacoeia per-
cebesse, como os nossos eraõ Christãos;
noticia, que converteo em odio a ami-
zade precedente; e os desejos de aju-
dar-nos em intrigas para perder-nos.
Hum dos Pilotos fiel descobrio ao Ga-
ma as industrias, com que os Mouros
intentavaõ tomar-lhe as naos. O outro
o desampara; mas este lhe assegura,
que nada tema, e que elle basta para
o levar á India, ou se quizesse o con-
duziria á Ilha de Quiloa, que ficava
dalli cem leguas, aonde havia Chris-

Era vulg. tãos, e Mouros, que sempre andavaõ em guerra, e que entre os primeiros acharía muitos Pilotos déstros. Neste trajecto sobreviéraõ tormentas, que forçáraõ a Armada á arribar ao mesmo porto de Moçambique, donde sahíra. Quando Vasco da Gama aqui se detinha com cautéla, hum Arabio com seu filho, práticos na nautica, veio fallar-lhe a bórdo, e pedir-lhe quizesse levallos comsigo para os lançar em algum dos pórtos, donde lhes ficasse mais facil a jornada de Meca. Vasco da Gama lhe acceitou a offerta, e com estes Pilotos, e o de Moçambique, tornou a fazer-se á véla para Quiloa.

Naõ podéraõ as nossas náos ferrar o porto, ou porque os ventos eraõ ponteiros, ou porque o ultimo daquelles Pilotos, já arrependido da sua fidelidade, traçava perder-nos, e maliciosamente nos fez errar o rumo. Outro Piloto, que Paulo da Gama prendêra em Moçambique, continuando o engano do primeiro, nos persuadio navegassemos para Mombaça, que era huma grande Cidade cheia de delicias,

aon-

aonde moravaõ muitos Christãos, que nos serviriaõ de grande soccorro na cura dos enfermos, e para o fornecimento dos generos, que na Armada se necessitavaõ. Vasco da Gama, tendo perdido a metade da gente, levando muitos doentes, falto de bastimentos, naõ entendendo a simplaçaõ do Piloto; elle manda navegar a Mombaça, que já o esperava pelos avisos dos Mouros para traçar a sua ruina. Apenas os nossos lançáraõ ferro, em huma grande barca vieraõ cem Arabios armados, entre elles quatro distintos, que a tom de cumprimento quizeraõ subir á Capitania. O Gama lhes mandou fazer alto, e que só consentia a bordo os quatro Chéfes sem armas; prevençaõ, que elles muito lhe louvárao, como de Capitaõ prudente, que naõ devia fiar-se facil de gente naõ conhecida.

Eça vulg.

Passados os convites, protestações de amizade, no Domingo de Ramos, e dia 8 de Abril, o Rei de Mombaça mandou dous Deputados a Vasco da Gama, que por elles foi visitado da sua parte com hum refresco delicado, e

Era vulg. e persuadido: Que o porto, aonde elle chegava, era oppulento; a sua navegaçaõ para a India muito frequente: que o seu Rei para com os Estrangeiros tinha muita hospitalidade; e nada lhe faltaria no seu Estado de quanto apetecesse: que lhe pedia entrasse no interior do porto para mais facilmente o vêr, e tratar com elle os expedientes respectivos ao Commercio, que ambas as partes desejavaõ, e a elle o traziaõ a Regiões taõ remotas. Vasco da Gama condescendeo a tudo, quanto acabava de se lhe propôr, e mandou a dous dos nossos Desterrados acompanhassem os Ministros do Rei, que os recebeo com as demonstrações de hum prazer extremo; ordenando a alguns dos seus criados lhes fossem mostrar a formosura, as riquezas, a situaçaõ, as forças da Cidade. Quando houveraõ de voltar, lhes fez vêr todos os generos de especiarias, que se transportavaõ da India, e lhes deo as amostras para levarem ao Gama, ao qual podiaõ assegurar, que dellas lhe forneceria a cópia necessaria para carregar as suas náos, sem o descommodo

do de as procurar mais longe: obsequio, que elle queria fazer a hum Rei amigo; que buscava a sua correspondencia de tanta distancia a troco dos perigos dos seus Vassallos taõ estimaveis. *Era vulg.*

Naõ pode Vasco da Gama dissimular o gosto, que lhe causáraõ as boas novas, que os Desterrados lhe trouxeraõ. Elle manda levar ferro ás náos; a todo o pano se faz na volta do porto; mas a Providencia, que o guiava, dispôz que a corrente rápida fizesse ir caindo o seu navio sobre hum baixo; accidente, que o forçou a ferrar o pano com acceleraçaõ, e deitar ancora; ordenando aos mais navios fizessem o mesmo. Esta manobra naõ esperada, e naõ entendida, causou nos espiritos criminosos tal impressaõ, e nos dous Pilotos perfidos de Moçambique tal medo, por entenderem descobertos os designios da nossa entrega; que elles se lançáraõ ao mar para se salvarem nos barcos do porto, que nos rodeávaõ, e se pozeraõ em fugida, sem nos restituirem os Pilotos, que a altas vozes lhes pediamos. Entaõ conhecêraõ os nossos

Era vulg. o perigo, de que a piedade de Deos os livrára; e passados dous dias com a grande vigilancia, que impedio aos nadadores déstros da terra naõ nos cortarem de noite as amarras para darem as náos a travez, e por-lhes fogo; Vasco da Gama se levou, e fez na volta de Melinde no dia de Sexta feira Maior, com a esperança de achar nesta Cidade Pilotos, que o levassem á India.

Seguindo esta viagem, tomamos huma embarcaçaõ com quatorze Mouros commandados por hum Chéfe prudente, que deo a Vasco da Gama noticias individuais dos negocios da India; respondendo com consideraçaõ a todas as perguntas, e fazendo advertencias sérias a respeito do destino da nossa navegaçaõ. Alegres com estes auspicios, que nos prometiaõ felicidades, no Domingo de Pascoa avistamos a brilhante Cidade de Melinde plantada em hum bello campo, com casas de pedra, e cal ao modo da Europa, rodeáda de muitos pomares com todo o genero de frutas, os seus campos cobertos de arvoredos, os planos de immen-

sos

sos gados, e vistosos palmares. O seu Rei era Mouro; os moradores Gentios baços, de cabello revolto, nús da cintura para cima, e para baixo cobertos de pannos de seda, e algodaõ. Os nobres usavaõ de toucas com cadilhos de seda, e ouro; de arcos, settas, lanças, e alfanges; elles cavalleiros taõ déstros, como os Arabios entre elles habeis Commerciantes.

Era vulg.

A entrada do porto longe da Cidade, as rochas escarpadas, e abertas ás tormentas, foraõ os motivos, que obrigáraõ Vasco da Gama a ir ancorar perto della. Hum dos Mouros, que elle cativára, lhe lembrou o perigo a que estivera exposto pela perfidia do Rei de Mombaça; que naõ cresse logo ao de Melinde sem lhe explorar o animo: que fiasse só delle esta importante diligencia, em que lhe promettia cumprir com a maior exacçaõ os seus deveres: que naquelle porto estavaõ quatro náos de Christãos da India, que poderiaõ encontrar já prestes para voltar aos seus portos, e que a sua companhia lhe serviria de hum grande soccorro na via-

Era vulg. gem. Vasco da Gama, se por huma parte sabia o pouco que se devia fiar do Mouro, por outra pensava uteis as consequencias, se elle lhe tratasse verdade. Como na sua vida nada se interessava, elle o mandou pôr em huma Ilheta perto da Cidade, donde logo se retirou o bote; mas os naturaes vieraõ por elle, e o apresentáraõ ao seu Rei, que o ouvio attento expôr os louvores dos Portuguezes, a sua humanidade, a delicadeza da boa fé, as virtudes do Chefe, o muito que este desejava a sua amizade, e quanto era conforme ao seu caracter naõ a negar a huns homens bons, que de taõ longe lha vinhaõ pedir á sua mesma casa.

O Rei, que era muito velho, e enfermo; mas clemente, e instruido, estimou as noticias do Mouro, que fez restituir ás náos acompanhado de alguns dos seus familiares, que da parte de seu Amo cumprimentáraõ a Vasco da Gama, e lhe offerecêraõ hum refresco dos fructos de Melinde. Elle contribuio com outro dos generos de Portugal, e com tantas civilidades do seu espirito candi-

do,

do, que de ambas as partes se desterráraõ as suspeitas. Resolveo-se o Chéfe ancorar junto da terra, e foi surgir entre as quatro náos dos Christãos de Crangalor, que naõ podéraõ conter o alvoroço á vista da gente, que professava os seus mesmos Dogmas, nem os nossos o prazer na contemplaçaõ, de que no remoto Oriente descobriaõ vestigios dos primeiros Apostolos nos descendentes dos Christãos primitivos, que havia tantos seculos elles geráraõ no Evangelho. Estes homens nos preveníraõ com as verdadeiras cautélas bem confórmes ao tempo, á situaçaõ dos nossos negocios, e á segurança da nossa viagem. Era vulg.

CAPITULO V.

Do mais que succedeo a Vasco da Gama em Melinde, e como chegou aos pórtos de Calecut na India.

O Rei de Melinde, que sincéramente queria a nossa communicaçaõ, e desejava vêr-nos, naõ o podendo fazer

Era vulg. pelos ſeus annos, e moleſtias, mandou ao Principe Regente, ſeu filho, com o mais luzido da ſua Corte em huma almadia brilhante, que rompeo a voga ao ſom de muitos inſtrumentos, para viſitar Vaſco da Gama a bordo das náos. Eſte Chéfe ſahio no batel a eſperallo em diſtancia proporcionada; e apenas ſe amparou da almadia, o Principe entrou nelle de hum ſalto, e ſe deixou cahir affavel, e riſonho nos braços de Vaſco da Gama, apertando-o em laços de amizade eſtreita, como ſe ella foſſe a mais antiga, e as viſtas depois de larga auſencia. Chegados ás náos, o Principe como ſe naõ reſpirára o ar barbaro daquelles climas, entreteve huma converſaçaõ taõ prudente, e advertida, que parecia hum dos mais civiliſados, e bem inſtruidos da illuminada Europa. Elle reparava no Gama, como admirando hum homem de outra eſpecie; nas náos como em fábrica ſuperior á induſtria humana, e naõ regateava géſto, ou ſignal, que foſſe demonſtrativo da ſua complacencia para comnoſco.

Vaſ-

Vasco da Gama, que da sua parte queria praticar o mesmo, lhe fez presente dos quatorze Mouros pouco antes captivos, que elle estimou como huma marca da nossa gratidaõ, e condescendencia. Fiado nella, o Principe lhe pedio fizesse a seu Pai o obsequio de o ir vêr, como elle anciosamente desejava, e da sua parte naõ podia satisfazer pelas justas causas, que elle naõ ignorava. Desculpou-se o Gama com a observancia das ordens do seu Rei; mas mandou com elle dous dos Cavalleiros mais distinctos da Armada, e despedidos elles a veio ancorar o mais perto que pode da Cidade. Elle mostrou ao Principe o crédito da sua boa fé em naõ querer acceitar hum filho seu, e outros Fidalgos em refens da fidelidade do trato o tempo, que se demorou no porto: urbanidade do Principe taõ estimada, que segunda vez veio derramar benignidades a bórdo das nossas náos; que o obrigáraõ a naõ poupar-se a diligencia, que fosse interessante ao nosso cómmodo; e que fielmente o conduzio a dar-nos Piloto

Era vulg.

pra-

Era vulg. pratico, e leal, nascido nas mesmas margens do Rio Indo, que nos levasse aos pórtos de Calecut: asseguRando-lhe a impaciencia com que o esperava na torna-viagem, para mandar na sua companhia hum Embaixador ao Rei de Portugal.

A 24 de Abril, ou a 10 de Maio, que ambas estas opiniões achamos nos nossos Historiadores, sahio Vasco da Gama do porto de Melinde, e emproou o grande golfo para a parte Septentrional. Passados poucos dias, tivéraõ os nossos o prazer de descobrir em Asia o nosso Polo Arctico, e nelle as Ursas Mayor, e Menor, que no anno antes víraõ a pezar de Jono, como diz Camões, affogar-se nas aguas de Neptuno. Continuando a viagem, no dia 17 de Maio, ou 13 de Junho, avistámos huma terra alta, que por causa de huma nevoa espessa, naõ foi conhecida do nosso Piloto de Melinde; mas dous dias depois na manhã de hum Domingo apparecêraõ na nossa frente os altos montes de Calecut, que ficaõ em pequena distancia desta grande Cidade,

fim

fim da nossa navegaçaõ, já olhada como termo ultimo de onze mezes dos mais penosos trabalhos. Correo o Piloto a pedir alviçaras a Vasco da Gama, que lhas deo com toda huma maõ aberta; com a outra, e os olhos levantados ao Ceo graças ao verdadeiro Deos; com a lingua liberdade aos prezos sediciosos do tempo da tempestade no Cabo da Boa-Esperança, para que todos fossem participantes do júbilo, que lhes devêra causar o exito feliz de huma façanha no mundo inaudita, merecedora de applausos eternos, digna das memorias, e do reconhecimento de todas as idades.

Era vulg.

Soltando flamulas, e galhardetes, as nossas náos déraõ fundo em distancia de duás leguas da Cidade de Calecut. Pela gente de dous barcos, que logo viéraõ ao nosso bórdo, soubémos naõ ser aquelle o lugar da ancoragem; o sitio ém que residia o Rei, e outras particularidades, que obrigáraõ Vasco da Gama mandar á terra hum dos degradados na companhia dos mesmos Mouros, que se faziaõ entender em lin-

Era vulg. lingua Arabia. A estranheza da figura, e do traje deste Emissario, attrahio de tropel gente innumeravel, que o levavaõ de huma para outra parte, todos fallando, perguntando, inquirindo, elle sem os entender, nem ser entendido. Acaso se encontrou com dous Mercadores de Tunes, hum delles chamado Monçaide, que conhecendo-o Europeo pelo traje, lhe fallou Hespanhol; e perguntou pela Naçaõ. Sabendo que era Portuguez, o conduzio, e regalou em sua casa com demonstraçaõ de amizade, e para lhe dar della próvas mais constantes, se offereceo para ir na sua companhia visitar, e instruir o Chéfe das suas náos nos estylos da terra.

Acceitou o nosso Emissario a offerta: viéraõ ambos a bórdo da Capitania, aonde Vasco da Gama derramou sobre Monçaide huma innundaçaõ de civilidades, que obrigáraõ o Mouro a offerecer-se no seu serviço sem reserva; a informallo como o Rei chamado Çamorim residia na Cidade de Panane, cinco leguas distante daquelle lugar; que elle amava muito os Estrangei-

geiros; desejava contrahir allianças de Commercio com os Reis da Europa, de que tinha noticia; que a gloria, e o interesse tinhaõ muita parte nos seus movimentos; ambicioso de fazer conhecido o seu nome, e o seu poder, de avançar as rendas da Coroa por meio do trato com as Nações; e que vindo elle de taõ longe cumprimentallo da parte de hum Rei recommendavel, podia assegurar-lhe, que encontraria hum acolhimento bem confórme ao seu desejo: que elle Monçaide tinha largo conhecimento, e muito trato com os Portuguezes do tempo, em que as náos do Rei D. Joaõ II. hiaõ a Tunes buscar muitos generos para os Armazens Reaes de Lisboa. Alvoroçou-se o espirito do nosso Chéfe com esta relaçaõ taõ agradavel, e resolveo, que no dia seguinte fosse Fernaõ Martins com outro Portuguez na companhia de Monçaide a Panane cumprimentar o Rei da sua parte, e dar-lhe a da chegada dos Portuguezes ao seu porto para o obsequiarem confórme as ordens do seu Soberano.

Era vulg.

O

Era vulg. O Çamorim, que com a noticia da vinda dos nossos Enviados, entrou no desejo de os vêr, naõ lhes demorou a audiencia, em que Fernaõ Martins por meio do Mouro interprete, disse: Que chegando aos ouvidos do magnifico Rei de Portugal a fama do seu nome, da sua reputaçaõ, do seu poder, da grandeza do seu Estado, Elle lhe mandava por Embaixador hum dos seus grandes Capitães para tratar com a Sua Magestade huma alliança, amizade, hum pacto indissoluvel: Que fosse servido marcar-lhe dia, e lugar para huma audiencia, em que elle lhe explicasse as intenções do seu Rei, para a sua pessoa ingenuas, para os seus Estados interessantes. Respondeo o Çamorim, que lhe era muito agradavel a chegada do Capitaõ Portuguez, e ainda mais as boas intenções do Rei seu Amo, que elle naõ podia deixar de estimar, e attender: Que em quanto naõ chegava á sua presença, mudasse de ancoragem, e trouxesse as náos para o Cabo de Gate mais visinho a Panane, por ser perigosa no Inverno a situaçaõ,

aon-

aonde elle lançára ferro, e que imme- Era vulg.
diatamente lhe daria a audiencia, que
Vasco da Gama pedia, e elle dese-
java.

Assim despedio o Rei aos nossos Of-
ficiaes, que mandou acompanhados de
hum Piloto prático para conduzir as
náos ao lugar marcado. Elles déraõ
conta da sua negociaçaõ ao Chéfe, que
já circunspecto com a experiencia dos
casos passados, desconfiado das intrigas
de Nações incognitas, dispoz as cousas
com a segurança necessaria para naõ
malograr o fim de taõ penosa viagem.
Ouvidos os do seu Conselho, determi-
nou Vasco da Gama ser elle só o que
se expozesse a todos os perigos; que
se a sua pessoa se perdesse, a Fróta se
salvasse, e viesse dar parte a Portugal,
de que o caminho da India elle o dei-
xava aberto. Com este designio mag-
nanimo, filho da sua sabedoria, expe-
riencia, e valor, elle encarrega o go-
verno das náos a seu irmaõ Paulo da
Gama, e a Nicoláo Coelho, com or-
dem, que sem demora se façaõ na vol-
ta de Lisboa logo que souberem, que

Era vulg. a elle o mataõ, ou fazem prisioneiro: que nada importa se arruine Vasco da Gama com tanto que o Rei, e a Patria naõ fiquem defraudados da glória, que lhes resultava de haverem as quilhas Portuguezas sido as primeiras, que rompêraõ os mares do Téjo até ao Ganges, de Lisboa a Calecut, da Europa até a Asia.

Dadas com a ultima precisaõ estas ordens, Vasco da Gama se embarca em huma falúa brilhante no porto de Pandarane, aonde viéra ancorar, sem mais companhia, que a de doze soldados, que com elle se quizéraõ arriscar, e seguillo por decencia da pessoa, e authoridade do cargo. Na praia o esperava mandado pela Corte o Catual, que era hum Official destinado para conductor dos Estrangeiros distinctos. Elle tinha bordado a praia do desembarque com hum corpo consideravel de Fidalgos, que chamaõ Naires, e outra quantidade prodigiosa de Indios postados sobre as armas. Á abordage da falúa soáraõ innumeraveis instrumentos, que feriaõ os ares, e mal se deixavaõ ouvir pe-

pelo estrondo dos vivas clamorosos de tanto Povo. A Nobreza, e elle engrossárao o cortejo de Vasco da Gama, e do Catual, que em hombros de homens foraõ conduzidos como em triunfo para a Corte de Calecut, onde viéra o Rei a esperallo.

Na entrada desta Cidade levou o Catual ao Gama a hum Templo magnifico, de soberba estructura, em tudo semelhante ás nossas Igrejas. Como se nos tinha assegurado, que por aquelles contornos haviaõ muitos Christãos, que descendiaõ dos primitivos regenerados pela doutrina Apostolica; Vasco da Gama entendeo ser o Templo huma das Casas de sua Oraçaõ destinadas ao culto do Deos Verdadeiro. Á pórta delle o esperavaõ quatro homens nús da cintura para cima, com tres cintas do hombro até debaixo do braço opposto, que depois de fazerem ao Gama huma reverencia profunda, o levaraõ pelo interior do Templo até huma Capella, aonde estava de pintura huma imagem, que a escuridade do sitio naõ deixou ser conhecida dos nossos.

Era vulg. sos. Os quatro conductores a apontáraõ com o dedo, clamando no seu idioma as vozes, que no nosso faziaõ perceber repetido o nome de Maria. Ouvido elle, o Catual, e os Naires postrados por terra adoráraõ ao Simulacro; e como os nossos se acabáraõ de capacitar, que estavaõ em huma Igreja de Christãos, aonde suppunhaõ collocada a Imagem da Soberana Estrella do Mar, que por tantos desconhecidos os trouxera a salvamento aos pórtos da India; elles póstos de joelhos, com lágrimas de ternura déraõ graças á Mãi das misericordias, e lhe pedíraõ o amparo para os acontecimentos futuros.

Sahidos do Templo, e levados a outro de menor grandeza, em fim os nossos rodeados de mais de tres mil Naires, ao som de trombetas, e outros instrumentos, foraõ conduzidos á presença do Rei. O concurso do Povo era taõ numeroso, que os Naires com a espada na maõ tinhaõ de abrir caminho pelo centro delle para passarem Vasco da Gama, e o Catual até chegarem ao Paço. Os Senhores da Corte chamados

Cai-

Caimães, que saõ os Fidalgos destinados para fazer as honras nos dias de Ceremonia, vieraõ á primeira pórta receber o Gama, e o conduzíraõ á da Sala da Audiencia. Nella o esperava hum Velho veneravel, vestido em huma roupa larga toda branca, naõ menos respeitavel pela sua idade, que pelo ar do Sacerdocio na qualidade de grande Bramane, primeiro Pontifice, ou Capellaõ Mór do Rei. Depois delle lançar os braços a Vasco da Gama com agrado magestoso, o levou pela maõ até a antecamara Real precedido de muitos Officiaes, que foraõ tomando assento em cadeiras fabricadas com delicadeza, e plantadas em fórma de amphitheatro. O Rei estava ao modo Asiatico recostado em hum leito magnifico de campanha, scentelhando luzes dos dedos dos pés até ao turbante da cabeça os innumeraveis brilhantes, e pedras preciosas, que matisavaõ as suas roupas, e estavaõ com subtileza cravadas nas suas joias, ornato rico de Rei taõ poderoso.

Era vulg.

Naõ se esqueceo o nosso Damiaõ de Goes de nos representar aos pés des-

te

Era vulg. te Rei hum dos Officiaes antigos da sua guarda com hum vaso de ouro na maõ cheio das folhas da herva, que os Malabares chamaõ Betelle, e os Arabes Tambul, que os Principes da Asia mascaõ continuamente para lançarem huma respiraçaõ agradavel, e refrescarem a sede com pouco uso da agua. Vasco da Gama saudou ao Çamorim como Rei com as genuflexões ao modo Europeo; e chegado ao leito elle lhe pegou da maõ, e junto a elle o fez assentar em huma Cadeira, que lhe tinha prevenida. Aos seus Portuguezes ordenou, que fizessem o mesmo. Mandou vir agua para todos purificarem as mãos, e as boccas; varios fructos para se recrearem do trabalho de taõ longa viagem, e depois destas Ceremonias perguntou a Vasco da Gama sobre que assumptos o Rei D. Manoel o mandava á sua presença. Elle lhe respondeo, que naõ era conforme á razaõ de Estado dos Principes, nem uso praticado pelos Reis da Europa ouvirem em público os Officios dos Embaixadores Estrangeiros: que quando elle quizesse, presentes só

as pessoas da sua confidencia, entaõ lhe communicaría as intenções ingenuas do Rei seu Amo, que todas eraõ respectivas á glória, á reputaçaõ, aos interesses da sua pessoa, e Estados com mutuos interesses.

Teve o Çamorim por justo o requerimento do Gama; e levando-o a outro quarto adereçado com maior magnificencia, que o primeiro, na companhia do grande Bramane, e de poucos Officiaes de fidelidade provada, lhe ordenou expozesse a sua Commissaõ. Vasco da Gama, pondo-se presente todo o seu espirito, com hum ar ao mesmo tempo que respeitoso, e sobmisso, agradavel, e féro, assim lhe falla: O Grande, o Invicto Rei D. Manoel, que com virtude de Principe, admiravel em dignidade, domina no ultimo Occidente o vasto terreno de Portugal, e nelle a Naçaõ mais destemida do Universo; ambicioso pelas emprezas da maior honra, amigo da grande glória, que se adquire por meio de grandes trabalhos; estimando pela maior unir a todos os Reis em hum na amizade, no

Em vulgar trato, no Commercio, que fazem de todos os Póvos huma só Naçaõ, o Orbe, da terra Patria commua, todos os seus Soberanos como huma só Monarca; chegando aos seus ouvidos juntamente com o rumor da India, a fama de teu augusto nome, a grandeza, a oppulencia, a cultura, a civilidade do teu Imperio de Calecut; elle me mandou, que rompendo mares immensos, devaçando golfos, e enceadas temerosas, montando Cabos, e Promontorios horrendos, viesse errante buscar a Asia até ferrar o porto da tua Corte, aonde da sua parte te offerecesse amizade perpetua, trato franco, correspondencia effectiva, tudo conforme ao caracter respeitoso das duas Magestades contratantes. A utilidade mutua desta grande alliança he o destino unico, que me traz do Téjo ao Ganges, de Portugal a Calecut. Esta he a materia da minha commissaõ, que espera lhe introduza o espirito a tua Real approvaçaõ, que fará felices ambos os Imperios.

O Çamorim em poucas, mas ponderosas palavras disse: Que a alliança

com

com Principe taõ excellente lhe era gratissima: que conviria em tudo, quanto da sua parte se lhe propunha; e que se fazia huma honrosa vaidade de reconhecer por irmaõ ao Rei D. Manoel de Portugal. O resto da audiencia se passou em perguntas, que fez o Çamorim sobre o poder, os costumes, os exercicios do mesmo Rei; sobre as aventuras, o trabalho, o rumo da grande navegaçaõ de Portugal á India: demandas, a que Vasco da Gama respondeo, naõ só com modos, que lisongeassem a curiosidade do Principe, naõ só com descripçaõ fiel da sua derrota, naõ só com as exagerações, que os viajores fizeraõ inseparaveis do seu caracter; mas com os encarecimentos honestos, que dessem tom magestoso á sua negociaçaõ. A attençaõ, com que o Çamorim o ouvio a respeito do poder do Rei, e riquezas de Portugal, dobrou no seu espirito a complacencia; concebeo dos nossos huma estimaçaõ mais viva; deo a Vasco da Gama todas as demonstrações de bom agrado, e ordenou ao Catual o accommodasse com grandeza correspondente

Era vulg.

Era vulg. respondente á da pessoa do Soberano, que representava, e a do hospede, que o recebia.

CAPITULO VI.

Descripçaõ breve da India, e dos mais successos de Vasco da Gama até voltar para o Reino.

NOS tres dias, que Vasco da Gama se entreteve no quartel, que lhe preparou a Corte do Çamorim, he provavel se informasse da extensaõ da India, da qualidade, e costumes dos seus Póvos. Ainda que com menos illustraçaõ da que nós témos hoje, elle saberia, que aquella grande Regiaõ corre dos 106 gráos até aos 150 de longitude, e dos 7 até aos 43 de latitude Septentrional: Que ella tomára o nome do Rio Indo, que os naturaes chamaõ Indostan, e se dividia em tres partes, a saber, o Imperio do Mogol, e as duas Peninsulas separadas pelo golfo de Bengala: Que na Peni-

nin-

ninsula dàquem do Ganges se com- E. ra vulg.
prehendiaõ os Reinos de Golconda, de Visapur, de Decan, de Onor, de Barcelor, de Canará, de Calecut, de Coulaõ, e outros na parte Occidental; e na Oriental da mesma Peninsula a Cósta de Coromandel, aonde se encerraõ os Estados de Negapatan, Meliapor, S. Thomé, Bisnagar, Narsinga, Orixa, e outros: Que na segunda Peninsula além do Ganges, se continha parte dos Reinos de Ava, de Pegú, de Arracan, o antigo Reino dos Bramas, a Cochinchina, o Tunquin, e da outra parte Martabaõ, Cambaya, e Siaõ.

Entaõ poderia elle saber, que esta vasta extensaõ de terreno confinava ao Nascente com a Persia, ao Levante com o Ganges: que os Montes Damasianos, e o Meandro o separaõ da China: que tem ao Meio-Dia o golfo de Bengala, e o mar das Indias descendo por elle até Calecut para o Septentriaõ, e que o Monte Caucaso a sepára da Tartaria: que os dous Rios Indo, e Ganges, que innundaõ o mesmo terreno,

e

Era vulg. e daõ por elle muitas voltas, se engrossaõ com as aguas de outros muitos, que nelles se escondem, até se lançarem com impeto por grandes, e profundos canaes no Oceano.

Os Malabares pelas noticias dos Geografos antigos instruiríaõ a Vasco da Gama, e lhe faríaõ crêr, como na India houvéraõ nove mil Póvos differentes, e cinco mil Cidades da primeira grandeza, entre as quaes se distinguia a célebre Nysa, que dizem ser Patría, e fundaçaõ de Baccho, por isso chamada Nisêo pelos Poetas. Elles lhe mostraríaõ nas suas Historias, como muitos annos antes do grande Alexandre passar á India, e vencer ao Rei Poro; Semiramis, mulher de Nino, Rei dos Assyrios, a havia penetrado com os seus exercitos, deixando nella marcas constantes do seu valor.

Vasco da Gama observou, que estas gentes viviaõ engolfadas no centro da Idolatria, e que para os Cultos da superstiçaõ tinhaõ Templos innumeraveis. Todo o fundo da sua Religiaõ, vio elle que consistia no respeito aos

Sa-

Sacerdotes, que chamavaõ Bramanes, e estimavaõ como Erarios das Sciencias Divinas, e humanas; nada obrando, nem ainda os mesmos Reis, sem a decisaõ de huns homens, que entendiaõ se lhes inspirava do alto quantas patranhas elles organisavaõ nos cerebros. Elles traziaõ ao hombro huma como as Estólas dos nossos Diaconos; mas formadas de tres fios separados, que elles diziaõ marcar a triplicidade na Unidade da Natureza Divina; e que esta Essencia huma viéra á terra conversar com os homens, e resgatallos da péste sempiterna, e devoradora, que antes os consummia. Verosimil he, que tradiçaõ semelhante os Malabares a recebessem dos Christãos primitivos, que sabemos gerára no Evangelho o Apostolo S. Thomé, por ser constante, que elle prégára nas Regiões da India, aonde aquelles Christãos tomáraõ o nome do mesmo Apostolo.

Saberia mais Vasco da Gama, como estes primeiros Christãos foraõ infestados, e corrupta a pureza da sua doutrina pelos Bispos Nestorianos, que

Erra vulg.

Era vulg. que depois da sua derrota, no Concilio de Efeso, foraõ derramar o veneno das falsas opiniões entre a innocencia daquelles Póvos. Nós vimos depois, quando nos estabelecemos na India, a facilidade com que aquelles Christãos de S. Thomé fizéraõ profissaõ da Religiaõ Catholica, sem alguma reserva do Culto Nestoriano, submettendo todos os seus Livros á correcçaõ dos nossos Arcebispos Primazes. Os outros Malabares vivem no fundo da superstiçaõ; adoraõ os elementos, os brutos, e outros sevandijas abominaveis. Todos os outros costumes destas gentes, que depois foraõ melhor observados pelos nossos, os trataõ ao largo, entre outros Historiadores, o grande Osorio, e o exacto Damiaõ de Goes.

Ultimamente Vasco da Gama empregaria o seu cuidado em observar as qualidades do corpo da Nobreza da India, que chamaõ Naires: huns homens, que casaõ batendo na sepultura para naõ affeminarem as idades robustas, que só entendem necessarias para o uso das armas. As pessoas da sua

clas-

Era vulg.

classe de ambos os sexos, que se apartaõ nos matrimonios da igualdade, morrem infallivelmente ás mãos dos outros Nobres. A mesma pena tem os plebeos, que os offendem; e quando estes marchaõ pelos caminhos publicos, saõ obrigados a ir gritando, porque se succeder, que por elles venha algum Naire, os avise antes de chegar a elles para se apartarem do caminho, desviarem o encontro, e lho deixarem livre. Os filhos naõ tem parte na herança dos Pais, que temem naõ sejaõ seus, mas os filhos das filhas, que elles estimaõ por verdadeiros netos.

Porém sendo este o caracter dos Malabares, teve Vasco da Gama menos motivos para desconfiar delles, que da fraudulencia dos Mouros, nossos irreconciliaveis inimigos. Passados os tres dias, que se lhe déraõ de descanço, o Catual o levou á segunda audiencia, em que apresentou ao Camorim as cartas, e presente mandados pelo Rei D. Manoel. Vio o Gama, e quiz remediar com satisfações dadas á

pro-

Era vulg. propósito o desprezo, que se fez do presente, e que as cartas naõ fossem lidas, e interpretadas pelos Mouros; mas pelo fiel Monçaide, ou pelos Malabares, que entendiaõ a lingua Arabia; Já receoso Vasco da Gama, de que a seu prejuizo hiaõ produzindo effeito as accusações, que elles faziaõ ao Catual pelo haver admittido na Corte; sendo hum Corsario, que andava infestando gentes; hum pirata, que fazia escumar os mares; que por toda a parte, por onde passára, deixou rasto das suas atrocidades; que era hum espia dos Reis da Europa, que quereriaõ dominar a Asia com a mesma ambiçaõ, com que o Rei de Portugal já senhoreava Africa.

Tinhaõ chegado aos ouvidos do Rei estas, e outras muitas sugestões, parte nascidas do odio, que os Mouros tem ao nome Christaõ; parte do temor, naõ succedesse que o nosso estabelecimento na India fosse a causa da sua expulsaõ; tudo idéas tristes, que os esforçavaõ para metter em obra todos os estratagemas, que promovessem

a nossa ruina. Como sabiaõ por experiencia, que o Rei era instavel, vário, sem firmeza nas resoluções, já inclinado a hum, já a outro partido, os Mouros determinaõ mandar-lhe huma Deputaçaõ; e na testa della hum homem habil; que com eloquencia persuasiva o ponha de huma vez firme a favor dos seus interesses. Dada audiencia aos Deputados, assim fallou em nome de todos o simulado Sarraceno:

Era vulgar

Consulta, grande Rei, os teus Annaes; ouve os teus Sabios; attende ao teu Povo, que todos te diraõ a huma voz; como os Sarracenos já mais foraõ inuteis ao teu Imperio. Na diuturnidade dos seculos se firma a nossa fidelidade para com elle, seja no respeito, que sempre rendemos aos teus Predecessores; seja no serviço, que lhes havemos feito; seja nos interesses com que o nosso Commercio lhe tem engrossado as rendas. E será possivel, que depois de experiencias taõ longas, tu nos hajas de preferir estes homens vindos de novo? Tu naõ conheces, como nós, os seus costumes. Isto he huma gente taõ ar-

Era vulg. arrastada da ambiçaõ, que tem aniquilado Nações inteiras, que nunca a offendêraõ. Tu crês, que com idéas de Commercio vem estes monstros rompendo perigos a Regiões taõ apartadas? Elles saõ huns Pyratas, que te vem enganar com cartas fingidas; naõ os creas. Se com effeito o seu Rei os manda, naõ o obrigaõ os desejos da tua amizade; mas o ardor da sua ambiçaõ para explorarem a tua Cidade, e virem depois com mais forças sobre os teus Estados. Com industrias semelhantes elles naõ invadíraõ as Cidades mais fórtes de Africa? Elles com enganos naõ tem occupado a maior parte da Ethiopia? Se estes poucos, que agora estaõ nos teus pórtos saõ, ou naõ huns ladrões públicos, digaõ-o as atrocidades, que por mar, e terra cometteraõ na viagem contra Moçambique, e Mombaça? Que esperas te succeda com elles, quando voltem com mais poder á tua Casa? Córta a vergontea, que nasce, antes que se faça tronco robusto, que te occupe o terreno, donde naõ possas arrancallo. Em fim, Senhor, esta-

sa gente naõ soffre Leis de ninguem, e as quer dar a todos. Se tu naõ os enforcas como Pyratas, senaõ os fazes morrer como Espiões, entaõ mostrarás hum arrependimento sem fructo; quando vires que elles revolvem a Asia, assim como perturbaõ a Europa, e a Africa.

Era vulg.

Humas expressões taõ vivas, que já representavaõ abalado o Throno, naõ podiaõ deixar de fazer no espirito do Çamorim as impressões, que os Mouros desejavaõ. Vasco da Gama a todos os acontecimentos prevenido, cuidadoso em salvar as nãos, pôde embarcar-se, levar ferro, e vir a Pandarane, antes que o Catual lho impedisse. Como esta retirada nocturna, e repentina fazia abortar os designios dos Mouros; elles instáraõ com o Çamorim mandasse pelo Catual informar-se do motivo, porque Vasco da Gama abandonára o porto, e persuadillo voltasse para Calecut. A todas as instancias deste Official resistio o nosso Chefe, convindo sómente em desembarcar as mercadorias, que havia cambiar pelos generos

da

Em vulg. da terra, e deixar nella por Feitôr a Diogo Dias, e por Escrivaõ a Alvaro de Braga para tratarem do Commercio.

Querendo porém justificar-se com o Çamorim, e informallo da trahiçaõ, que os Mouros por meio do Catual urdiaõ contra elle, lhe escreveo pelo mesmo Feitor. O Principe, que tudo ignorava, nem déra ordens para a nossa perseguiçaõ, assegurou a Vasco da Gama debaixo da palavra Real: Que se informaría do proceder do seu Ministro, o castigaría como merecesse, e que mandasse as mercadorias para Calecut, aonde as vendería melhor, que em Pandarane. Fiou-se o Gama nesta palavra, e a crêo mais firme depois de chegar as náos a terra, quando vio que a sua gente vendia livremente os generos sem contradiçaõ. Na supposiçaõ de que as intrigas dos Mouros estavaõ derrotadas no conceito do Principe; elle lhe propôz o muito que era conveniente na sua ausencia deixar na Corte hum Feitor, que tratasse com a sua pessoa os negocios do Rei D. Manoel, e dos interesses do Commercio.

Fa-

1498. Fatal foi esta proposta, que naõ sendo entendida pelo Rei, elle a teve por huma industria dirigida a huma continua fraude nos direitos da sua fazenda; idéa, que o fez recahir nas suas primeiras suspeitas, e que lhe soprou a cólera para vaporar contra nós as ameaças. Vasco da Gama quiz remediar a inadvertencia com o silencio; mas elle deo mais corpo ás suspeitas, e fez lavrar o decreto de prisaõ contra os dous Portuguezes, que tinhamos em terra, e o da confiscaçaõ das nossas mercadorias. Para a soltura dos primeiros, e restituiçaõ das segundas foraõ inuteis todas as instancias do Gama, que naõ podendo soffrer calado esta injúria, rompeo os expedientes da negociaçaõ para se despicar com as armas. Elle esperou a primeira embarcaçaõ de Calecut, que entrasse no porto, e lançando-se a ella fez prisioneiros seis Officiaes distinctos com alguns criados, deixando o resto da tripulaçaõ livre para levar ao Çamorim a noticia, de que os Portuguezes, poucos, taõ longe da Patria, no centro de hum Imperio poderoso, naõ eraõ

Era vulg.

ca-

Ep. vulg. capazes de sopportar callados injurias da honra.

Com esta preza, Vasco da Gama se fez á véla, e andou pairando quatro legoas da barra de Calecut. Vendo, que ninguem o procurava, se pôz quasi a perder de vista, aonde o seguio hum aviso do Rei, admirando-se da sua manobra, muito mais de se retirar sem resposta das cartas, que lhe trouxera do Rei D. Manoel. Este recado, que era o mesmo que elle esperava, o reconduzio ao porto, aonde no dia seguinte os pressos lhe foraõ enviados a bórdo com a resposta das cartas, com protestos de amizade, com permissaõ para deixar na Corte o Feitor, que sería defendido pelos Naires do insulto dos Mouros. O Gama já circunspecto, nada crêo; pedio a sua fazenda; e quando laborava esta negociaçaõ, o fiel Monçaide veio a bórdo representar os novos ardís dos Sarracenos; que elle estava perdido por nossa causa, e nos rogava quizessemos trazello para Portugal, por ter certa em Calecut a perda da vida. Os nossos o recebêraõ com o agrado, que elle me-

abundancia pelos serviços, que nos fizera, e em Lisboa abraçou o Christianismo: felicidade com que lhe ficáraõ bem conpensados os trabalhos, que teve a nosso respeito, as fadigas da viagem, e perda do cabedal. Era vulg.

No mesmo dia quizéraõ abordar ás náos sete almadias, em que se dizia vinha a nossa fazenda mandada por El-Rei, para levarem em retorno os Malabares prisioneiros. Vasco da Gama respondeo, que elle naõ se embaraçava com fazenda, nem cria recados: que os Malabares lhe eraõ necessarios em Lisboa para atestarem ao seu Rei as injúrias, que se haviaõ feito em Calecut aos seus Vassallos, especialmente ao seu Embaixador; mas que empenhava a sua palavra, de que os Portuguezes os reconduzissem ao mesmo porto. A estas ultimas palavras respondeo o fogo, que o Gama mandou fazer sobre as almadias para as desviar. O Çamorim sentio com extremo a nossa resoluçaõ, e porque as náos andavaõ em calma pouco distantes da barra, teve tempo de mandar sessenta barcas, que nos viessem inves-

Era vulg. tir; mas a tormenta, que sobreveio as desgarrou da conserva, e nos privou de huma victoria nesta primeira viagem.

Vasco da Gama antes de sahir da Costa se despedio do Çamorim por huma carta toda de attenções, em que lhe dava conta da perfidia do Catual, e dos Mouros: que ella naõ produziria algum effeito nas boas intenções do Rei D. Manoel para com a sua pessoa: que sentia partir-se sem ter a honra de o vêr, porque lho impedia a necessaria segurança da vida, e dos negocios do seu Soberano: que elle levava os Malabares a Portugal para lhes mostrár; mas que no anno seguinte sem a menor dúvida seríaõ restituidos a suas casas; e que elle nada desejava tanto como darlhe próvas de hum zelo constante no seu serviço. O Çamorim se mostrou satisfeito com esta carta, que fez lêr aos parentes dos prisioneiros para desaffogarem a saudade com as esperanças.

Seguio o Gama a sua viagem com calmarias contínuas, que o leváraõ a humas Ilhas, aonde foi acomettido por

oi-

oito navios de remo, mandados pelo Corsario Timoja, depois nosso Servidor taõ fiel, como dirá a Historia. O nosso fogo pôz sete em fugida, e tomamos hum, que achamos bem provido de armas, e mantimentos. As nossas náos depois de navegaçaõ taõ longa necessitavaõ limpas, concertadas, e com este designio buscou Vasco da Gama a Ilha de Anchediva, que ficava pouco distante da terra, aonde mandou espalmar as náos, e teve o divertimento de tratar homens de Nações differentes attrahidos pela curiosidade de verem a nossa. Entre outros se apresentou a Vasco da Gama hum moço de boa figura, bem instruido na lingua Italiana, que disse ser criado do Çabayo, Senhor de Goa, mandado por elle visitar o nosso Chefe, e offerecer-lhe quanto precisasse para o fornecimento das náos. O Gama já difficultoso em crêr, e facil em desconfiar, teve ao Emissario por espia; prendeo-o, e o mandou metter a tormento para declarar o designio verdadeiro da sua commissaõ.

Em vulg.

10. Naõ teve difficuldade o fingido Ita-

Era vulg. liano, que se dizia criado na Grecia, e que passára no serviço de hum Mouro á Asia, em confessar que elle era hum Judeo nascido em Polonia; que servia ao Çabayo; que este o mandára observar a força da sua Esquadra com o intento de a sobprender; que sem embargo delle parecer Mouro na Religiaõ, que interiormente respeitava a Fé de J. C., e por isso queria vir a Portugal para fazer della pública profissaõ, como fez com effeito; tomando o nome de Gaspar da Gama, e servindo a El-Rei D. Manoel com tanta fidelidade, que lhe fez muitas honras, deo officios, e tenças, com que passou a vida rico, e estimado. Com este aviso, Vasco da Gama a toda a diligencia fez apprestar as náos, e no dia 5 de Outubro do anno de 1498 navegou para Melinde com tempos contrarios o espaço de quatro mezes, com perda de vidas, com continuados trabalhos, até avistar a Cidade de Magadaxo no fim do Golfo, já na Cósta de Ethiopia.

Como este porto era habitado de Mouros, e delles tinha o Gama recebi-

bido tantos efcandalos, naõ lhes quiz retardar o refentimento, ou a vingança. Elle fe arrimou aos muros, e com hum fogo bem fervido os pôz por terra; deftroçou muitas náos, que eftavaõ no porto; deo fogo a outras, e derramou o terror entre os moradores. Correndo a Cófta, já diftante dez legoas de Melinde, viéraõ oito navios de Pate tomar-lhe contas do que acabava de fazer em Magadaxo. Baftou a refoluçaõ, com que os atacamos, para fe pôrem em fugida, fem nos permittir o vento contrario, que os feguiffemos. A fete de Fevereiro do anno de 1499 entrou Vafco da Gama em Melinde a receber os agrados, que tiveraõ de fegundos fer repetidos. Com os neceffarios provimentos, fem mais demóra que a de cinco dias, e tomado a bórdo o Embaixador, que o Principe mandava a El-Rei D. Manoel, continuou a viagem até a Villa de Tagata. Aqui fe tomou a refoluçaõ de dar fogo á náo de Paulo da Gama, que eftava incapaz de montar o Cabo; e recebido elle, parte da gente, e dos mantimentos na de

Era vulg.

feu

Em vulg. seu irmaõ Vasco da Gama, e outra parte na de Nicoláo Coelho, a 28 do mesmo mez foi além da Ilha de Zanzibar adjacente da terra firme de Ethiopia.

O Senhor desta agradavel Ilha mandou cumprimentar a Vasco da Gama, e pedir a sua amizade. Daqui partio no primeiro de Março para a Agoada de S. Braz, aonde se forneceo de tudo o necessario, e com tempo feliz passou o Cabo no dia 20. Emproando á Ilha de Sant-Iago, hum temporal rijo separou da conserva a náo de Nicoláo Coelho, que sem vêr mais a Vasco da Gama, com toda a força de véla chegou primeiro que elle a Lisboa a 10 de Julho. A molestia de Paulo da Gama obrigou seu irmaõ a ferrar a Ilha Terceira, aonde elle acabou a carreira da vida, e Vasco da Gama depois de lhe fazer as ultimas honras com a grandeza, que lhe inspirava a sublimidade do merecimento, e as razões do sangue, continuou a viagem, e a 29 de Agosto do anno, em que fallamos, entrou pela barra de Lisboa com assombro das Nações, que ouviaõ dizer como Vas-

co

co da Gama chegára ao Téjo vindo de outro mundo. Era vulg.

Do Rei, e do Reino foi elle recebido com o alvoroço, que se devia a huma proeza nova, naõ pensada das gentes. A generosidade, e reconhecimento naõ lhe demoráraõ o premio, sendo hum Dom o primeiro de taõ grande serviço, que hoje qualquer se confere sem preceder serviço, nem ser premio: fantasia arbitraria a modo de enxerto encarnado em arvores aerias, que naõ tem raizes, nem tronco. Depois foi Vasco da Gama criado Almirante do mar da India, Conde da Vidigueira, e todos os mais, especialmente Nicoláo Coelho, recebéraõ mercês, e despachos correspondentes, que compensáraõ com os cómmodos da vida os perigos, e trabalhos passados.

CA-

CAPITULO VII.

Outros successos destes tempos com a segunda expediçaõ á India commandada por Pedro Alvares Cabral.

Era vulg.

AINDA que os negocios da India occupavaõ tanto os cuidados do Rei D. Manoel, elle os perdeo para se mostrar grato, e officioso á memoria del Rei D. Joaõ II., fazendo neste anno a trasladaçaõ do seu cadaver da Cathedral de Sylves para o Convento da Batalha com a pompa, e magnificencia, que eu disse no Tomo precedente. D. Manoel para marcar mais distinctamente o seu agradecimento ao Principe defunto, que o nomeára Rei, casou a seu filho D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança, o Degolado. No mesmo dia creou Condestavel de Portugal a D. Affonso, filho de seu irmaõ D. Diogo, Duque de Viseo, que quando esteve em Castella

1500

o teve da Marqueza de Villa Fermosa. Eta vulg.

Sempre grandes os pensamentos de D. Manoel, depois de encher estes deveres da piedade, e gratidaõ, assentou comsigo cultivar o Commercio da India; mas de hum modo, que fizesse crér aos Póvos da Asia, que os Portuguezes podiaõ resistir aos Indios, e naõ temer aos Mouros. Com este designio fez esquipar huma fróta de treze náos de guerra, que entregou ás ordens de Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua Casa com valor, e merecimento. Em quanto ella se prevenia, o Rei incansavel fazia construir o Templo brilhante de Belém, aonde fossem os navegantes tomar a bençaõ do Ceo para terem a Divindade propicia nas emprezas, entregando-o á administraçaõ dos Monges exemplares de S. Jeronymo, e destinando-o para lugar da sua sepultura, quando a idade em flôr, e a grandeza no meio da pompa, parece que esqueceria a mórte. Esta grande obra naõ impedio que ao mesmo tempo no centro do Téjo elle fizesse edificar

a

Era vulg. a fórte Torre com o mesmo nome de Belém, para regiſto das náos pacificas, e propugnadora das contrarias, que presumiſſem invadir Lisboa.

Bem municiada a Esquadra de Pedro Alvares com a tripulaçaõ de 1500 soldados; dadas as ordens para tratar amizade com o Çamorim de Galecut; para fundar em lugar cómmodo do seu Estado huma fortaleza, que firmasse a segurança do Commercio: o Rei mandou embarcar nella cinco Varões Santos da Religiaõ Franciſcana, de que era superior Fr. Henrique, depois pelas suas grandes virtudes, e talentos Bispo de Ceuta, com outros Clerigos Seculares, que na Asia fizeſſem conhecido o Nome adoravel de Jesus Christo, e administraſſem os Sacramentos nos lugares das fundações designadas. Tambem foi entregue ao Chéfe o Embaixador, que Vasco da Gama trouxéra de Melinde; instruindo no modo com que havia persuadir ao Rei o bem, que o seu Ministro explicára a D. Manoel as suas intenções, e que este ficava prompto para promover os seus inte-

te-

ſtroffes; como ſe foſſem os meſmos de Portugal. Era vulg.

Quando o Rei acabou de dar eſtas ultimas ordens, foi em peſſoa a Belém implorar os ſoccorros do Ceo neſta grande empreza, que tinha ſobre ſi os olhos do Univerſo. Elle fez benzer o Eſtandarte Real, que entregou ao Commandante, e acabada a Miſſa, foi eſte conduzido em huma procissaõ ſolemne no meio de innumeravel Povo ao lugar do embarque, que foi no dia 8 de Março deſte anno. Além da Capitania, em que hia o General, os mais navios eraõ governados por Nicoláo Coelho, Simaõ de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nuno Leitaõ, Vaſco de Ataide, Bartholomeu Dias, o Deſcobridor do Cabo de Boa Eſperança, ſeu irmaõ Pedro Dias, Gaſpar de Lemos, Luis Pires, Simaõ de Pina, Pedro de Ataide o Inferno, e por Feitor da Armada Ayres Correia, que havia ficar em Calecut com o meſmo emprego.

Expedida a Armada, ſobreviéraõ eſte anno outras occurrencias, que alteráraõ a conſiſtencia dos negocios domeſ-

Era vulg. mesticos. A 19 de Julho na idade de 22 mezes falleceo o Principe herdeiro de Portugal, e Castella D. Miguel, unico fructo do primeiro matrimonio del-Rei: perda extremosamente sensivel a ambas as Monarquias, que as razões de Estado a ambas fez, naõ só soffrivel, mas dissimulavel. Como nem ella, nem a da Rainha sua Mãi diminuio nos Reis Catholicos Fernando, e Isabel hum ponto da particular estimaçaõ, que elles faziaõ da pessoa, e qualidades do Rei D. Manoel; immediatamente mandáraõ a Portugal por seu Embaixador, a Ruy de Sande para tratar segundo casamento ao mesmo Rei com sua filha mais moça a Infante D. Maria, que mandou logo os seus plenos poderes ao Senhor D. Alvaro para o acto do recebimento. Sahio a nova Rainha de Granada conduzida até á fronteira da Villa de Moura por D. Diogo Furtado de Mendoça, Arcebispo de Sevilha, que fez della entrega a D. Jaime, Duque de Bragança, e aos mais Fidalgos, que o acompanhavaõ; todos brilhantes, mas sem a pompa das

das primeiras vodas, que tivéraõ tanto de mal affortunadas, como de magnificas. A 30 de Outubro recebeo o Bispo de Evora aos Reis na Villa de Alcacere do Sal com dispensa do Papa Alexandre VI.; e todo o mundo vendo a El-Rei casado com huma Princeza tal como D. Maria, entendeo que elle desistiria do constante projecto de passar a Africa, de que nada o divertia.

Era vulg.

Nóvos movimentos derrotáraõ bem depressa esta esperança. A Rainha, e o Conselho se oppozéraõ com viveza á resoluçaõ do Rei; fallando cada qual sua lingua differente. O Conselho o combatia com as razões de Estado; a Rainha o atacava com a rhetorica do amor; mas o Rei mais sensivel á glória, que á ternura, á reputaçaõ, que á politica, elle a nada queria differir. Nesta extremidade foi preciso metter de permeio a authoridade dos Reis Catholicos, que consultando menos o gosto da Rainha sua filha, que os interesses do Reino, mandáraõ por hum Embaixador representar a D. Manoel: Que

pon-

Era vulg. ponderasse o quanto arriscava a pessoa, e o credito, marchando elle mesmo contra os Mouros; que reparasse no abysmo de calamidades a que expunha o seu Povo, se experimentasse huma das desgraças da guerra ás mãos de inimigos barbaros com forças muito superiores ás suas, sopradas por hum odio inexoravel.

Entaõ com preferencia ás vozes da glória, escutou El-Rei as da politica, que o fez conhecer; como tinha o Throno sem herdeiro; como o Estado ficava orfão; como hum Principe naõ déve empenhar-se na guerra fóra dos proprios Dominios, aonde a sua presença sempre he necessaria; e convencido o juizo, teve de sobmetter a vontade. Mas a mudança da idéa naõ alterou o projecto da expediçaõ. Continuou com celeridade a alistar-se hum exercito de 26000 Infantes, e 6000 Cavallos, e sobre ferro se vio no Téjo huma consideravel Armada, tudo com o destino em Africa. A Providencia o altera; e as alteraçoẽs da Grecia mudáraõ o systema bellico de Portugal. O Imperador dos Turcos

Ba-

Bajazeto fazia apprestos formidaveis para invadir os Estados Catholicos, e occupáraõ-se dos primeiros sustos as praças, que os Venezianos possuiaõ na Grecia. Quando a Armada dos barbaros estava prestes a fazer-se á véla, os Venezianos pedem soccorro aos Principes Christãos, que ao estrondo do poder todos se haviaõ perturbado. Era vulg.

Os Embaixadores da Republica associados das exortações do Papa giráraõ todas as Cortes da Europa, para persuadirem aos seus Soberanos se alliassem contra o inimigo commum. Sendo o Rei de Portugal aquelle, que entaõ tinha promptas forças mais consideraveis, que algum dos outros; o Papa o persuadio com mais força para mandar as suas trópas adquirir mais glória na Grecia da que podiaõ ganhar em Africa! O Rei sempre condescendente aos rógos do Chéfe da Igreja, ouvidos os do seu Conselho, determinou soccorrer a necessidade dos Venezianos com 30 das suas melhores náos guarnecidas da gente mais brava ás ordens de D. Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, filho

do

Era vulg. do memoravel D. Duarte, Conde da Viana, que levava todas as recommendações em si mesmo. Além desta Armada, que havia obrar na Grecia, El-Rei mandou outra debaixo da mesma bandeira do Conde para dar huma visita a Oraõ, e se lhe fosse possivel ganhasse na embocadura da mesma Cidade o fórte Castello de Mazalquibir.

Em quanto estas forças se apprestavaõ no Reino, D. Joaõ de Menezes, que com o reforço de 150 cavallos tornou a ser mandado a Arzila depois da victoria, que alcançou dos rebeldes Barraxe, e Almandarim; elle convida a D. Rodrigo de Castro, Governador de Tangere, para fazerem huma visita ás Aldeias, e Aduares ricos, e poderosos dos Mouros. Com a nossa chegada os barbaros abandonáraõ os póstos, e se pozéraõ em fugida, mais cortados do medo, que do ferro. Os que tiveraõ corage para resistir, huns perderaõ as vidas, outros as liberdades, todos as riquezas. Na retirada para as suas praças respectivas, os nossos Chéfes foraõ insultados pelo Governador de Alcacer-

guir, huma das Praças mais confideraveis da Mauritania, com trópas numerosas, e difciplinadas. D. Joaõ de Menezes intentou inveftillo; mas D. Rodrigo o inftou para que naõ quizeffe, com os rifcos da contingencia entre taõ grande defproporçaõ de forças, botar a perder a glória de taõ formofo dia. Cedeo o valor á prudencia, primeiro armamento dos bons Generaes, e continuando a retirada com honra, falváraõ os Soldados, e a preza com defefperaçaõ dos Barbaros, foffrendo, e rechaçando a furia dos feus repellões.

Era vulg.

Naõ paffáraõ muitos dias depois defte encontro, quando hum Mouro de Féz avifou a D. Joaõ de Menezes, como o feu Rei na tésta de doze mil cavallos, e muita Infantaria, marchava a toda a diligencia fobre a Praça de Tangere. O zelo do ferviço do Principe, e as obrigações da amizade inftavaõ a D. Joaõ para fem demóra avifar a D. Rodrigo de Caftro; mas a campanha, e todas as avenidas de Arzila até Tangere eftavaõ occupadas pela multidaõ dos Mouros. Como o efpirito em aper-

Era vulg. to he induſtrioſo em invectivas, D. Joaõ ſe lembrou, que em Arzila andava, havia dias, perdido hum caõ de certo Mercador de Tangere, que tinha eſtado na Praça. Elle eſcreve a D. Rodrigo o perigo a que eſtava expoſto: mette a carta em huma bóla de cêra, e manda pendurAlla ao peſcoço do caõ, que bem ſervido de golpes, he poſto fóra da Praça. O animal fez a jornada com tanta diligencia, que ſendo lançado de Arzila na noite do dia do aviſo, foi no ſeguinte amanhecer a Tangere, aonde hum ſoldado reparou no preſente, que conduzia, e ſem demóra o levou ao Governador.

Recebido o aviſo, prevenida a Praça, e poſta a guarniçaõ ſobre as armas, appareceo o Rei de Féz talando a campanha, arrebanhando os gados, e paſſando á eſpada quem os guardava. Naõ pôde D. Rodrigo diſſimular eſta injúria, ſem ſahir a deſaffrontalla. Com partido muitas vezes deſigual elle inveſte tantos eſquadrões, que com o ſeu meſmo peſo o opprimem, e obrigaõ o valor a que retroceda, ficando de-

debaixo delles esmagados hum filho do Governador com oito dos nossos melhores Cavalleiros. Combatter, e retirar tudo era igualmente perigoso; taõ confundidos os corpos, que a entrada na Praça tinha de ser commua a Christãos, e Mouros. Nesta extremidade huns poucos de espiritos intrepidos dignos de memoria eterna, que foraõ o bravo D. Lourenço, filho de D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, aonde a seu tempo o veremos acabar com as armas na maõ coberto de glória; Gonçalo Mendes Sacoto; o Adail Pedro Leitaõ; Pena Roja; Antonio Nunes; Ruy Martins, e seu primo Lopo Martins; elles feitos em hum corpo, sustentaõ todo o peso dos Barbaros; daõ lugar a que os seus camaradas se recolhaõ na Praça, e saõ elles os ultimos, que entraõ nella com tanto accordo, que deixando Ruy Martins a tranca da porta meia corrida, e dizendo-lhe outros a fechasse bem, porque os Mouros a arrombavaõ, elle respondeo cheio de corage: Tal naõ farei por honra de Portugal; que para defender

Era vulg.

Era vulg. meia pórta aberta a todos estes Barbaros, basto eu só. Assim como o disse o cumprio, e esta gentileza de taõ poucos fez formoso o semblante de dia taõ triste.

Ainda que esta sahida custou cára a D. Rodrigo de Castro, com ella comprou huma grande vantagem. Os Mouros sobprendidos de verem os seus designios descobertos, mudáraõ de idéa, e foraõ descarregar em Arzila o golpe, que traziaõ levantado para Tangere. D. Joaõ de Menezes avisado pelos batedores do campo, elle se resolve a observar os movimentos do inimigo; e sahe da Praça na testa de vinte de cavallo; deixando o resto da gente na Villa Velha para acodir aonde a necessidade o pedisse. Tanto se avançou este Chéfe destemido sobre a multidaõ dos Mouros, que esteve nos termos de se perder em hum combate de opiniaõ, pelo naõ soccorrer a gente postada na Villa Velha, que elle entendia marchava em seu soccorro, quando os Mouros lhe haviaõ cortado todos os caminhos. Elle que se vio só com quatro

de

de cavallo, já ferido do golpe de huma sétta, se pôz em retirada peleijando, até se incorporar com a gente de reserva, que se lançou aos Barbaros, e com fugida precipitada os obrigou a unir-se ao grosso do seu Exercito.

Era vulgar 1501

Quando assim derrotavaõ em Africa os designios dos Mouros D. Joaõ, e D. Rodrigo; o Conde de Tarouca D. Joaõ de Menezes sahia do Téjo com as Armadas destinadas ao soccorro dos Venezianos, e expediçaõ do Fórte de Mazalquibir. Como os ventos contrarios lhe impedíraõ servir este Castello do mar com a artelharia, o Conde se resolveo a lançar a gente em terra para o render na fórma das ordens, que levava. Os nossos, naõ só ganháraõ as obras exteriores sem resistencia; mas arrimando escadas aos muros, chegáraõ a igualar-se com as suas ameias, naõ havendo quem lhes disputasse a subida. Os nossos, ou por entenderem o Castello desamparado, ou por desprezarem os poucos Mouros, que viaõ sem acçaõ, quando elles occultos se haviaõ formado com consideravel vantagem; es-

Era vulg. esquecida a disciplina, ao tempo de acclamarem a victoria, os Barbaros os rodeáraõ, os acomettêraõ de improviso, e mórtos os mais valorosos, os forçáraõ a embarcar-se a toda a diligencia rodeados de perigos.

Perdemos nesta refrega vinte homens, a maior parte Fidalgos; mas o Conde mettido em cólera pela nossa desordem, que deo corage a quatrocentos Mouros de cavallo para nos porem em retirada vergonhosa: elle despedio para o Reino esta Armada destinada á empreza de Oraõ, e com a sua navegou a Sardenha, aonde foi recebido com muita civilidade pelo Governador de Calheri. Poucos dias depois foi a nossa Armada cruzar nos mares de Tunes, e avistou huma grande náo de Commercio Genoveza rendida, e escoltada por duas de guerra da mesma Praça, que todas rendemos. Os Christãos, e Judeos foraõ póstos em liberdade; os generos entregues a seus donos; as náos, e Turcos ficáraõ prisioneiros no mesmo porto de Calheri. Tornámos a fazer-nos á véla para

as

as Cóstas de Napoles, donde passámos á de Albania, e dahi á Ilha de Corfú, para nos unirmos com a Fróta dos Venezianos. Estas forças colligadas com as dos mais Principes, que vinhaõ concorrendo, de tal sórte atemorisáraõ os Turcos, atterrados do susto antes de verem a face do perigo, que abandonáraõ a empreza de Negroponte, recolhendo sem acçaõ a formidavel Armada nos seus pórtos.

Era vulg.

O nosso General em quanto esteve em Corfú, teve o desgosto, de que os nossos soldados, e marinheiros, soberbos, e insolentes travassem com os Venezianos, e Gregos razões taõ pezadas, que viéraõ ás mãos; e depois de muitas mórtes de ambas as partes, foi necessaria toda a actividade dos Chéfes para fazer cessar o motim: licenças faceis, que estragaõ a disciplina, e quando se querem remediar as desordens da inconsideraçaõ, tem succedido os damnos ás vezes irreparaveis. Naõ tendo que fazer na Grecia, a Armada veio á Villa de Sagres, aonde o Conde mandou repartir pelos soldados a

pre-

Era vulg. preza de Tunes, que foi o fructo desta expediçaõ, e elle em Lisboa recebeo por ordem do Rei o quinto, que lhe tocava.

CAPITULO VIII.

Successos da viagem de Pedro Alvares Cabral para a India, e descobrimento da Regiaõ de Santa Cruz chamada Brazil.

NÓS deixámos a Pedro Alvares Cabral sahindo da barra de Lisboa para a India no dia oito de Março de 1500 com a importante esquadra de treze náos de guerra. Agora dirèmos, que quando parecia que tudo contribuia para favorecer os grandes designios del-Rei, já em soccorrer os seus alliados, já em amontoar conquistas a conquistas; por huma das náos daquella conserva, que mandava o Capitaõ Luís Pires, e arribou a Lisboa destroçada, se soube a tempestade formidavel, que soffreó aquella Esquadra na altura de Cabo Verde.

de. Dous dias pairou Pedro Alvares a esperar as náos desgarradas, e vendo que a de Luis Pires naõ apparecia foi carregando ao rumo de Aloeste. Naõ socegava o espirito do Commandante na contemplaçaõ de tantas aventuras no principio da viagem, engolfado em hum pégo immenso, e incognito ás gentes da Europa; quando o Piloto da sua náo vem accelerado a dar-lhe parte, que descobria terra.

Era vulg.

Foi o dia oito de Maio o deste descobrimento naõ pensado pela ignorancia absoluta, de que para parte taõ Occidental houvesse terra, que necessariamente se havia suppôr despegada das tres partes do Mundo conhecido. Manda o Chéfe virar de bórdo, pôr prôas á nova terra; lança ferro, e destaca hum Official com vinte homens em hum esquife da náo para reconhecer o Paiz, e examinar se he habitado. O especulador diligente volta a informar a Pedro Alvares, como a terra era fertil, e apprazivel, coberta de hervas vistosas, e exquisitas, de arvores frondosas, e altissimas, de aguas abun-

Era vulg. abundantes, e excellentes: que víra homens de boas côres, de cabello liso, e comprido, os córpos nús, armados de arcos, e séttas, passeando em magotes pela praia. Confirmadas estas noticias por outros exploradores, que penetrárão mais o Paiz, Pedro Alvares combattido de hum vento fórte, manda levantar ferro, e se abrigou junto de terra no lugar, que fez chamar *Porto seguro*, como asylo, que o livrava do naufragio.

Hum dos nossos Officiaes trouxe aqui a bórdo dous salvagens pescadores, taõ salvagens, que a vozes, á acenos, a nada os brutos se moviaõ. O nosso Commandante os mandou vestir, e enfeitar com ridicularias para elles infinitamente estimaveis. Póstos em terra com figura nova, encarecendo a largueza da nossa liberalidade, huma multidaõ numerosa se commove para nos vir regalar com os fructos da terra, e ser participantes das vantagens, que de nós haviaõ recebido os seus dous paizanos. Elles atonitos de vêrem as suas figuras nos espelhos, de ouvirem

Era vulg.

o som das campainhas; attrahidos das bugatellas de lataõ, e outras cousas deste genero, com que o Commandante os brindou; elles descobrem a fundo a sua consummada simplicidade. Pedro Alvares se aproveita della, e postada em terra boa parte da gente, á sombra de huma grande arvore, na face dos dous Póvos, Christaõ, e Barbaro, manda levantar hum Altar para se celebrar com grande pompa o sacrificio tremendo da Missa, como hum acto da posse que toma daquella Regiaõ em Nome do Verdadeiro Deos de toda a terra; como hum conjuro, que arroje della o Principe das trévas ha tantos seculos intruso, dominante cruel de tantas almas, agora atado ao carro do maior triunfo.

Neste acto solemne se redobrou a attençaõ dos salvagens, imitadores ainda mais ternos, que nós das nossas exterioridades. Elles admiravaõ todas as ceremonias; parecia que os arrebatava o som do canto; elles batiaõ as palmas em demonstraçaõ do júbilo, que lhes naõ cabia nos peitos. Com os olhos fi-

fixos no Ceo, todos entendiaõ, que elles estavaõ dando graças ao Pai das luzes por lhes mandar de taõ longe huma gente illustrada, que os illuminaria no meio das trévas, e nas sombras da mórte, em que estavaõ assentados, para lhes dirigirem os passos pelo caminho da paz. Naõ podendo já reprimir os impetos dos espiritos, estes Barbaros rompêraõ, e atroáraõ os horisontes com o tom de immensos instrumentos musicos, e com hum alarido, que elles conformavaõ quanto podiaõ ao som, com que nos ouviaõ entoar os Mysterios Divinos. Interpretes das suas vozes os nossos olhos, em lágrimas de complacencia, nós congratulavamos por ouvirmos os louvores do Senhor na bocca dos moradores da extremidade da terra, naõ com ancia, mas prazer dos corações.

Acabada a funçaõ, Pedro Alvares veio a embarcar-se com a sua gente; mas os Americanos se queriaõ fazer delle taõ isseparaveis, que o viéraõ seguindo até á praia, muitos se lançavaõ á agua com ella pelos peitos, outros

tes badando apôz as lanchas, já conhecendo os Portuguezes, que aquelles homens naõ eraõ taõ barbaros, como no principio lhes parecêraõ. Em quanto os nossos cuidavaõ em fornecer as náos dos mantimentos precisos, alguns descobrîraõ na praia hum peixe monstruoso, de que daõ larga noticia os nossos Historiadores. Porém Pedro Alvares, que já formava a idéa, de que a sua Naçaõ se havia estabelecer naquelle Continente; elle lhe poz o nome de Santa Cruz, que sendo o madeiro, que bosque algum produzio outro semelhante, a nossa inconsideraçaõ lhe cambiou o primeiro nome pelo de outro páo, que nasce em qualquer parte da America, chamando-lhe Brazil. Depois levantou nella huma columna de marmore, semelhante ás muitas, que Vasco da Gama erigio em outras paragens na primeira navegaçaõ, e despedio ao Capitaõ Gaspar de Lemos, para que viesse a Portugal dar a El-Rei a agradavel nova do descobrimento até entaõ naõ pensado pelas gentes mais instruidas.

Era vulg.

ſra vulg.

Eſta grande Regiaõ, em que tenho fallado he o vaſto terreno, que corre do Rio das Amazonas, até as Provincias do Paraguai: Regiaõ, que he banhada por toda a ſua cóſta pelo mar do Nórte por eſpaço de 1200 leguas: huma Regiaõ com o ar ſummamente temperado, naõ obſtante eſtar a maior parte do ſeu clima debaixo da Zona torrida; que a enriquece huma terra abundante de fructos, regada de rios caudaloſos, fertil pelas aguas de quantidade de fontes, com huns campos dilatadiſſimos, que abundaõ em paſtos; com pórtos excellentes de facil entrada, ſeguros a todas as tempeſtades; com montes, e valles de viſta agradavel, que fazem humas bellas diviſões no Paiz, frondoſo com ſelvas denſas, e opacas, com arvores exquiſitas, e incognitas, entre as quaes ſaõ mais célebres huma, que ferida dos golpes do machado, eſtilla hum balſamo odorifero, e a que os naturaes chamaõ Arabutem, da qual ſe tira o páo Brazil, de que toda a Regiaõ tomou o nome. Nella ſe tem deſcoberto minas de ouro,

ro, prata, e jaſpe. Nella ſe criaõ, entre outras hervas precioſas, a que chamaõ *Santa* pela facilidade com que cura as queixas mais graves ainda contagioſas, quando outras muito menos agudas ſaõ tortura da arte infeliz da Medicina: a que produz o balſamo, o tabaco, o ambar, o cacao, o açafraõ, a tinta carmezim, o açucar. Raros dos moradores do Brazil morriaõ de doença, ſenaõ opprimidos da velhice, que com o ſeu pezo os levava para a terra.

Era vulg.

A côr deſtes homens tira para eſcura, elles de eſtatura mediana, largos dos encontros, o cabello liſo: reina entre todos a ignorancia, naõ conhecem Religiaõ, e naõ ſe ſugeitaõ a Leis, nem a Soberanos. Nas guerras, que tem entre ſi, elegem para ſeu Chefe o que lhes parece mais robuſto. Só os Nobres ſe cobrem das pennas de algumas aves; os mais andaõ nús. As mulheres trajaõ com pompa ao ſeu uſo; que eſte ſexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece ſe naõ póde eſcuſar de ſer tributaria do luxo, e vaida-

Ritos vulg. dade. As armas de que usaõ os homens saõ arcos, e séttas, que rematão em lugar da ponta de ferro, em humas espinhas de pexe taõ duras, que penetraõ qualquer dos córpos sólidos capazes de resistir. Para as suas navegações se servem das canoas fabricadas dos troncos das grandes arvores, e nellas fazem as suas pescarias. A maior parte delles vive da caça, em que achaõ divertimento, e proveito; mas comem todos os animaes ascarosos entre nós, por naõ terem veneno como na Europa.

Elles vivem em sociedade, mas em Aldeias pequenas; muitos habitaõ em casas portateis, e se conservaõ em grande uniaõ, quando estaõ em paz. Os que moraõ no centro do Continente, havendo sido os mais brutos, elles depozeraõ a ferocidade, logo que abraçáraõ a doutrina do Evangelho. O seu Gentilismo impede contrahir matrimonio com parentes em gráo proximo; e he mui inclinado a prestigios, e encantações; sendo entre elles estimados os feiticeiros, a que chamaõ Pages. Estes res-

respeito porém nasce do temor, que os persuade, como as suas desgraças lhe provem da maõ daquelles homens, que elles estimaõ, ou divinisados, ou huns orgãos, pelos quaes a Divindade descobre o fundo dos seus sentimentos na terribilidade dos juizos para com os filhos dos homens. Vulgarmente a gente do Brazil he ociosa, inimiga do trabalho, inclinada ás danças; antropophaga, que come os prisioneiros de guerra; mas enterraõ com honra aos inimigos, que morrem nos combates.

Era vulg.

Pelo que pertence ao descobrimento da America, dê-se muito embora a precedencia a Americo Vespucio, e a Christovaõ Colon, que antes pozéraõ os pés em algumas das suas Ilhas, e Continentes; mas pelo que respeita á Regiaõ de Santa Cruz, dita Brazil, he indisputavel, que Pedro Alvares Cabral foi o seu primeiro descobridor, e esta glória ninguem lha rouba. Pelo decurso dos tempos os Portuguezes se foraõ estabelecendo por toda a dilatada cósta daquella Regiaõ. Elles escolhêraõ os lugares, que lhes parecêraõ mais pro-

Em vulg. prios para o seu Commercio, e Povoações, em que determináraõ estabelecer-se. Nós temos descoberto no Brazil cem Póvos differentes, além de outros, huns que nos saõ incognitos, outros com quem nos naõ tratamos. Hoje podemos nós dividir aquelle Estado em desaseis Capitanías, entrando duas, que se criáraõ nos ultimos reinados dos nossos Principes; a saber, o Graõ Pará, o Maranhaõ; o Seará; o Rio Grande; a Paraiba; Itamaracá; Parnambuco; Sergipe; a Bahia de Todos os Santos; os Ilheos; o Espirito Santo; o Rio de Janeiro, e S. Vicente.

Foi esta a divisaõ antiga do Brazil, e ellas as partes, que povoáraõ os Portuguezes; mas reinando D. Pedro II. se descobriraõ as Minas Geraes, que o mesmo Rei mandou povoar, e edificar Villas, e Aldeias, que tem por sua Capital a Villa Rica. As Minas do Quiabá, e Goiazes principiáraõ a ser povoadas no reinado de D. Joaõ V., e foraõ descobertas com muitos perigos pelas diligencias de Rodrigo Cesar de Menezes. Ellas pertencem ao Governo

de

de S. Paulo por ficárem no seu districto; e na foz do Rio da Prata possuimos a Colonia do Sacramento, donde nos vem hum grande fornecimento de couros: Praça, que por muitas vezes tem sido assumpto de contestações pesadas com a Coroa de Hespanha.

E a vulg.

Descoberta a pequena parte do Brazil, sobre que fallei ao principio, examinada a qualidade da terra, o caracter da gente, Pedro Alvares Cabral determinou continuar a sua viagem para a India. O extraordinario fornecimento de viveres, que elle fez, deo occasiaõ aos moradores da terra para concebêrem a idéa, de que elles já mais viriaõ aos Portuguezes, e aqui se descobrio extrema a sua dôr nos géstos horrendos com que a barbarie quiz persuadir taõ espantoso como elles o semblante da sua saudade. A 24 de Maio do anno de 1500 sahio Pedro Alvares do Porto Seguro a encontrar-se com outra tempestade mais formidavel, que a primeira pelo repente com que o combateo. Passados poucos dias depois de perder de vista a Cósta do Brazil, hum dos tufões, que cos-

Era vulg. tumaõ infeſtar aquelles mares, foi tão rápido, que quando os marinheiros quizéraõ ferrar o panno; já ſe haviaõ ido a pique as náos do memoravel Bartholomeu Dias, de Aires Gomes da Silva, de Vaſco de Ataide, e de Simaõ de Pina.

Peſſoa alguma pode ſalvar a vida em naufragio taõ repentino. Para as que reſtáraõ foi elle hum eſpectaculo o mais funebre: tragedia luctuoſa, em que os olhos eſtavaõ vendo, que o mar tragava aos companheiros nos trabalhos, conjunctos na natureza, muitos ligados com os vinculos do ſangue, e ellas ſem lhes poderem valer. As ſete náos, que reſtáraõ, por haverem, além das quatro naufragadas, voltado duas para Lisboa; ellas ſe deſgarráraõ com a tormenta, e foraõ levadas á diſcriçaõ das ondas a partes differentes. Durou eſta ſeparaçaõ até os fins de Julho, ou principios de Agoſto, em que ſe ajuntáraõ ſeis; mas a de Pedro Dias, que nunca mais appareceo, ſempre lutando com os mares penetrou o fundo do Golfo da Arabia, e com ſeis homens entrou pela

bar-

barra de Lisboa, mortos os mais de enfermidades, de fome, de sede, de fadigas.

Era vulg.

Com os seis navios, que restáraõ a Pedro Alvares dos treze da sua Armada, dobrou elle o Cabo de Boa-Esperança, encostando-se á terra, aonde avistou hum Paíz regado de muitos rios, que lhe pareceo agradavel. Elle quizéra reparar aqui as suas náos; mas os moradores repugnáraõ a nossa communicaçaõ, e teve de avançar a viagem a duas Ilhas, que ficavaõ pouco apartadas da terra firme já além da Cósta de Çofalla. Duas náos, que estavaõ no seu porto, apénas avistáraõ as nossas, se retiráraõ. Nós lhes démos caça, e as rendemos com a sua importante carga de ouro, e drógas preciosas. A nossa cubiça cedeo á generosidade, porque informados que as náos eraõ do Xeque Foteima, tio de nosso amigo o Rei de Melinde, as deixamos intactas, e fomos em demanda de Moçambique, aonde lançamos ferro, dizem huns que a 20 de Julho, outros que a 12 de Agosto. Aqui refrescou a gente, recolheo

vi-

Era vulg. viveres a Armada; pedimos Piloto para nos conduzir ao Porto de Quiloa; fomos nesta derrota da Costa de Ethiopia descobrindo muitas Ilhas dependentes daquelle Reino, até chegarmos á principal, aonde o Rei de Quiloa tem a sua residencia.

Nós a observamos pela maior parte povoada de Mahometanos, que fallavaõ tantas differentes linguas, quantas eraõ as Nações com quem commerceavaõ. Ella está quasi cento e cincoenta leguas além de Moçambique, separada do Continente por hum pequeno braço de mar, e a Cidade he formada de casas vistosas bem adereçadas. O Chéfe mandou por Affonso Furtado insinuar ao Rei Abrahem a chegada da nossa Armada ao seu porto; as cartas, que lhe trazia do Rei D. Manoel seu Amo; o Tratado de alliança, e Commercio, que este Principe desejava ajustar com elle, e pedir-lhe quizesse deputar pessoas, com quem conferisse negocios taõ interessantes aos dous Monarcas. O de Quiloa mostrou huma extrema complacencia com a chegada de

Pe-

Pedro Alvares, sem duvidar de ser elle o mesmo, que em pessoa viesse abordar a Capitánia, e ouvir a declaraçaõ dos sentimentos de hum Rei taõ grande, como publicava a fama que era D. Manoel de Portogal.

Era vulg.

Ao romper do dia determinado para esta vista, os de Quiloa desde as margens do mar nos annunciáraõ a vinda do seu Principe com o som de innumeraveis instrumentos do seu uso, a que os nossos respondêraõ com huma salva Real, e com hum concerto de trombetas, ao mesmo tempo que fórte, e deleitavel. Appareçeo o Rei Abrahem em huma barca brilhante, assentado sobre hum Throno soberbo, que na multidaõ de pedras de valor lhes fazia perder a estimaçaõ de raras. Os Officiaes da sua Corte o rodeavaõ, cada hum delles na magnificencia fazendo ostentaçaõ do quanto desejavaõ distinguir-se no serviço do seu Principe. O nosso General embarcou no melhor dos esquifes da Armada acompanhado dos seus Capitães, que nos aspectos retratados pelos originaes do valor, e da fero-

Era vulg. rocidade inculcavaõ os espiritos da Eu-
ropa superiores, naõ só à pompa, mas
ás almas da Asia.

Pedro Alvares tratou com o Rei
de Quiloa. Entregou-lhe as cartas de
D. Manoel escritas em lingua Arabiga,
e da conferencia se mostráraõ ambos
satisfeitos; Abrahem por adquirir hum
tal amigo como o Rei de Portugal,
que logo chamou Irmaõ; Pedro Al-
vares por estabelecer as vantagens do
seu Soberano, e por tratar na Ethiopia
hum Principe mais barbaro no nome,
que nas inclinaçoẽs, menos civilisado
na fama, que nas obras. Souberaõ os
Mercadores Arabios que a aliança
apenas proposta fora aceita; que no
dia seguinte se havia formar o Tratado;
e sem perda de tempo cuidáraõ em in-
troduzir no espirito do Rei as idéas da
crueldade dos Portuguezes, e sua so-
berba dominante, que os trazia vagos
pelas Cortes do Mundo com o fim de
as sobprender por meio de conven-
çoẽs de Commercio, e alianças ima-
ginarias.

Este ruido geral, que notava assim o
pli-

plicidade do Rei condescente, chegou aos seus ouvidos, e naõ houve mister mais exame para romper a negociaçaõ; para fortificar Quiloa como se esperasse por hum sitio; para mudar em odio extremoso contra os Portuguezes a primeira inclinaçaõ excessiva. Quando tantos movimentos faziaõ nelles as impressões, que deveraõ, Molei Homer, irmaõ do Rei de Melinde, que entaõ estava em Quiloa, elle os avisa dos ardís, que contra elles se armavaõ; dos transportes do Rei assustado; que naõ perdessem com elle o tempo, e quanto antes navegassem para Melinde, aonde achariaõ em seu irmaõ a hospitalidade, que a experiencia lhe tinha mostrado fiel, e delicada. Este aviso confrontado com a commoçaõ da Cidade, se fez crivel a Pedro Alvares, que levando ferro foi aportar a Melinde.

Em volta.

Naõ he explicavel o alvoroço, com que o Rei amigo recebeo a noticia da nossa chegada. Os primeiros effeitos delle foraõ os refrescos copiosos, com que regalou a guarniçaõ da Armada.

De-

Era vulg. Depois naõ pode conter a complacencia com a vista do seu Embaixador, que no anno antes enviára a Portugal; com os presentes preciosos, que lhe mandava o Rei D. Manoel; com as expressões insinuantes, que lhe fez Pedro Alvares do muito, que este Principe estimava a sua amizade, e quanto fora do seu agrado a informaçaõ, que Vasco da Gama lhe déra das suas qualidades. Fez o Rei saber ao seu Povo os grandes obsequios, magnificencias, e expressões, que devia ao de Portugal; e para em publico se mostrar grato, e officioso, veio em pessoa a bordo das nossas náos, aonde tratou a Pedro Alvares como a hum amigo igual. Os mais destinos desta viagem com outros acontecimentos nós os referiremos no Livro seguinte.

LIVRO XXXV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continua-se com os successos da viagem de Pedro Alvares Cabral até voltar ao Reino.

EMPENHOU o Rei de Melinde todos os esforços, para que Pedro Alvares Cabral lhe fizesse o gosto de se dilatar algum tempo na sua Corte; mas como a observancia das ordens o instavaõ para naõ condescender, depois de as insinuar áquelle Monarca, na fórma dellas deixou no porto dous desterrados para penetrarem a Ethiopia, que está situada a cima do Egypto, em demanda de hum Rei Christaõ, que se dizia dominar na Abyssinia, com quem D. Manoel desejava communicaçaõ, e elle no dia 7 de Agosto se fez á véla pa-

Era vulg.

ra-

Era vulg. ra a India, como diz Damiaõ de Goes. Elle navegou o Golfo com vento taõ favoravel, que a 22 do mesmo mez ferrou a Ilha de Angediva, donde se fez na volta de Calecut, e aonde o hospedou nova perfidia.

O Çamorim sabendo, que o General Portuguez estava no porto da sua Capital, o mandou saudar por dous Naires, e por hum Guzarete, Mercador rico, que foraõ recebidos com os modos mais civis. Com elles mandou Pedro Alvares a Joaõ de Sá, que já estivera em Calecut com Vasco da Gama, e por lingua o Judeo convertido, o célebre Gaspar da Gama, naõ só para lhe levar vestidos á Portugueza os quatro Malabares no anno antes prezos pelo Gama no seu porto; de que o Çamorim se mostrou muito satisfeito; mas para lhe dar as cartas, e presente do Rei D. Manoel, e pedir licença para ir a terra communicar-lhe em pessoa os sentimentos ingenuos daquelle Principe a seu respeito. Passados poucos dias, o Çamorim deo audiencia ao General em huma casa de

cam-

campo, situada nas margens do mar, Erá vulg.
acompanhado de huma multidaõ numerosa de Nobreza, grande concurso do Povo, que com o concerto de muitos córos de musica esperava o desembarque dos Portuguezes, que o fizéraõ brilhante.

Chegou Pedro Alvares com alguns dos seus Capitães, que foraõ recebidos pela Nobreza de Calecut, e apresentados ao seu Soberano. Elle negociou com tanta vantagem, que conseguio do Rei muito mais do que pretendia. Entre outras condescendencias, os nossos tiveraõ liberdade plena para virem a terra, como, e quando quizessem, tratar dos negocios, que os trouxera áquelle porto, e em huma lamina de ouro mandou o Çamorim lavrar hum Padraõ de doaçaõ perpétua, que elle fazia aos Reis de Portugal de huma casa magnifica na Corte para segurança, e cómmodo do Commercio dos seus vassallos. Com a satisfaçaõ mais completa, conduzido pela mesma Nobreza até a praia, Pedro Alvares se recolheo ás náos, e entrá-

Era vulg. tráraõ os nossos a frequentar a Côrte de Calecut com tanta firmeza, e gosto, como se passeassem pela de Lisboa honrados, e satisfeitos.

Esta amizade mutua, que em terra cultivava o Feitor Aires Correia, facilitou ao Çamorim mandar representar ao nosso Chefe, como elle estava informado, que da Ilha de Ceilaõ navegava para o Reino de Cambaya huma grande náo de Cochim, Corte sua inimiga, carregada de elefantes: Que entre estes hia hum bem aguerrido, que elle fizéra todas as diligencias pelo comprar, e naõ lho quizéraõ vender: Que lhe pedia com as maiores instancias mandasse tomar esta náo, o que elle estimaria pelo maior serviço, e que na companhia dos Cabos, que elle nomeasse, iriaõ alguns dos seus vassallos para o ajudarem na emprêza. Estimou Pedro Alvares o empenho, ainda que entendeo o do Çamorim menos ambicioso pela preza da náo, que curioso de saber como os Portuguezes se portavaõ nos combates.

Foi nomeada para a expediçaõ a mais

mais pequena das nossas náos, que mandava Pedro de Ataide, a quem se destináraõ por companheiros o famoso Duarte Pacheco Pereira, depois o escandalo formidavel do mesmo Camorim, Vasco da Sylveira, Joaõ de Sá; e com elles alguns Mouros de Calecut para testemunhas da nossa corage. Quando a nossa náo sahia da barra, a de Cochim appareceo cortando os mares em frente de Calecut. Foi ella acomettida; mas a sua guarniçaõ naõ pode escusar-se de fazer todos os géstos de desprezo á temeridade, que a insultava, ignorante da gente, que a investia. Depressa se mudou em temor a irrisaõ; porque á primeira banda dos nossos canhões carregados de metralha, toda ella se metteo em desordem. Á segunda de balla grossa se viraõ abertos todos os flancos da náo, que naõ teve outro refugio senaõ o de se pôr em fugida. Nós a fomos atacando até ao porto de Cananor, vinte leguas além de Calecut, aonde ella se metteo no centro de quatro náos de Mouros, que suppoz auxiliares fórtes para a livrarem de

Era vulg.

Era vulg. de ser captiva de mãos, que imaginaõ vaõ mais cruéis.

Pedro de Ataide se vio vencedor; mas ao complemento da sua victoria faltava a preza da náo. Elle receia, que as sombras da noite favoreçaõ o temor dos perseguidos: consulta comsigo a sua corage, e quer ouvir a dos companheiros. Como achou a todos occupados das suas mesmas intenções, quando se determinavaõ a todo o risco arrancar a preza do porto de Cananor; elles percebem que a náo com o soccorro da noite a todo o panno se fazia ao largo para lhe perdermos o rumo. Nós a seguimos fazendo-lhe hum fogo vago, mas horrivel, que os Barbaros soffriaõ com intrepidez. Naõ lhes sendo já toleravel a continuaçaõ, á força de tiros de canhaõ a fomos metter no mesmo porto de Calecut em poder do Çamorim, que entaõ dobrou a complacencia.

Este Principe, que quando vio como da nossa Armada destacavamos hum pequeno navio para empreza taõ importante se deixou sobprender da admi-

[illegible] Agora vendo rendida huma Era vulg.
náo muito maior que a nossa, bem
fornecida de todo o genero de armas,
com grande superioridade no número
da tripulaçaõ, elle pasma, se assombra,
chama os seus vassallos, que nos acompanháraõ
no combate, e lhes pergunta,
como, por que meios, com que esforço
nós ganhámos huma victoria, que
parecia imaginaria. Elles respondem a
huma voz; que o esforço, a corage,
a industria, o desprezo dos perigos, o
nenhum temor da morte, que elles observáraõ
naquelles homens, naõ se acharaõ
em alguns outros de todo o Universo:
Que Pedro de Ataide lhes parecêra
huma exhalaçaõ, Duarte Pacheco
Pereira hum raio, Vasco da Sylveira
hum trovaõ, cada soldado huma penha
há constancia. O Çamorim com
esta informaçaõ mais extactico, pede
ao nosso General lhe mande a terra todos
os homens, que se acháraõ naquella
acçaõ, para os admirar como objectos
dignos da attençaõ dos Principes.
Sobre todos derrama o Çamorim innundações
de beneficencias, de liberalida-

 des,

Era vulg. des., de louvores; mas com ellas affia as garras ao monstro da invéja para dàqui em diante cuidar nos modos de nos devorar insaciavel por força, ou por industria.

Naõ podiaõ soppotar os Mouros a acceitaçaõ, com que estavamos em Calecut, e naõ perdoáraõ a industria, estratagema, e intriga, que podessem traçar o nosso estrago. Elles se serviraõ do Commercio para os seus designios, comprando todos os generos, e especiarias, de que haviamos carregar as nossas náos: excogitando fraudes, e calúmnias, que nos arruinassem no conceito do Rei: imputando-nos o crime de ladrões públicos em toda a face do Universo; com outros elogios deste caracter, que nos fizessem abominaveis na imaginaçaõ das gentes. A nossa condiçaõ incapaz de soffrer injurias intentadas, quanto mais feitas, encheo de espiritos a Pedro Alvares para representar ao Rei de huma tom forte, como os casos, que lhe succediaõ, eraõ húma contravençaõ ao Tratado de alliança pouco antes celebrado,

ellas, em que se promettia, que as náos Portuguezas recebessem carga primeiro que as das outras Nações; que elle estava surto naquelle porto havia tres mezes; que tinha as náos vazias, passando o tempo habil da navegação; e que elle por omissão naõ queria ser responsavel ao seu Rei dos damnos graves, que naquelle anno experimentasse o Commercio, como unico fim do seu destino.

Era vulg.

O Camorim com singeleza, ou sem ella, mostrando que se deixava tocar desta representação, concedeo ao General amplos poderes para mandar tirar as cargas dos navios dos Mouros, e baldealas nos seus. Naõ teve a prudencia do General por muito ingenua esta taõ plena authoridade delegada. Della se naõ quizéra servir, por ser o meio de se embaraçar com todos os Mouros da Asia, incomparavelmente mais poderosos, que os Portuguezes. Só Ayres Correa, que estava em terra por Feitor, se oppoz á inacção do seu Chefe, assegurando-lhe iria para o Reino sem carga, senaõ se aproveitasse

Era vulg. ſe da que os Mouros já tinhaõ a bordo das ſuas náos. Para ſua ſegurança junto á peſſoa do Rei D. Manoel, Ayres Correa acompanhou eſta repreſentaçaõ com proteſtos públicos das perdas, e damnos da Real Fazenda, que conſtrangêraõ Pedro Alvares a mudar de reſoluçaõ.

Como ſe lhe havia dado noticia, de que a poucas leguas do porto eſtava carregado, e preſtes a levar-ſe hum navio de hum Mouro muito rico de Calecut, chamado Cogecem Micide; o General mandou intimar á tripulaçaõ de ordem do Çamorim, que naõ ſahiſſe do porto; mas ella zombou da ordem, e repellio ao Emiſſario. Entaõ o General o mandou inveſtir por Officiaes, que o rendêraõ, e o trouxéraõ ao ſeu bordo. O Mouro dono do navio, poderoſo, e eſtimado em Calecut, rodeado de parentes, e amigos, foi repreſentar ao Rei a noſſa acçaõ por hum attentado abominavel, por huma rotura da boa fé, como hum deſprezo feito na face da ſua Mageſtade; parte da Nobreza, e muito Povo ſoblevados

com

com Cogecem na sua têsta, marchaõ Era vulg.
á Feitoria, aonde estava Ayres Correa
com 70 companheiros, e 40000 dos
Barbaros se avançaõ para arrombar as
portas. Os nossos arvoraõ huma bandeira
para dar signal á Armada do seu
perigo; e em quanto do alto das paredes
se defendem com corage inimitavel,
o General destaca aos esquifes
das nãos commandados por Sancho de
Tovar para receber aos que se podessem
escapar do furor da plebe levantada.

Naõ podendo os Mouros arrombar
as portas bem defendidas, deitáraõ a
terra hum lanço da parede por onde entráraõ,
e passáraõ á espada 50 Portuguezes,
sendo Ayres Correa hum dos mórtos.
Fr. Henrique mal ferido, com quatro
dos Religiosos, e os vinte companheiros
todos no mesmo estado, e sempre
perseguidos, corrêraõ a amparar-se
dos Esquifes. Entre elles, na idade de
déz annos hia Antonio Correa, filho de
Ayres Correa, que tem de ser assumpto
honrado na nossa Historia pelo ser
da fama nas suas expediçôes gloriosas,
con-

Em vulg. conduzindo-o com desvélo Nuno Leitaõ, que vendo-se muito perseguido, teve de abandonar a innocente preza. Hum marinheiro esforçado, que se deixou tocar deste desamparo, o tomou sobre os hombros, e o metteo são, e salvo em hum dos batéis. Toda a fazenda nos foi roubada, sem alguma lembrança de perda, quando renovavamos a deste massacro succedido no dia 16 de Dezembro do anno de 1500.

O General que estava com huma quartã quando elle aconteceo, insensivel á molestia, magoado da dôr pela falta de tantos companheiros; elle se resolveo a ficar no porto immovel esperando a satisfaçaõ de attentado semelhante, que naõ podia esconder-se ao Çamorim. Como passou todo o dia, e a noite sem que este Principe rompesse o silencio; Pedro Alvares, que estava informado do seu genio vario, e inconstante, naõ só o teve por consentidor, mas por author do motim; e cuidou em lhe naõ demorar o desaggravo. Na manhã do dia seguinte chamou os seus Officiaes a Conselho, e ouvidos

os

os votos se deliberou, que a preza de déz náos de Mouros, que estavaõ no porto fosse o primeiro objecto do nosso resentimento, de hum desaggravo taõ justo.

Era vulg.

Seguio-se ao Conselho a execuçaõ, e começou no porto de Calecut a ser visto hum combate, em que o furor derramado comprava a vingança a todo o custo. Os Mouros se defendêraõ intrépidos; mas a justiça da causa tinha infundido nos Portuguezes tal corage, que depois de degollarem mais de seiscentos Barbaros, apresáraõ todas as náos, algumas dellas já com cargas importantes, em que entrou huma de Cogecem, author da sediçaõ. Mandou o General baldear os generos nas nossas náos, e concedeo a vida a muitos Mouros, que se ach   áraõ escondidos para nos servirem na mareaçaõ, e supprir a falta dos marinheiros mórtos na viagem. Quando chegou a noite, para fazer mais horrivel o espectaculo, na face do Camorim dêmos fogo ás náos cativas, que levantáraõ déz incendios. Na praia se ouvíraõ os clamores, as mal-

di-

Era vulg. dicções, as vozes de vingança; mas ninguem se resolvia a tomalla. A manhã deixou vêr as nossas náos em linha na frente da Cidade com semblante de querer acanhoar, ainda naõ satisfeita a cólera.

Começou hum fogo horrivel, que durou muitas horas; que pôz por terra os edificios mais brilhantes de Calecut; que matou gente innumeravel, bem longe dos pensamentos, de que a tanto se arrojasse a nossa cólera, por estar desprevenida; e que fazendo em pedaços aos pés do Camorim hum dos seus Naires mais estimados, elle para salvar a vida fugio com precipitaçaõ abandonando a sua Corte, que seria hum despojo do furor Lusitano, se a elle se igualasse o poder. Vingada deste modo a mórte de Ayres Correa, o General mandou levar ferro, e navegou para a Cidade Capital de Cochim, aonde o Rei Trimumpara, tributario de Calecut, mas nosso alliado fiel, o recebeo como elle podia desejar. Hum Indigena que fora Jogue racional, e com a nossa communicaçaõ conheceo, e abjurou

os

[illegible]errros, fazendo-se hum perfeito Christaõ com o nome de Miguel; elle foi o instrumento principal da renovaçaõ da Alliança, que nos veio a ser taõ [illegible]josa.

Os Reis de Cananor, e de Coulaõ, que [illegible] do Rei de Cochim esta ventagem, [illegible]iosos della mandáraõ dous Emissarios ao General, naõ só offerecendo a sua amizade; mas hum trafico aberto nos seus pórtos. Agradeceo elle este obsequio dos Principes com a sua [illegible] ordinaria, e desculpou-se de o naõ acceitar com o pretexto dos ajustes celebrados com o de Cochim. Aqui teve elle outro prazer, que foi buscarem-no dous Christãos descendentes dos Discipulos do Apostolo S. Thomé, que lhe pediraõ os quizesse levar a Portugal para consolaçaõ dos seus espiritos na visita, que determinavaõ fazer aos lugares Santos de Roma, e Jerusalem. Elles eraõ naturaes de Cranganor, e o General condescendeo benigno aos seus rógos, conduzindo-os a este Reino.

Neste mesmo tempo o Rei de Calecut desejoso de despicar a injúria, que fi-

Era vulg. fizemos a sua pessoa no meio da sua mesma Corte, fez esquipar vinte nãos de guerra, e outras muitas embarcações ligeiras, que mandou a Cochim para nos destruirem. O Rei amigo, que soube primeiro da vinda desta Armada, avisou ao nosso General. Elle entrou logo a prevenir-se para o combate com tanto socego, como se já tivéra segura a victoria. Appareceo a numerosa Esquadra, e os nossos navios sahírão a recebella; mas ella concebeo tal horror ao fogo da nossa artelharia, que o vento favoravel para a peleija, lhe servio para a fugida. Ficou o mar livre, e Pedro Alvares navegou para Portugal. Foi ao porto de Cananor agradecer ao seu Rei os favores, que lhe fazia: passou por Melinde, e huma grande tempestade fez vasar a não de Sancho de Tovar, a que démos fogo para não servir aos nossos inimigos. Continuou a viagem com felicidade, e chegando a Cabo-Verde encontrou mareada por seis homens a não de Pedro Dias, que se lhe desgarrára na tormenta da Costa do Brazil, e vinha do Golfo da Arabia.

Da-

Duques se fizérão na volta de Lisboa, aonde entrárão no ultimo de Julho do anno de 1501, em que fallamos.

Em vulg.

CAPITULO II.

Das differentes Esquadras, que El-Rei D. Manoel mandou á India successivamente, com outros successos da Europa.

El-Rei D. Manoel, que estimava a empreza da India por hum empenho da sua Religião, pelo mais sublime da sua glória; elle havia determinado mandar áquellas partes em cada anno huma Esquadra com Operarios, que dilatassem o conhecimento do Evangelho; com forças, que fizessem respeitavel o nome Portuguez na Asia. Como no anno de 1500 elle entendeo poderosa para os dous designios a de Pedro Alvares Cabral; no de 1501 unicamente enviou a João da Nova, hum Fidalgo Gallego de muito valor, com tres náos, e huma caravella, de que logo referiremos o destino. Ao mesmo tempo se occupava

Era vulg. va El-Rei de hum cuidado, e de hum prazer. O cuidado provinha do Duque de Bragança, D. Jayme, que tendo-o o mesmo Principe ajustado para casar com D. Leonor de Mendoça, filha de D. João de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, elle pela sua inclinaçaõ ao estado do Religioso, quiz recebello em Jerusalem, para onde fugio com hum so criado; mas El-Rei mandando-o seguir por Castella, e sendo achado em Calataiud, foi conduzido ao Reino, e consummou o matrimonio. O prazer nascia das esperanças da fecundidade da Rainha, que se completáraõ a 6 de Junho do anno seguinte de 1502 com o nascimento do Principe D. Joaõ.

Para naõ nos embaraçarmos adiante com a viagem de Joaõ da Nova, e ficar ella referida neste lugar, devemos saber como a sua sahida do porto de Lisboa foi aos cinco de Março deste anno, cinco mezes antes de Pedro Alvares Cabral chegar a ella. Com ventos favoraveis passou elle a Linha, e foi dar á huma Ilha incognita aos nossos, que fez chamar da Conceiçaõ, donde seguio

a

a derrota para Moçambique. Querendo prover os tonéis na Agoada de Saõ Braz, hum marinheiro vio pregado no tronco de huma arvore hum çapato, e com advertencia bem propria em occasiões semelhantes o despregou, e levou ao seu Chefe. Joaõ da Nova achou dentro nelle cartas escritas pela propria maõ de Pedro de Ataide, em que advertia aos Capitães Portuguezes, que passassem á India, tivessem por vitando o porto de Calecut, naõ se fiassem das insidias do Camorim, que era hum inimigo infesto da Naçaõ, como elle acabava de experimentar na companhia de Pedro Alvares Cabral, que depois de bem recebido, fora maltratado.

Esta mesma noticia confirmou a Joaõ da Nova o Rei de Melinde, quando elle chegou á sua Corte: noticia, que irritou os nossos espiritos para naõ perderem occasiaõ de vingança sobre aquelle Principe perjuro. Naõ tardou muitos dias a execuçaõ della no encontro com huma náo de Calecut, que rendemos, e abrazamos sem fazer caso das suas riquezas. Em Cananor veio

Era vulg.

fal-

Era vulg. fallar a Joaõ da Nova da parte do Camorim o Portuguez Gonçalo Peixoto, que se salvou em casa de Cogebequi no dia do massacro de Ayres Correa. Elle lhe propoz desculpas frivolas, novas propostas officiosas, que o mesmo Emissario descobrio fraudulentas, capciosas, indignas de attençaõ; já taõ conhecidas por Joaõ da Nova, que nem elle quiz ouvillas, nem Gonçalo Peyxoto voltar mais a Calecut.

Navegáraõ as náos para Cochim, e á sua vista alguns homens, que alli deixára Pedro Alvares, os espiritos lhes revivêraõ; porque ainda que o Rei os tratava com muita humanidade, a perfidia dos Mouros os trazia sempre nas mãos da morte. O Rei Trimumpára se excedeo em civilidades para comnosco, e fazendo carregar as náos sem demora, voltamos a Cananor. O seu Rei, fiel alliado, nos avisou como de Calecut vinhaõ oitenta paráos atacarnos no seu mesmo porto, que como o partido era taõ desigual, nos chegassemos mais á terra, aonde pelas embarcaçoes, que elle tinha promptas

de-

determinava soccorrer-nos. Joaõ da Nova lhe mandou render as graças sem acceitar as offertas, antes se fez ao largo; assegurando-lhe naõ se assustasse a seu respeito; que elle esperava ter em seu soccorro o Deos Omnipotente, que adorava; e que fortalecidos por elle os braços dos seus soldados, nada temia dessa multidaõ de vasos de Calecut, que vinhaõ sobre elle.

Era vulg.

Principiou a apparecer esta Esquadra naõ no número de 80, mas de mais de cem velas, e com a sua vista insinuou aos Capitães o alentado Chése, que elles naõ consentissem ser abordados por humas forças taõ desproporcionadas: que naõ ignoravaõ quanto a nossa artelharia era formidavel aos Barbaros: que a servissem de modo, que o fogo a tiro feito naõ cessasse o intervallo mais breve; e que outros deveres naõ tinha que recommendar-lhes, sabendo que eraõ Portuguezes. Foraõ estas ordens taõ bem observadas, que durando o combate até ao pôr do Sol, sem os inimigos nos chegarem, nem nós perdermos hum só homem, lhes

dei-

Era vulg. deitámos a pique muitos paráos, matámos 417 homens, e lhes ferimos grande número. Perda taõ sensivel derramou tal terror entre os Barbaros, que arvoráraõ bandeira de paz para entrarem comnosco em negociaçaõ: Nós naõ arreámos a de guerra, e continuámos o fogo, que suspendemos pela repetiçaõ dos signaes de armistício, até vêr o que pretendiaõ de nós os contrarios abattidos.

Elles enviáraõ a bórdo da Capitania hum Arabio a pedir, que por aquella noite cessasse a peleija, e que ao romper do dia ambas as partes entrariaõ em ajustes para huma composiçaõ razoavel. Conveio o nosso Chéfe na proposta debaixo da condiçaõ, de que sem demora as suas náos haviaõ passar o Estreito, e pôr-se sobre ferro face a face das de Calecut, como com effeito foi executado. Como esta vantagem nos deixava o mar livre para seguirmos a nossa viagem, os inimigos pérfidos, suppondo que nós nos entregariamos ao repouso, que desejaõ os membros lassos depois do movimento

rá-

rápido de hum combate; elles mandáraõ com o favor da noite aos seus nadadores déstros cortar-nos as amarras, atiçar o fogo nas cordas, e consumir-nos. A vigilancia das nossas sentinellas derrotou estes designios, e os barbaros confusos, para se naõ arriscarem a fazer huma paz vergonhosa, na mesma noite leváraõ ancoras, e se fizéraõ na volta de Calecut, depois de affoutos, temerosos.

Em vulgo

Os nossos vendo-se pela manhã victoriosos sem inimigos, depois de dárem graças a Deos por huma felicidade naõ imaginada, continuáraõ a sua derrota; montáraõ o Cabo de Boa-Esperança, e na volta do de S. Vicente descobríraõ huma nova Ilha, que Joaõ da Nova fez chamar de Santa Helena. Parece que providencia especial collocou no centro daquelles mares esta fertil, agradavel, e abundante Ilha, regada de muitos rios, com bosques denços, gados, e caça infinita para soccorro dos navegantes. Joaõ da Nova depois de se bastecer nella de tudo o necessario, com a mesma felicidade

 con-

Era vulg. continuou á jornada para Lisboa, aonde chegou a 11 de Septembro de 1502.

Depois da vinda de Pedro Alvares Cabral no anno antes da de João da Nova, El-Rei D. Manoel informado do estado dos nossos negocios na Asia; da perfidia dos Reis de Quiloa, e Calecut, elle determinou na monçaõ do dito anno de 1502 mandar á India tantos reforços, que abatessem o orgulho dos revoltosos, e fizessem a nossa reputaçaõ respeitavel. Já El-Rei se intitulava Senhor da Navegaçaõ, Conquista, e Commercio de Ethiopia, Persia, e India, e para os firmar com segurança, tornou a apparecer formidavel sobre as ondas do Oriente o seu Almirante o Grande D. Vasco da Gama, commandando huma Armada de vinte vélas. Em Fevereiro de 1502 sahio o Almirante D. Vasco de Lisboa com 15 náos; déz, que elle commandava; cinco, que hiaõ ás ordens de seu tio Vicente Sodré, que havia ficar com ellas na India para proteger as Feitorias de Cochim, e Cananor; e porque as outras cinco, que faltavaõ para o número

1502

ro

ta de vinte, e havia commandar Estevaõ da Gama, primo irmaõ de D. Vasco, naõ se podéraõ pôr promptas, ellas sahíraõ de Lisboa no Abril seguinte.

Era vulg.

Os Capitães, que hiaõ mandando as nãos da Esquadra do Almirante, eraõ D. Luiz Coutinho, filho do segundo Conde de Marialva; Francisco da Cunha, natural das Ilhas Terceiras; Joaõ Lopes Perestrello; Pedro Affonso de Aguiar; Gil Matoso; Rui da Castanheda; Gil Fernandes; Diogo Fernandes Correa, que havia ficar por Feitor em Cochim, e Antonio do Campo. Os da Esquadra de Vicente Sodré, foraõ além delle, seu irmaõ Braz Sodré; Alvaro de Ataide natural do Algarve; Fernaõ Rodrigues o Bardaças, e Antonio Fernandes. Debaixo da sua bandeira levou Estevaõ da Gama a Lopo Mendes de Vasconcellos; a Thomaz de Carmona; a Lopo Dias, criado do Senhor D. Alvaro; ao Italiano Joaõ de Bonagracia. Hum só destes navios naõ chegou á India, e os successos de todos elles nós os referiremos no seu lugar, e tempo proprios.

Era vulg. Ao gosto desta expediçaõ se seguio o do nascimento do Principe D. Joaõ; mas elle foi perturbado por huma das tempestades mais horrendas, que sentio Lisboa, e que fez differir as festas públicas para quando as permittisse a serenidade do ar. No dia do Bautismo succedeo outro incidente, que foi pegar o fogo no Paço: dous incidentes, que déraõ assumpto aos genios faceis em crêr agouros para interpretarem futuros, e levantarem horoscopos. O espirito del-Rei a tudo superior, só attento a render a Deos as graças pela multidaõ dos beneficios, que lhe fazia, especialmente nas ventagens, que promettia a navegaçaõ da India; depois de repartir as suas especiarias pelos Conventos Religiosos, de multiplicar esmólas avultadas pelas pessoas benemeritas; elle determinou ir este anno em romaria a Compostella visitar o sepulchro do Apostolo Sant-Iago.

Para que os Póvos de Galliza naõ soubessem qual era o Rei, ordenou aos Fidalgos da comitiva, que tratassem ao Marquez de Villa-Real com honras confor-

formes ás da sua Real Pessoa. Esta jornada lhe deo occasiaõ para dous lances de magnificencia piedosa. O primeiro foi em Coimbra, aonde se mostrou taõ sensivel á pouca decencia, com que em Santa Cruz estava sepultado o cadaver do Santo Rei D. Affonso Henriques, que deo logo ordens precisas para se lhe lavrar o sumptuoso Mausoléo, em que descança. O segundo foi no Porto á vista do Monumento do Martyr S. Pantaleaõ, que no seu testamento determinava o Rei D. Joaõ se construisse brilhante para memoria illustre do Santo; e elle assim o fez executar com grande despeza. Entrando por Tuy em Galliza, foi conhecido, e tratado com acclamações respeitosas da Nobreza, e Povo. Tres dias se deteve El-Rei em Compostella occupado em actos de Religiaõ edificantes, e tanto alli, como pelas terras, por onde passava veio derramando até Lisboa a chuva de Jupiter, e desta sua Capital mandou logo para arder no Altar do Santo Apostolo huma alampada de prata soberbamente lavrada: peça a mais rica

Era vulg.

de

Era vulg. de quantas até entaõ ornavaõ aquella Casa.

1503 Entrou o novo anno de 1503, e em El-Rei a impaciencia de ir a Africa em pessoa fazer a guerra aos Mouros. Sentido de que a Fróta que mandára ao Estreito nada obrára recommendavel, elle quiz remediar com ardor a sua frouxidaõ. Prepararaõ-se muitas náos; alistou-se grande número de gente; fizéraõ-se fornecimentos copiosos de munições de guerra, e bocca; mas naõ havendo politica, nem razões humanas, que persuadissem o Rei a mudar de designio; hum golpe da maõ de Deos cortou todas as medidas, e cessáraõ os projectos. No meio da Primavéra foraõ as chuvas taõ copiosas, e contínuas, que alagada a campanha, apodrecêraõ todos os fructos. A esta desgraça se seguio huma fome extrema, que assolou as Cidades mais principaes do Reino. Os moradores do campo andavaõ em pé meios vivos, com figura quasi de cadaveres. Para acabar de matar viéraõ as epidemias ser auxiliares da fome. Huma tal calamidade fez que

os

os cuidados da guerra de Africa se applicassem em mandar vir de França, e Inglaterra os mantimentos necessarios á vida dos Grandes, e pequenos, que todos pereciaõ de necessidade. Era vulg.

Porém o Rei, chamado Filho da Ventura, superior a ella mesma, nada o embaraçou para este anno mandar á India seis náos, tres ás ordens de Affonso de Albuquerque; tres ás de seu primo Francisco de Albuquerque, de que adiante fallaremos; e seis ao Brazil mandadas por Gonçalo Coelho, que ignorante daquella navegaçaõ, perdeo quatro, e com as duas voltou a Lisboa sem mais interesse, que hum pouco de páo brazil, alguns macacos, e papagaios.

CA-

CAPITULO III.

Successos dos Fidalgos da Casa de Corte-Real, e os do Almirante D. Vasco da Gama na sua segunda viagem da India.

Era vulg. DIZ o erudito Le Quien de la Neufville, que o descobrimento do Mundo era huma resoluçaõ digna só dos Portuguezes, que buscavaõ a glória pelo meio dos perigos mais espantosos, e que a queriaõ adquirir immortal por hum caminho, aonde he quasi inevitavel a mórte. Hum dos nossos Fidalgos, que se deixou bem occupar desta idéa foi Gaspar Corte-Real, que depois de muitas aventuras, vendo descoberta a parte Meridional do Universo; o seu valor extremo lhe fez conceber os intentos de descobrir a Septentrional a todo o risco. Para este fim armou huma náo, em que sahio de Lisboa no anno de 1500. Sempre com a prôa ao Nórte, chegou elle ás Regiões geladas, aonde avistou huma terra, que cha-

chamou Verde pela vêr apprazivel, occupada de infinitos arvoredos. Notou os costumes dos seus barbaros moradores sem Religiaõ, nem cultura, prestigiosos, e agourentos, em tudo semelhantes aos Lapões da Noruega.

Era vulg.

No anno de 1501 voltou Gaspar Corte-Real, desta jornada; e naõ havendo pessoa, que pela esterilidade da terra quizesse continualla, elle por opiniaõ se resolveo a seguilla, e com permissaõ del Rei tornou a sahir de Lisboa ao mesmo destino, que lhe foi fatal. Como até Maio de 1502 naõ houve quem désse mais noticia do nosso Aventureiro, seu irmaõ Miguel Corte-Real, Porteiro Mór del Rei, que o amava muito, sahio com duas náos em sua demanda, e sumio-se. A perda destes dous Fidalgos taõ estimaveis se fez sensivel ao Rei com tal excesso, que mandou dous navios bem esquipados a buscar noticias suas pelas cóstas do Septentriaõ. Como naõ acháraõ alguma, elles se recolhêraõ; e Vasqueannes Corte-Real, irmaõ de ambos,

que

Era vulg. que era Veador da Casa Real, e Alcaide Mór de Tavira, querendo continuar na teima de procurar quem naõ aparecia, El-Rei lho impedio, e teve de contentar-se com recolher na sua pessoa a glória que os dous irmãos adquiríraõ para a sua casa, e se fez immortal com o nome de Corte-Real, que foi imposto á Terra, que elles descobríraõ.

Depois da partida dos Albuquerques para a India, El-Rei se resolveo a convocar em Lisboa os Estados do Reino para jurarem ao Principe D. Joaõ por Successor de seu Pai, como se praticou com as ceremonias costumadas em actos semelhantes. Os mesmos Estados quizéraõ mostrar a sua gratidaõ officiosa ao Rei com hum donativo voluntario para as despezas da guerra de Africa; Elles arbitráraõ a quantia de cincoenta mil cruzados, desculpando com a fome, e carestia passadas naõ ser ella correspondente á extensaõ dos seus desejos. O Rei, attento aos mesmos motivos, prorogou o tempo da cobrança, e deo ordem para que ella se fi-

ftieffe com tal ſuavidade, que naõ hou- veſſe hum ſó queixoſo. Era vulg.

Em quanto ſuccediaõ eſtas couſas, o Almirante Gama continuava a ſua viagem para a India; e montado o Cabo de Boa Eſperança, ordenou a Vicente Sodré, que com onze das náos mais gróſſas navegaſſe a Moçambique; que elle com as quatro de menos lote queria fazer huma viſita á Cidade de Çofala. O ſeu Principe tratou ao Almirante com todas as honras; e eſtabelecida amizade, elle teve o deſprazer na ſahida do porto de perder huma das náos, ainda que ſalvou todas as vidas, e quanto ella levava de eſtimavel. Em Moçambique encontrou elle o reparo deſta perda em huma caravella nova, que fizéra conſtruir Vicente Sodré com as madeiras lavradas, que trazia do Reino. Achou o Gama aquella terra com outro Principe differente na peſſoa, e condiçaõ do que elle trátara na primeira viagem: o outro noſſo inimigo inexoravel, eſte noſſo amigo officioſo.

Com pouca dilaçaõ em Moçambique,

Era vulg. que, o Gama navegou a Quiloa, aonde entrou aterrando o Povo com huma tormenta furiosa de artelharia, que publicava o nosso resentimento. O temor trouxe a bórdo ao Rei Abrahem, aonde o Almirante o reteve prisioneiro até se jurar vassallo del Rei D. Manoel com o tributo annual de 500 miticais de ouro, que correspondem a pouco mais de 500 dos nossos cruzados: tributo unicamente interessante por ser marca da obediencia do Principe contumaz. Como elle naõ se podia escusar de dar refens importantes até ao cumprimento das convenções estipuladas; poz em poder do Almirante a Mahomet Anconi, seu primeiro Ministro, o homem mais poderoso de Quiloa, sem lhe fazer especie o perdello para continuar na falta de palavra, e na perfidia das intenções. O Almirante compadecido da pouca fortuna de Mahomet, deo-se por satisfeito com cobrar o tributo daquelle anno, e se fez á véla para Melinde.

As correntes rápidas impedíraõ ao Almirante visitar este Rei amigo, e o le-

levárao a huma enseada oito leguas abai- xo, aonde elle lhe enviou por Luís de Moura, hum dos desterrados, que alli deixára Pedro Alvares Cabral, cartas, e recados, que uniaõ os affectos da amizade com as impaciencias de o naõ vêr. Feitos nesta paragem os provimentos necessarios para a Armada, elle se lançou ao grande Golfo, e nelle teve o Almirante o gosto de encontrar a Estevaõ da Gama com tres náos da sua conserva, que felizmente chegáraõ a Angediva. Aqui viéraõ a encontrar-nos as duas náos de Estevaõ da Gama, que faltavaõ, e fizéraõ na Armada o número de dezanove; sendo a de Antonio do Campo a unica das vinte, que sahíraõ de Lisboa, e naquelle anno naõ chegou á India. O Almirante postou as náos em fórma, que pelas quinze leguas da largura daquelle mar naõ podesse passar embarcaçaõ alguma, que ellas naõ resistassem.

Era vulg.

Neste tempo apareceo huma de desmarcada grandeza, que era do Soldaõ do Egypto, e vinha de Calecut carregada de preciosidades. A sua tripu-

Era vulg. pulaçaõ numerosa entendendo, que com presentes enviados ao nosso Chéfe compraria as liberdades, e resgataria a fazenda, naõ duvidou enviallos de muito valor. Vendo porém rodeados os seus bórdos dos nossos batéis com apparencias de lhe quererem pôr fogo; os Barbaros levados do amor da vida, começáraõ a fazer huma gentil defensa: Della inferimos nós, que a importancia da náo era grande, e resolvemos naõ a queimar sem baldealla. Esta foi a causa de durár o combate hum dia, até a manhã do outro, em que os Barbaros obráraõ proezas dignas da envéja dos nossos. Em fim, passados á espada trezentos da guarniçaõ; salvos os muitos mininos, que ella levava, e o Almirante mandou fazer Christãos; mettida a carga nas nossas náos, a rendida foi hum despojo miseravel do fogo, que a consummio.

Como a preza desta náo era quem detinha ao Almirante no Cabo de Delli, elle navegou a Cananor para fazer entrega do Ministro, que o seu Rei tinha enviado ao de Portugal; para lhe

dar

dar as cartas, e presentes, que este lhe mandava; para regular os preços das especiarias, e fórma do Commercio. Mas como esta negociaçaõ naõ foi ao gosto de D. Vasco da Gama, ficando encarregado della Payo Rodrigues, o Gama deixou no porto a Vicente Sodré com huma náo, e a caravella para o recolher; e elle, que havia já escrito ao Çamorim as disposições, em que trazia o animo a seu respeito pelos bons officios, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores, se fez na volta de Calecut.

Em vulg.

Sempre ao longo da Cósta foi o Almirante derrotando Parásos desta Potencia inimiga, e recebendo recados fingidos do Çamorim, huns a que naõ dava resposta, outros que naõ ouvia, em quanto se lhe naõ restituia a fazenda tomada a Pedro Alvares, e dava satisfaçaõ da mórte de Ayres Correa. Depois de entrados no seu porto, usou o barbaro Principe de outros estratagemas; o Almirante se fez delles bem entendido, mandando enforcar trinta e dous Mouros prisioneiros no lais das

ver-

Era vulg. vergas; depois cortar-lhes as cabeças, mãos, e pés, que mettidos em huma barca os enviou de presente á Cidade, aonde começou a chover das nossas náos huma innundação de ballas, que a pôz por terra: segundo golpe, que augmentou as ruinas não reparadas do primeiro, que nella descarregou Pedro Alvares Cabral. Para continuar os estragos por toda aquella Cósta, o Almirante deixou no porto de Calecut a Vicente Sodré com seis das melhores náos, e elle partio com as mais para Cochim.

A sua primeira complacencia na entrada deste porto foi a de vêr a bórdo os Portuguezes estabelecidos na terra, que lhe fizérão saber a muita humanidade, com que os tratava o Rei Trimumpára, e a grande vigilancia com que impedia, que o odio dos Mouros os perturbasse. Elle mandou logo cumprimentar ao Almirante pelo primeiro dos seus Ministros; recebeo os presentes brilhantes, que lhe mandava El-Rei D. Manoel, e que retribuio com outros magnificos; veio no dia seguinte a bór-

bórdo da náo Almirante com a confiança, e firmeza do amigo mais sincéro; e estabelecidas nóvas convenções mutuamente interessantes, acabou a amizade de lançar fundas as raizes. Cresceo o nosso prazer com a Embaixada, que os Christãos das terras de Cranganor, quatro leguas distantes de Cochim, mandáraõ ao nosso Chéfe.

Era vulg.

Elles eraõ mais de trinta mil descendentes dos que bautisára o Apostolo S. Thomé, os quaes por aquelles seus Emissarios fizéraõ saber ao Almirante: Que estando elles, e os seus progenitores tantos seculos vivendo entre Mouros, e Gentios, naõ sabiaõ explicar o júbilo, que lhes causava a vinda de Christãos de partes taõ remotas áquellas Regiões barbaras: Que os admittisse por Vassallos do grande Rei D. Manoel; porque na terra naõ queriaõ reconhecer outro Senhor, senaõ a elle; e que por marca da sua obediencia lhe enviavaõ, como a Lugar-Tenente do mesmo Soberano, a Vara de Justiça, de que entre elles usava o seu Superior. O Almirante se sobprendeo alvoroçado

Era vulg. com esta Legacia; e depois de levantar as mãos, e os olhos ao Ceo para dar graças á Providencia, com que o Deos Verdadeiro sustenta aos seus Eleitos no centro das Nações brutas, elle se voltou para os Enviados, e lhes disse: Eu vos prometto em nome delRei D. Manoel de Portugal, que de hoje em diante sejaõ outras as vossas vantajens; mais feliz a vossa condiçaõ. Eu vos encho de esperanças; eu desejo augmentar a vossa Fé, e vos affirmo, que á India naõ virá algum dos nossos Capitães, que deixe de promover os vossos interesses; que naõ exponha o sangue, e a vida para vos livrar da tyrannia de homens abominaveis; desses Gentios torpes; desses barbaros Sarracenos, que sem humanidade vos opprimem.

A este grande júbilo dos nossos espiritos se seguíraõ os sustos pelo risco, em que estiveraõ o Almirante, e algumas náos nossas de perder-se. O Çamorim, que naõ podia destruir-nos com a força, nem negociar o nosso danno com o Rei de Cochim; elle

inf-

instruio a hum dos seus Bramanes, Era vulg.
para que viesse a esta Cidade acompanhado de dous moços, hum seu filho, outro seu parente, e com bem estudar da simulaçaõ, para ir conduzindo o negocio ao seu fim, pedisse ao Almirante quizesse levar os dous moços a Portugal para tomarem conhecimento da Religiaõ Christã, e das Bellas-Letras. Sem repugnancia condescendeo o Gama a esta demanda, que foi facilitando o trato, e animou ao Bramane para avançar os designios. Elle se abrio; e de hum tom insinuante encareceo o arrependimento do Çamorim sobre as desordens passadas: quanto desejava este Principe, que ellas esquecessem, e a amizade se renovasse: a sinceridade com que queria restituir os damnos da nossa Feitoria arruinada; dar satisfaçaõ da injúria, que se nos fizéra; e apromptar carga para as náos da nossa Frota, se ellas quizessem ir recebella ao porto de Calecut sem receio.

O Varaõ prudente, ainda que saiba prevenir-se, ás vezes he facil em acreditar. Assim o mostrou o Almirante

Era vulg. nesta occasiaõ. Elle crêo com facilidade; mas preveniose deixando a Estevaõ da Gama com as melhores naos em Cochim; retendo ao Bramane em refens; ordenando a Vicente Sodré, que com alguns navios cruzasse naõ longe de Calecut; e elle com as embarcações ligeiras entrou neste porto, e pelos dous moços do Bramane, que levava comsigo, avisou ao Çamorim da sua chegada. Este Principe, que naõ o esperava taõ depressa, com idas, e vindas dos Emissarios, perguntas, e respostas ao parecer ingenuas, ganhou o tempo necessario para armar cem paráos com tanto segredo, que o Almirante o naõ soube, senaõ quando no quarto da Alva vio o porto impedido, e os seus navios todos cercados, o damno certo, a salvaçaõ contingente.

Neste perigo extremo contemplou elle, que naõ havia mais refugio, que morrer peleijando, ou fugir se podesse. Sem ordem, tudo confusaõ, já investidos pela chusma dos Mouros, e Indios, naõ houve mais acordo, que picar as amarras, soltar vélas, e remos,

mos, e entregar nos braços do destino. Era vulg.
Deos nos soccorreo com hum vento Austral taõ rijo, que a náo do Almirante pode romper, e fazer-se ao mar. Os outros navios, que naõ tinhaõ tanta força de véla, ainda que a ajudavaõ com os remos, naõ podéraõ correr tanto, e hiaõ quasi abordados pela multidaõ dos inimigos. Neste aperto tivemos o soccorro de outra providencia especial, que foi apparecer Vicente Sodré com a sua Esquadra bem longe de pensar a aventura, que nos succedia. Unida com ella a náo do Almirante, voltáraõ a salvar os nossos navios quasi aprezados dos Barbaros. Elles, que se estimavaõ victoriosos, taõ de repente se lhes mudou a scena, que em hum intervallo breve sentíraõ a pena da perfidia na perda de muitas vidas, na de quantidade de Paráos deitados a pique, na da fugida vergonhosa, em que se pozéraõ os que naõ quizéraõ expôr-se ao perigo de hum fatal destino. O Almimirante se recolheo com toda a Armada a Cochim, aonde agradeceo ao Bramane o serviço, mandando-o enfor-

car,

Era vulg. car, sentido dos dous moços lhe escaparem em Calecut para naõ levarem a mesma pena.

O Çamorim impaciente com o aborto dos seus designios, que naõ podia levar ao fim com a força descoberta, nem com a perfidia simulada, entrou a negociar com o Rei de Cochim a ruina dos Portuguezes. Elle lhe escreveo no exordio da carta com brandura; persuadindo-o quizesse ter a gloria do primeiro instrumento, que livrasse a Asia dos monstros, que com figura de homens apparecêraõ nella; entregando-os no seu poder para delles tomar huma satisfaçaõ tamanha, como eraõ as injurias, os despresos, a nenhuma reverencia, com que elles tratavaõ aos Soberanos do Oriente. Depois mudando de estylo, com hum tom fero, e arrogante o ameaçava, que se assim o naõ fizesse, que des de já o olhasse como hum inimigo implacavel, que a ferro, e fogo entraria pelos seus Estados, e naõ embainharia a espada em quanto naõ misturasse o seu sangue derramado com o desses infames, que

pro-

protegia, com o dos Barbaros, que amparava. Era vulg.

Estes officios taõ iguaes á infidelidade de Calecut, quanto pouco conformes á boa fé de Cochim, impressaõ alguma fizéraõ no espirito do Rei Trimumpara. Em quanto a negociaçaõ dura, elle a occulta a D. Vasco da Gama, para que naõ desconfie; mas ao Çamorim responde: Que elle pasma, de que hum Monarca da sua estatura conceba pensamentos de querer involver os outros Reis nos negros, e feios crimes da perfidia, do perjuro, em todos os homens abominaveis, quanto mais nos Soberanos: Que destes era hum dever indispensavel guardar a fé jurada; estabelecêlla com firmeza, como glória, que naõ tinha comparaçaõ, quando o seu contrario a perfidia era o maior inimigo dos costumes, e institutos Reaes, como nodôa eterna, que já mais se apagava nas Purpuras: Que além disto, nenhum espirito sublime negava a sua protecçaõ aos homens benemeritos, das qualidades dos Portuguezes, que lha pediaõ: Que nestes

ter-

Era vulg. termos, elle naõ rompia a obſervancia das Leis Santas com que ſe ligára, ainda que arriſcaſſe os Eſtados, e perdeſſe a vida, tudo de menos valor, que a boa fé.

Quando ceſſáraõ as pretenções do Çamorim, e Vaſco da Gama eſtava a ponto de partir para o Reino, o Rei de Cochim lhe deſcobrio a negociaçaõ. Acabou elle de conhecer a fidelidade deſte Principe para comnoſco, e lhe dêo as graças pelos termos mais ſignificantes: deixou na ſua terra a Alvaro Vaz, e a Lourenço Moreno com trinta homens: aſſegurou-lhe, que para o pôr a coberto dos inſultos do Çamorim, ficavá ás ſuas ordens na India huma boa parte da Eſquadra Portugueza commandada por ſeu Tio Vicente Sodré, e deſpedidos com as demonſtrações mais vivas de uniaõ perpetua, o Almirante ſe fez a véla para Cananor, aonde o eſperava igual fortuna.

CA-

CAPITULO IV.

Do mais, que aconteceo a D. Vasco da Gama na India até voltar ao Reino, e os successos de Africa neste tempo.

COBERTO da glória de tantos bons successos, que D. Vasco da Gama devia ao seu valor, e dexteridade, entrou no porto de Cananor, e achou o Rei preoccupado do estrondo da sua reputaçaõ. Como elle recahia sobre a amizade precedente, nós celebramos com este Principe hum Tratado muito vantajoso, que teve por preliminares: Como elle já mais faria a guerra ao Rei de Cochim: como naõ contrahiria alliança com o de Calecut contra elle: como aos vassallos do Rei de Portugal trataria com todas as delicadezas da fidelidade. Debaixo da firmeza deste contrato, D. Vasco estabeleceo em Cananor outra Feitoria como a de Cochim, e deixou por Feitor a Gonçalo Gil Barbosa com vinte homens.

Era vulg.

Pa-

Era vulg.

Para a vantagem deste Tratado nada contribuio tanto, como a victoria, que o Almirante ganhou sobre vinte e nove náos de Calecut antes de entrar no porto de Cananor. Ellas fórtemente armadas, intentáraõ cortar o caminho á nossa Esquadra, combatella, ou obrigalla a retroceder. O Almirante incapaz da segunda manobra, prompto para a primeira, destacou a Vicente Sodré com mais duas das náos menos carregadas para investir a vã-guarda dos inimigos, em quanto as outras chegavaõ. O repelaõ foi taõ violento sobre dous navios dos Mouros mais avançados, que as suas tripulações se lançáraõ ao mar para salvar-se nadando; mas os nossos seguindo-os nas lanchas, matáraõ ás lançadas mais de trezentos. Bastou este golpe para cortar os alentos de toda a Armada, que dando-nos a poppa, quiz fugir, e nós pelo peso das náos, ainda que a seguimos, naõ a podémos embaraçar. Á vista della démos fogo aos navios rendidos para acertar os Barbaros com o desprezo, que faziamos dos seus despojos. Com tudo, em-

em pouco espaço nos aproveitamos de alguns, entre elles da figura de hum monstro fabricado de ouro com quarenta libras de pezo, que tinha por olhos duas esmeraldas preciosas, e no peito hum Pyropo de grandeza admiravel, que parecia huma braza acceza, de mais valor este rubí do peito, que o resto da joia.

Em vulg.

Depois da celebraçaõ do Tratado em Cananor, naõ houve mais demóra, que acabar de carregar algumas das náos; dar as ordens a Vicente Sodré do que havia obrar com seis, que lhe ficavaõ para proteger aos nossos alliados; e nos fizemos á vela com treze para Moçambique. Aqui se fornecêraõ ellas do necessario, e antes de montar o Cabo, huma tormenta desgarrou da conserva a náo de Estevaõ da Gama. Em quanto ellas navegavaõ, Vicente Sodré, vendo que no espaço de dous mezes os inimigos naõ se moviaõ, nem o Çamorim executava sobre Cochim as ameaças, foi cruzar nos mares de Arabia contra os Mouros confórme o regimento, que o Almirante lhe dei-

xá-

xára, e elle com a idéa das prezas apetecia.

Este navegou com felicidade o resto da viagem, e a 10 de Setembro, como entende Osorio, ou de Novembro, como diz Joaõ de Barros, deste anno de 1503, entrou no porto de Lisboa com doze náos, e a de Estevaõ da Gama seis dias depois. Foi o Almirante D. Vasco recebido com o estrondo de muitos canhões, com tanto prazer del-Rei, que mandou grande número dos Senhores da Corte para o acompanharem ao Paço. Ao mesmo tempo chegavaõ de S. Jorge da Mina, de Flandres, e de Oraõ muitas embarcações carregadas de generos preciosos, que a Providencia mandava a Portugal para fazer feliz o Rei Filho da Ventura. O tributo do de Quiloa foi levado á sua presença com grande pompa pelo mesmo Almirante. El-Rei mandou fazer deste tributo huma Custodia preciosa para o Mosteiro de Belém, aonde quiz que ficasse como hum monumento de memoria perpetua da sua gratidaõ para com Deos, que nas Regiões

giões remotas lhe tinha destinado Reis para Vassallos, os seus cabedaes para os tributos.

Era vulg.

Naõ eraõ menos felices os nossos negocios em Africa. He verdade que as correrias contínuas do Rei de Fez, e da grossa guarniçaõ de Alcacer-Quivir chegavaõ até ás portas de Arzila. Aquella importante, e mais poderosa Praça da Mauritania Tingitana situada nas margens do Rio Luco, que lhe entra pelas portas quando enche, foi fundaçaõ de Mançor, Rei, e Pontifice de Marrocos, habitada de homens sabios, illuminada por Aulas públicas de Filosofia, enriquecida pelo Commercio de Mercadores poderosos. Os Reis de Féz conservavaõ nesta Cidade huma guarniçaõ numerosa de cavallaria, e infantaria, que a fazia respeitavel. El-Rei D. Manoel para evitar os damnos, que ella nos causava, escreveo a D. Joaõ de Menezes, Governador de Arzila, ordenando-lhe, que unido com o Conde de Tarouca, Commandante de Tangere, as vezes que podessem a atacassem, até lhe abaterem o orgulho.

D.

Era vulg.

D. Joaõ com 230 cavallos, e o Conde com 200 marcháraõ a bater nas pórtas de Alcacer-Quivir. Á sua chegada, que foi sentida, o Alcaide destacou a hum dos Xeques com a maior, e melhor parte da guarnição, que os nossos víraõ estar-se formando sobre o monte dos Prazeres para esperarem a nossa vinda. O Conde mandou perguntar a D. Joaõ o que lhe parecia, e elle lhe respondeo, que muito bem; porque aquillo era o mesmo, que elles vinhaõ buscando. Confórmes os animos dos nossos Chéfes, marcháraõ aos inimigos, que tambem se movêraõ cortezes para mostrarem, que naõ os queriaõ receber parados. Ao primeiro encontro elles retrocedêraõ taõ apressados, que naõ suspendêraõ a retirada, senaõ ás pórtas de Alcacer-Quivir com 200 camaradas menos. Como o Commandante da Praça, ou para animar mais os seus, ou para impedir, que os nossos naõ a entrassem embrulhados com elles, tinha mandado fechar as pórtas; os Barbaros atacados com mais força pelo seu mesmo perigo, que tinhaõ

por

por inevitavel, pozérão o remedio da sua salvação no esforço, e se lançárão aos nossos com gentileza.

Era vulg.

Foi elle tão rapido em obrar, que derribados alguns dos Portuguezes, ferido D. Duarte, filho do Conde, e o Adail Pedro Leitão; os nossos se viérão retirando meia legua de Alcacere já picados pelo seu Governador na tésta de 900 cavallos. Passárão os Chéfes a ponte, e se formárão esperando os Mouros. Como estes não se movião seguimos a retirada; mas reforçado o seu campo com os soccorros, que vinhão chegando, e já fazião o número de 1300 cavallos, então nos seguírão, e alcançárão junto da ponte grande, sete leguas de Arzila. Os nossos Chéfes voltárão caras com tanta intrepidez, que os Mouros não se attrevêrão a atacar-nos; retirando-se ambas as trópas ás suas Praças respectivas. Nesta occasião qualificárão o seu valor D. Duarte de Menezes filho do Conde de Tarouca, D. João Ladrão, filho do Conde de Cantanhede, D. Pedro, e D. Bernardino de Almeida, filhos do Con-

Era vulg. Conde de Abrantes, e outros Fidalgos, que mostrárão bem os seus talentos naquellas Aulas de Marte.

D. João de Menezes incançavel, sem despir as armas, se quiz aproveitar da consternação dos Mouros, e forçallos no seio das suas mesmas montanhas, visinhas do rio Luco, pouco distantes de Alcacer-Quivir. Hum pérfido Alemão, que desertou pela manhã de Arzila, foi avisar aos Mouros do perigo, que aquella noite os esperava. Quando os Portuguezes chegárão tivérão o encontro de cem, que ainda não se havião prevenido; matárão 50, e captivárão o resto. Cresceo sobre nós a multidão animada pelo aviso precedente, e revestio o combate de todas as qualidades de horrendo. Como vinha chegando a cavallaria de Alcacer, foi grande o nosso perigo, e extremo o em que esteve Pedro de Sousa, Fidalgo de huma corage inimitavel, que só ao seu valor deveo a vida. Sem mais perda, que a de quatro homens, D. João de Menezes teve a glória de conduzir a Arzila a grande preza fei-

ta

ta nas Aldêas, que naõ podéraõ aproveitar-se a tempo do aviso do Alemaõ.

Era vulgar.

Entrou a Rainha D. Maria no desejo de ter no Paço algumas Mouras especiosas, e para o roubo destas Helenas teve ao mesmo D. Joaõ de Menezes pelo mais desembaraçado Páris. As da Serra de Benagulfate universalmente eraõ estimadas pelas primeiras na gentileza, que sabe produzir a natureza nos lugares agrestes. Elle marcha em huma das noites, enrolada na maior escuridaõ, e tempestade, com 200 de cavallo á surdina até chegarem á raiz do monte. Como os moradores estavaõ sobmergidos no somno sem os sustos, que lhes desterrava a distancia, e fragosidade do Paiz; D. Joaõ, para naõ fazer o roubo ás escuras, mandou accender o grande número de archotes, que levava prevenidos, e ao som das trombetas, e clamores dos soldados despertou os que dormiaõ, para que aterrados do medo buscassem a salvaçaõ na fugida. Assim o fizéraõ os covardes. Dos valerosos se deixáraõ matar 80.

Era vulg. Captivamos 60 homens, e mulheres, entre ellas algumas bem ricas dos dotes, com que as buſcavamos, por iſſo os objectos primeiros dos noſſos deſvélos para naõ nos eſcaparem, como objectos do deſejo da Rainha.

Antes de romper a manhã, D. Joaõ de Menezes ſe pôz em retirada, ſem haver alguem, que o ſeguiſſe. Com a primeira luz do dia foraõ apparecendo os campos cobertos de homens com ſemblante de vingar a injúria com o ſangue, de recobrar a preza a troco das vidas. D. Joaõ marchava em tal ordem, que nos planos tanta corage naõ ſe attrevia a enveſtillo. Nos lugares eſtreitos o furor ſe moſtrava derramado, e em muitos era grande o aperto dos noſſos: mas a tudo ſuperior a fortuna de D. Joaõ, elle metteo a preza em Arzila ſem perder hum homem; e nós ſuſpendemos o ruido das armas em Africa, por chamar as noſſas attenções o eſtrondo da guerra de Cochim na India movida a noſſo reſpeito pelo odio do Rei de Calecut, que naõ podia cobrillo.

Logo que o Almirante D. Vaſco da Ga-

Gama se partio para Portugal, o Çamorim resolveo fazer a guerra ao Rei Trimumpara, que por nossa causa soffreo com singular constancia muitos generos de calamidades. Como nada pôde conseguir delle por meio das negociações, que tratou em nosso damno; elle o achou para attrahir ao seu partido alguns dos Ministros do Rei de Cochim, que lhe propuzéssem a entrega dos Portuguezes, que o Almirante havia deixado na sua Corte. O Rei, sempre fiel á sua palavra, sempre o mesmo nas suas resoluções, repellio, tapou a bocca aos sugestóres com lhes dizer: Que elle estimava em menos a Coroa, que a honra de cumprir a palavra. Huma resposta taõ precisa, abertamente favoravel aos Portuguezes, o Çamorim a teve por hum rompimento de guerra. Principiáraõ os apreslos em Panane, quinze leguas de Cochim, aonde postou hum Excercito de cincoenta mil homens. O Povo, e os principaes Officiaes de Cochim nos olhavaõ como causa das infelicidades, que esperavaõ, e queriaõ descartar-se de todos os Por-

Era vulg.

Era vulg. tuguezes; mas a vigilancia do Rei entregando-os á guarda dos Nayres, fez abortar os designios dos que principiávaõ a mostrar-se rebeldes.

Todo Calecut sugerido pelos Mouros approvava este rompimento, menos o Principe Naubeadari, Senhor da Comarca de Repelim, e futuro Successor do Çamorim. Elle teve a resoluçaõ de lhe dizer: Que a guerra contra Cochim approvada por todos, elle a tinha pela mais injusta: Que a sua origem naõ era outra, que a de haver o Rei Trimumpara dado entrada na India aos Portuguezes: Que estes a ninguem buscáraõ primeiro, que a elle Çamorim com huma Embaixada solemne, que lhe promettia interesses avultados em generos uteis, e desconhecidos pelo cambio dos que valiaõ pouco nos seus Estados: Que vindo com segunda Armada mais bem fornecida, lhes pilháraõ em Calecut a fazenda, e dególláraõ os homens; causas justas para os damnos, que elles depois fizéraõ na terra em sua defensa: Que como encontráraõ em Cochim a verdade, e

aga-

agasalho, que Calecut lhes negára, fizéraõ alli o seu assento: que em outros muitos Principes da Asia podiaõ mui bem encontrar acolhimento semelhante; e que se a todos os que assim obrassem, elle Çamorim os houvesse de ter por contrarios, isso sería emprehender huma guerra geral, e eterna contra as maiores Potencias: Que nestes termos, ainda que elle aborrecesse aos Portuguezes, naõ quizesse embaraçar-se com os Principes seus Fautores; porque talvez naõ tirasse muito ventajosas consequencias.

Era vulg.

Nada sendo bastante para mover o animo contumaz do Çamorim; estando o Rei Trimumpara com muitos descontentes á vista; sentindo huma deserçaõ continua nas suas trópas, sem que nada lhe alterasse a constancia do espirito; nesta situaçaõ triste entrava Vicente Sodré com a sua Esquadra em Cochim vindo da Cósta da Arabia, aonde fez consideraveis prezas. Esta vinda, que fez reviver os espiritos languidos, os reduzio pouco depois a maior aperto; porque Vicente Sodré, ou se deixas-

Era vulg. xasse occupar do temor da guerra, ou o arrastasse o amor da ganancia, com desculpas frivolas, improprias da pessoa, do cargo, da occasiaõ, nem as instancias mais persuasivas do afflicto Rei de Cochim, nem os golpes fundos de honra, que lhe descarregou o Feitor Diogo Fernandes Correa, foraõ bastantes para lhe impedir a volta aos mares da Arabia, aonde encontrou o fim tragico, que diremos em seu lugar.

Este foi o lance, emque a fidelidade de Trimumpara se qualificou de heroica para os Portuguezes, naõ querendo fazer crime da Naçaõ a culpa de hum individuo. Quando os seus Grandes o abandonavaõ; quando os soldados lhe fugiaõ; quando era a sua consternaçaõ a mais extrema; quando os mesmos Portuguezes lhe pediaõ naõ quizesse expôr-se a huma guerra fatal por seu respeito, antes lhes permitisse licença para passar a Cananor, aonde esperariaõ náos, que os conduzisse ao Reino; elle com a constancia de hum rochedo, a todos os combates resiste; mantem-se firme, e espera impavido os re-

repelões da fortuna sem mudar os primeiros propositos. Elle lhes diz com o espirito cheio de corage: Como he possivel, que huns homens taõ valentes como vós, que viveis comigo ha tanto tempo em familiaridade taõ conjunta, concebaõ pensamentos, ou de temer os inimigos, ou de duvidar da minha fé? Vós comigo haveis correr a mesma fortuna, e morramos todos no serviço do Rei D. Manoel.

Era vulg.

Immediatamente fez elle huma promoçaõ de Officiaes maiores, e nomeou para General ao recomendavel Principe Naramuhim seu sobrinho, e futuro Successor. No dia seguinte a esta nomeaçaõ marchou a postar-se com o pequeno corpo de cinco mil homens em hum dos vãos do braço de mar, que separaõ a Cochim de Calecut, por onde o Çamorim tinha de fazer a sua entrada. Aqui foi o primeiro avance taõ bem defendido, que os inimigos com grande perda de gente tiveraõ de abandonar a empreza; mas o Senhor de Repelim com forças novas, e muitos paráos bem armados veio a pôr tropeços

á

Era vulg. á victoria. Elle quiz forçar ao Princi-pe Naramuhim nos seus mesmos entrincheiramentos; intento, que lograria, a naõ encontrar a resistencia bisarra dos Nayres de Cochim, e a do Valeroso Lourenço Moreno na frente dos Portuguezes, que o reduzíraõ a estado de naõ avançar mais os designios. A soberba do Çamorim naõ podia soportar estas injúrias feitas por taõ poucos homens ao seu Exercito numeroso, e quizera retirallo da empreza; mas aconselhado pelos Bramanes, e pelos Mouros, resolveo em lugar da força, fazer uso das industrias.

Naõ lhe sendo difficultoso corromper o Pagador Geral das trópas de Cochim; o persuadio se fizesse doente; se retirasse áquella Corte; ordenasse aos soldados fossem a ella cobrar os seus soldos; os detivesse demorando-lhes os pagamentos: que como muitos delles estavaõ descontentes desta guerra a favor dos Portuguezes, vendo-se mal pagos mostrariaõ mais o seu desprazer, faltariaõ na guarnicaõ dos póstos, por onde entraria sem susto até á Capital

pa-

para acabar de satisfazer a elle Pagador a importancia de hum tal serviço. Produzio esta intriga os effeitos, que o Rei de Calecut podia desejar pela fraqueza, em que a deserçaõ deixou o campo do Principe Naramuhim. Elle a supprio com o seu valor, com o dos Naires, com o dos Portuguezes, que sustentáraõ com huma firmeza, que parecia superior á humanidade, os repelões mais desproporcionados; mas opprimidos da multidaõ, o Principe Naramuhim cahio morto, outros dous do Sangue Real perdêraõ a vida, o Exercito foi posto em derrota, e as suas reliquias se salváraõ em Cochim.

Era vulga...

Principiou este combate ao romper do dia, e acabou com a noite, que impedio aos victoriosos perseguir mais aos fugitivos. O Rei Trimumpára, occupado de huma desolaçaõ extrema, se retirou para a Ilha de Vaipan, que a mesma natureza fizéra defensavel, seguindo-o todos os Portuguezes, e poucos dos seus vassallos fiéis. Como o Çamorim entendeo, que o Rei reduzido a esta figura, a nada repu-

Era vulg. pugnaria do que elle quizeſſe; novamente requereo a entrega dos Portuguezes com cominaçaõ da ruina univerſal dos ſeus Eſtados. Porém da bocca de hum Barbaro ſahio, e pelos ouvidos de outro Barbaro entrou eſta reſpoſta cheia de generoſidade: Que ſe elle pela força o havia lançado dos ſeus Eſtados, e os podia conſummir, que todas as do mundo naõ eraõ baſtantes para o moverem a eſtragar a fé, a romper a palavra. Semelhante magnanimidade capaz de fazer impreſſaõ ſenſivel em hum penhaſco, atiçou no Çamorim o fogo, com que fez abrazar a Cochim, e com que intentou levar o incendio até á Ilha de Vaipan.

CA-

CAPITULO V.

Refere-se o fim tragico de Vicente Sodré, alguns successos da Europa, ate continuar com os de Cochim.

NO estado triste, que eu acabo de referir, se achava o nosso fiel amigo o Rei Trimumpara, quando Vicente Sodré navegando do Cabo de Guardafú para a Cósta da Arabia, aonde aprezou seis náos de Calecut, e de Cambaya: porque já entravaõ os ventos rijos, elle veio passar o Inverno em huma enseada junto ás Ilhas de Curia Muria. Passado algum tempo, os naturaes da terra o avisáraõ naõ se demorasse mais, por vir chegando a quadra de hum grande temporal, que costumava infestar aquellas paragens. Vicente Sodré, que teve o aviso por huma industria dos Gentios para se retirar, elle o despréza; mas sente as consequencias na tempestade, que meteo no fundo a sua náo, e a de seu irmaõ Braz Sodré com

Era vulg.

[...]ra vulg. com mórte lastimosa de ambas as tripulações, que podendo-se fazer gloriosas na guerra de Cochim foraõ acabar infelices nos mares de Curia Muria.

Os Capitães dos outros navios desta Esquadra, que crêraõ o referido aviso, e naõ podéraõ reduzir os dous irmãos a mudarem de sitio; depois de muitos protestos, elles se apartáraõ para outra Ilha de ancoragem segura. Com a noticia do naufragio do seu Chéfe, que acabava de receber os premios, que costuma dar a cubiça, em extrema falta de tudo o necessario para a vida, elles navegáraõ para Cochim. A Providencia os fez encontrar com as tres náos de Francisco de Albuquerque, que os soccorreo; e a mesma felicidade teve a de Antonio do Campo, que nós dissémos se desgarrára da Armada do Almirante D. Vasco da Gama, e invernando na Cósta de Melinde, agora hia para a India na mesma miseria das náos da Esquadra de Sodré. Já fica dito como neste anno mandára El-Rei a Francisco de Albuquerque para a India com tres náos, de que eraõ Capitães

tães elle, Pedro Vaz da Veiga, e Nicoláo Coelho, que fora ao primeiro descobrimento com Vasco da Gama: e a seu primo Affonso de Albuquerque com outras tres, que elle mandava, com os Capitães Fernaõ Martins de Almada, e Duarte Pacheco Pereira, primeiro pai das façanhas na India.

Era vulg.

Pouco depois foraõ elles seguidos por Antonio de Saldanha tambem com tres náos, e os Capitães Ruy Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira; mas como o seu destino era differente, como se dirá a seu tempo; eu concluo os successos deste anno com o nascimento da Infante D. Isabel, que pelas suas raras qualidades mereceo occupar o Throno do Imperador Carlos V. com o Capitulo Geral, que El-Rei celebrou em Thomar, em que reformou os Estatutos, e disciplina da Ordem Militar de Jesus Christo: com a morte do Papa Alexandre VI., e eleiçaõ de Pio III.: com a Missaõ, e Mestres, que foraõ mandados ao Reino de Congo para instruirem aquelles Povos nos Elementos da Religiaõ, e

Ru-

Era vulg. 1504

Rudimentos das Sciencias; e entro no seguinte com a narraçaõ do que obráraõ os Albuquerques, a favor do Rei opprimido de Cochim, depois que Francisco de Albuquerque se unio com as náos de Vicente Sodré, e de Antonio do Campo.

Este Commandante, que sahio de Lisboa oito dias depois de Affonso de Albuquerque, primeiro que elle chegou á India; mas perdendo a náo de Pedro Vaz da Veiga, de que nunca mais houve noticia. No encontro, que fica referido, resolveo com parecer de Pedro de Ataide, que mandava as náos, que foraõ de Sodré, vir ao porto de Cochim. O tempo os levou a Cananor, aonde foraõ informados do infortunio, que soffria a nosso respeito o Rei Trimumpara. Nem instantes quizéraõ demorar-lhe o soccorro; e com as náos empavezadas, e guerreiras déraõ elles de si huma vista alegre á afflicta Ilha de Vaipan. Já as vozes públicas clamavaõ nella o restabelecimento da sua antiga felicidade: esperanças, que se confirmávaõ certezas, quando á vista dos

dos presentes magnificos, que o Rei D. Manoel mandava ao seu Alliado, ouvíraõ a Francisco de Albuquerque dizer-lhe em seu nome: Que para a restauraçaõ do seu Estado, elle lhe offerecia aquellas náos, e outras que a cada momento viriaõ dar fundo no seu porto, por haverem sahido de Lisboa primeiro que elle: Que esta offerta era confórme com as ordens, que trazia do seu Soberano, que lhe havia recommendado arriscasse tudo pelo serviço de Cochim, como se fosse o mesmo de Portugal sem a menor differença.

Era vulg.

Para que as acções se conformassem com as palavras, o Albuquerque marchou a atacar a Cidade de Cochim, que os Nayres de Calecut abandonáraõ ao primeiro avance das nossas armas. Quando fazia o mesmo a Ilha de Cheravaipil, appareceo a náo de Duarte Pacheco Pereira, que buscou a bandeira de Francisco de Albuquerque. Com admiraçaõ, e júbilo do Rei, e gentes de Cochim viaõ elles o desembaraço, com que os nossos navegando os braços

Era vulg. ços dos rios, que retalhaõ aquella terra, a penetravaõ, assolavaõ, e reduziaõ a cinzas as povoações mais vistosas do Senhor de Repelim. A cópia do dinheiro, a preciosidade dos trastes, que El-Rei D. Manoel havia mandado ao de Cochim, se antes assombrára ao Çamorim, e mais Reis visinhos, agora o que os Portuguezes obravaõ no seu serviço, os punha extacticos. O Albuquerque politico, que observava a complacencia de Trimumpara, dispôz a sua entrada pública na Corte de Cochim, aonde o metteo de posse do Reino em nome del Rei D. Manoel.

Depois continuou a guerra com maior vigor; e informado de que os inimigos tinhaõ muitos paraos bem armados, e tres mil homens de guarniçaõ em huma Ilha pertencente ao Rei de Cochim, o Albuquerque mandou por mar a Duarte Pacheco atacar os paraos, e aos Capitães Nicoláo Coelho, Antonio de Campos, e Pedro de Ataide investir a infantaria em terra. Os paraos foraõ tomados huns, alguns mettidos a pique, os mais queimados.

Des-

Destino semelhante teve a trópa de terra, que forçadas as trincheiras, foi passada á espada, e morto na sua tésta hum Principe rebelde de Cochim, que a mandava. Nós naõ nos satisfaziamos sem descarregar outro golpe pezado na mesma Ilha de Repelim, aonde o Senhor della tinha dous mil Nayres, que com ar de valor viéraõ esperar á praia o nosso desembarque. O combate foi bem de opiniaõ; mas os Nayres voltáraõ as cóstas, e vendo o Principe a rapidez, o furor com que os seguiamos, e os degollavámos, elle tratou de fugir para naõ morrer. O fogo acabou de consummir quanto na Ilha havia de especioso, a que a cobiça, e a cólera tinhaõ perdoado.

Era vulg.

Como Francisco de Albuquerque entendeo a alegria do Rei bem servido huma porta franca para entrar em maiores pretenções, valeo-se do nome del Rei D. Manoel para lhe propôr na sua terra a fabrica de huma Fortaleza, que servisse de Armazem para as mercadorias, de segurança para os Negociantes. Sem a menor dúvida se offereceo Tri-

Era vulg. mumpara para apreſtar tudo o neceſſario para a obra. Quando ſe lhe dava principio, Affonſo de Albuquerque lançava ferro em Cochim; e como creſcia o noſſo poder, huma multidaõ numeroſa ſem diſtinçaõ de qualidade, idade, nem emprego, entrou a trabalhar na Fortaléza, que fizemos chamar de Sant-Iago. Nella fundámos huma Igreja da invocaçaõ de S. Bartholomeo, aonde démos graças a Deos pelo reſtabelecimento do Rei Trimumpara; acções, em que parecia, que nós celebravamos hum triunfo dobrado, que mettia de poſſe a Roma, e Lisboa do eſpiritual, e temporal da Cidade de Cochim.

Os Albuquerques eſcolhêraõ, para prova do ſeu agradecimento aos obſequios recebidos do Rei Trimumpara, naõ ceſſarem na continuaçaõ de perſeguir com todas as forças aos ſeus inimigos. Com eſte intento paſſáraõ elles em peſſoa além da Ilha de Repelim para atacarem todos os lugares da juriſdiçaõ do ſeu Principe, que aſſoláraõ, fazendo huma grande preza nas rique-

zas da terra, e de embarcações, que estavaõ nos pórtos. Aos clamores dos estragos acodio hum General na frente de seis mil Nayres, que lançando-se aos nossos occupados na pilhagem, houveraõ de retroceder para se embarcar. Aqui esteve Affonso de Albuquerque perdido, sem poder peleijar, nem retirar-se pelo muito que se havia adiantado a Francisco de Albuquerque; mas sobrevindo este, e vendo-o só, quando corria sobre elle grande multidaõ de contrarios; fazendo frente a todos, pode retirallo com honra.

Era vulg.

Ainda que nós perdemos alguns homens, já tinhamos degollado dos inimigos setecentos, quando chegavaõ 33 paráos de Calecut; e reparamos em Duarte Pacheco Pereira, Commandante da nossa reta-guarda, que cahiria entre os mórtos, se os Albuquerques o naõ soccorressem a tempo, que augmentando o estrago dos contrarios, abandonando huma parte da preza, e deixando-os fugir com ella, naõ lho arrancassem das mãos. O bravo Capitaõ, como se vio livre, os nossos bateis se-

Era vulg. guros para o embarque, quiz despedir-se de huma povoaçaõ, que lhe ficava na frente, queimando-a, passando á espada os que a defendiaõ, e voltando mais gentil, se embarcou com os companheiros. Como o Rei de Cochim mostrava grande satisfaçaõ destes progressos, e a guerra pedia mais demóra, os Albuquerques determináraõ carregar a náo de Antonio de Campos, que mandáraõ adiante para informar a El-Rei da perda de Vicente Sodré, das vantagens de Cochim, e elle fez a jornada com felicidade taõ differente da primeira, que a desaseis de Julho deste anno entrou em Lisboa.

Quando em Cochim se trabalhava com difficuldade em aprestar as cargas para as outras náos, que haviaõ voltar ao Reino, a Rainha de Coulaõ a mandou offerecer, e com consentimento do Rei de Cochim, Affonso de Albuquerque partio a carregar as da sua conserva, e voltou para a mesma Cidade satisfeito das grandes honras, com que fora recebido em Coulaõ. Este acolhimento favoravel, que os nos-

sos

foi hiaõ experimentando nos Principes do Oriente, fez no Çamorim tanta impressaõ, que entrou em ponderações sérias. Elle se considerou em estado de naõ poder sustentar a guerra, em que os Mouros o embaraçáraõ; advertio os seus Estados meio arruinados; que se arriscava a perdellos, se aos Portuguezes crescesse o poder, e determinou mandar Embaixadores a Francisco de Albuquerque com propostas de paz, que naõ cessava de lhe sugerir o Principe Naubeadarim.

Era vulg.

O Albuquerque acceitou a paz com estas condições: Que se suspenderiaõ as hostilidades por mar, e terra, e se abriría o Commercio entre as duas Nações: que a fazenda tomada na occasiaõ da mórte de Ayres Correa sería comutada na quantia de mil e quinhentos bahares de pimenta, que se nos entregariaõ na Cidade de Cananor: Que aos Mouros Commerciantes em Calecut por nenhum caso lhes sería permitido navegar para as cóstas da Arabia: que esta paz sería commua entre Portugal, Cochim, e Calecut. Concluida

des-

Era vulg. deste modo a paz, Francisco de Albuquerque mandou a Duarte Pacheco a Cananor para receber a pimenta, que naõ só lhe foi entregue; mas se lhe offereceo carga para duas náos, que o mesmo Duarte Pacheco, e Nicoláo Coelho voltáraõ para a receber de ordem do Çamorim. Succedeo porém, que quando elle satisfazia pontual as condições da paz, a cobiça dos nossos Capitães lhe désse motivos, que o mesmo Principe Naubeadarim nosso inclinado naõ pode deixar de ter por justos para hum novo rompimento.

Hum navio mercante de Calecut navegava para Cranganor, e o encontra Diogo Fernandes Correa, que pelo proprio arbitrio o ataca, degolla a gente, e o leva a Cochim para se approveitar da sua importante carga. Naubeadarim para que este attentado naõ fosse causa da rotura, insta, persuade, róga a Francisco de Albuquerque pela restituiçaõ do navio; mas ás suas persuações todos os nossos ouvidos ensurdecêraõ. O Çamorim clamava como era possivel, que aquelles homens, que tan-

tantas satisfações tinhaõ tomado pelo que na sua Corte se fizéra a Ayres Correa; elles agora no meio da paz commettessem o mesmo crime, de que se faziaõ Juizes? Esta, e outras reflexões a elle, e ao Principe os mette em cólera; rompem-se as idéas pacificas; naõ soa em Calecut mais que guerra, e contra Cochim, e os Portuguezes se redobraõ os aprestos.

Era vulg.

O afflicto Trimumpara, sobre o qual tinha de descarregar de novo a tempestade; elle representa aos Albuquerques, quanto a segunda situaçaõ, que espera, será mais infeliz que a primeira; se partindo para o Reino com todas as náos, que tinhaõ promptas, o deixassem indefenso com a falta dos nossos soccorros. A esta representaçaõ Francisco de Albuquerque naõ satisfez como devêra, e era obrigado a hum Rei amigo taõ fiel, que por nossa causa tinha chegado ao extremo das calamidades. Elle o contentou com metter cincoenta homens de guarnicaõ na Fortaleza de Sant-Iago; com lhe deixar hum navio commandado por Duarte

te

Era vulg. te Pacheco Pereira, e duas caravellas, de que eraõ Capitães Pedro Rafael, e Diogo Pires; tres homens, que escolheo a Providencia para sustentarem a nossa reputaçaõ na Asia com acções, que parecem fabulas, taõ incriveis como elles.

Dispostas estas cousas, Affonso de Albuquerque partio para Portugal, aonde chegou no fim deste anno com as tripulações das náos em muito máo estado; mas cada huma dellas com hum thesouro. Francisco de Albuquerque, que sahio de Cochim mais tarde com as suas trez náos, elle, e Nicoláo Coelho se perdéraõ, sem se saber como, nem aonde, por naõ escapar quem o contasse. Pedro de Ataide foi dar a cósta; salvou-se com parte da gente nos destroços da náo; foi-se a Moçambique, aonde morreo, e os marinheiros passáraõ para Melinde a esperar monçaõ. Este naufragio, e genero de morte de Francisco de Albuquerque se fizéraõ objectos das contemplações, naõ havendo alguma, que deixasse de os attribuir a hum castigo vindo do Ceo pe-

pelo desamparo, em que elle deixava hum alliado da primeira fidelidade, qual era Trimumpara, Rei de Cochim.

Em vulg.

CAPITULO VI.

Das expedições de Antonio de Saldanha no mar de Arabia, outros successos na Europa, e Africa, até a renovação da guerra de Cochim.

NÓS deixamos dito no Capitulo passado, que Antonio de Saldanha sahíra de Lisboa depois dos Albuquerques com tres náos, e os Capitães Rodrigo Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira. O seu destino era cruzar do Cabo de Guardafu até á bocca do Estreito do mar Roxo. Na altura de Cabo-Verde se desgarrou logo da conserva a náo de Diogo Fernandes, que depois de fazer algumas prezas na cósta de Melinde, foi invernar á Ilha de Çacotorá, até então incognita aos Europeos, donde passou á In-

Ext. mil. India em tempo do Governador Lopo Soares de Alvarenga, Antonio de Saldanha, por ignorancia do seu Piloto, foi dar á Ilha de S. Thomé situada debaixo do Equador, com sessenta leguas de circunferencia; Ilha ainda hoje de Portugal, por ter sido descobrimento dos Portuguezes. A pouca distancia della, segunda tormenta apartou ao Capitaõ Ravasco da companhia de Antonio de Saldanha, que cuidando ter passado o Cabo, por erro do mesmo Piloto, antes delle foi fazer agua a hum sitio, que des de entaõ ficou chamado a *Aguada de Saldanha.*

O Capitaõ Ravasco, que se adiantou, vinte dias esperou ao seu Chéfe em Quiloa; mas vendo que naõ chegava, andou dous mezes pairando nos mares da Ilha de Zanzibar, aonde tomou vinte embarcaçôes ao Senhor della, que era nosso amigo. O estrondo destes insultos, que soáraõ por todas aquellas Cóstas até as da China, fez tanta impressaõ no Principe injuriado sem causa, que mandou dizer a Ravas-

viçao. Que elle se admirava, de que Em mil... hum Capitaõ Portuguez assim violasse as Leis Santas, e depois de o roubar no mar, fizesse movimentos, que indicavaõ querer investillo na sua Ilha. Huma resposta, naõ só áspera, mas injuriosa, e louca, forçou o miseravel Principe a armar alguns parãos, que entregou a seu filho para o defender. O Ravasco fez fogo sobre elles, metteo-os a pique, matou ao Principe, e seu Pai naõ tendo outro refugio, que o de se sobmetter ás leis do vencedor; elle se fez tributario de Portugal com a quantia de cem miticaes de ouro cada anno, pagando logo o primeiro.

De Zanzibar partio Ravasco para Melinde nossa alliada, que achou em guerra com Mombaça. Elle a foi reforçar á vista desta Cidade, aonde tomou duas náos, e tres barcos da Cidade de Brava, cem leguas além de Melinde; que para evitar insultos semelhantes aos de Zanzibar, ajustou pagar-nos cada anno 500 miticaes. Occupado nestas façanhas encontrou Anto-

Era vulg. tonio de Saldanha ao Ravasco. Este vinha reforçado com tres náos, que aprezára: vista, que atemorisou ao Rei de Mombaça; porque se á de Ravasco só nada resistia, agora unida com mais quatro, ficaría despotica; e para naõ se expôr a maiores estragos, fez a paz com Melinde. Os dous Commandantes desembaraçados desta guerra, fazendo prezas da altura da Cidade de Mete além do Cabo de Guardafú, pelas Ilhas de Canacania, e Angediva, navegáraõ para a India.

Em quanto nella succediaõ estas cousas, El-Rei D. Manoel sentia em Portugal a perda de duas vidas, que lhe eraõ amaveis. A primeira foi a de seu sobrinho o Condestavel D. Affonso na flôr dos annos: Principe benemerito, que do seu matrimonio com D. Joanna, filha do primeiro Marquez de Villa Real, deixou unica a D. Brites, que veio a ser mulher de seu primo D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, e filho herdeiro de D. Fernando, segundo Marquez de Villa Real. A segunda foi a de sua Sogra a

Rai-

Rainha Catholica D. Isabel, muitas vezes recommendavel ao nosso Soberano, seja pela contemplar huma das Heroinas mais completas das idades precedentes; seja pela gratidaõ de tantos beneficios recebidos no estado de Principe particular, ou seja pelas relações do parentesco pessoal, e pelas de Mãi de duas Rainhas suas esposas. Esta morte houve de se callar á Rainha D. Maria, que estava nos dias do parto da Infante D. Brites, que veio a ser mulher de Carlos, Duque de Saboia. Tambem neste anno padeceo Portugal o flagello de hum grande terremoto, a que se seguiraõ outros muitos, que produziraõ effeitos, que em eu dizer foraõ em tudo semelhantes aos que nós experimentámos no primeiro dia de Novembro de 1755, faço delles a narraçaõ mais bem circunstanciada.

Era vulg.

Os nossos Fronteiros de Africa naõ tinhaõ ociosas as armas, e com acções de estrondo naõ contribuiaõ menos á glória do Rei, que as da India á utilidade do Reino. Haviaõ os Mouros apre-

En vulg. aprezado quatro caravellas nossas, e levado ao porto de Larache, que he huma Villa fórte, situada sobre as margens de hum rio fundo, cinco leguas distante de Arzila. O bravo D. Joaõ de Menezes naõ teve corage para soffrer callado esta injúria, e de todo perdeo a paciencia, quando vio passar encostadas á sua Praça huma galé Real, e cinco galeotas de Almandarim, Alcaide de Tetuaõ, que foraõ surgir em Larache. Mandou elle chamar a Garcia de Mélo, que com outras tres galés cruzava no Estreito; fez armar a toda a pressa mais tres caravellas, e unido com aquelle Commandante, foraõ sobre Larache no dia 24 de Julho.

Tinha a Praça de Larache na entrada do porto huma Fortaleza igualmente bem artelhada, e bem guarnecida, que principiou a desparar sobre as nossas caravellas; mas em quanto huma coberta de saccos de terra recebia as ballas, ás mais, e as galés foraõ passando, e desembarcáraõ a gente em terra. Rendida a Fortaleza, e aberto

çaõ o passo pelo meio de muitos Mouros mórtos ao nosso ferro, nós démos fogo á galé Real, queimamos tres das Portuguezas pelas naõ podermos tirar do lugar aonde estavaõ; com a outra, com as tres galeotas, e dous bergantins, sem mais perda, que a de hum soldado, D. Joaõ de Menezes sahio do rio com duas glórias, huma pelo triunfo, outra pela preza. Despedindo a Garcia de Mélo com as tres galeotas para os lugares do seu regimento, elle que viéra de Arzila com tres embarcações, entrou no seu porto com onze. Os Mouros se assombráraõ com façanha taõ fóra da ordem mais que vulgar, e alguns dos nossos a notavaõ de temeridade; mas elles prudentes estimariaõ bem ser os authores della.

A sua noticia encheo de tanto prazer ao Rei D. Manoel, como de consternaçaõ aos Barbaros, que entráraõ a recear houvesse na Mauritania lugar seguro ás invasões de hum Chéfe taõ attrevido. Elle, mais animado com os altos elogios, e grandes mercês do seu Soberano, determinou empenhar-se em

em-

Era vulg. emprezas de igual, ou maior reputaçaõ.
Soube elle, que na serra de Farrobo,
que fica cinco leguas além de Arzila,
aonde estaõ duas Aldeas ricas, que saõ
banhadas das aguas de hum rio inva-
deavel no Inverno; os Mouros fiados
nesta segurança, passavaõ os seus agra-
dos entregues aos entretenimentos, pa-
ra que convida a estaçaõ. Concebeo D.
Joaõ de Menezes o designio de dar so-
bre elles, e com segredo profundo man-
dou nos quartos interiores de sua ca-
sa fabricar duas barcas. Acabadas el-
las, espera huma das noites mais te-
nebrosas; sahe da Praça com duzentos
e vinte de cavallo, as barcas carrega-
das sobre duas azemulas, e já longe
della declara aos companheiros: Que
elle vai castigar a confiança dos Aldea-
nos de Archana, e Aljubilia; que se
entre elles ha alguns, que naõ quize-
raõ expôr-se a este perigo, se retirem;
que elle marchará com esses poucos,
que naõ temerem perder as vidas, antes
de morrer o seu Chéfe. A esta ordem
ninguem retrocedeo; sem contradicçaõ
todos os espiritos a seguir os passos do
Va-

Varaõ heroico, que guardáva na sua sabedoría, e valor os estimulos mais fórtes para picar com suavidade a obediencia, estimular a corage, fazer a todos valentes.

Era vulg.

Chegáraõ os nossos ao rio, que com as chuvas da noite corria mais rápido: circunstancia, que obrigou D. Joaõ mandar a hum criado nadasse com a ponta de huma córda na bocca para a atar na margem opposta, e por ella se governarem os que conduzissem as barcas. Nellas passáraõ com o maior silencio os homens, e os cavallos, que foraõ embosçar-se na visinhança das Aldeias. Com a luz do dia principiáraõ a apparecer os montes coroados de innumeraveis gados; os Mouros em grande cópia, huns guardando-os, outros divertindo-se, bem ignorantes do laço, que a nossa industria lhes tinha armado. Quando a D. Joaõ lhe pareceo tempo, dividida a sua gente em pequenos córpos, ataca aos desprevenidos; degola a muitos; captiva sessenta; derrama o terror nas Aldeias, e mais Póvos visinhos; conduz á margem

do rio todo o gado, que o fez passar nadando, e os cavallos, os mais nas barcas, sem que os Mouros cobrassem calor para se lhe opporem; e quando em Arzilla reputavaõ a todos perdidos, viraõ entrar pelas suas portas o mesmo número de Portuguezes, bastantes captivos, gados sem número.

Quando estas cousas succediaõ em Africa, o espirito do Rei de Cochim estava rodeado de angustias com o temor das grandes forças, que o Çamorim apprestava contra elle antes da partida dos Albuquerques; com o sentimento do desamparo, em que elles o deixavaõ; com a dôr, de que os seus melhores vassallos se lhe rebellavaõ; com o susto, de que se dizia, que até Duarte Pacheco Pereira, pouco antes chegado de Cananor, e os poucos Portuguezes, que estavaõ em Cochim ás suas ordens, cuidavaõ no modo de se pôr em cobro para naõ serem victimas do furor do Çamorim. Estas idéas funebres capazes de fazer perder a presença aos espiritos mais sublimes, de tal sorte tocáraõ ao Rei Trimumpara, que

que elle teve por hum desafogo ne-
cessario explicar-se fórte com Duarte
Pacheco, sem se embaraçar muito com
o decóro da sua Naçaõ, e pessoa. Eu
fecharei este Capitulo com a falla do
Rei, e resposta de Duarte Pacheco,
para referir no seguinte os successos da
guerra.

O Rei de Cochim chamando ao
semblante todo o pezo da Magestade,
todo o ar de afflicto, assim falla àquel-
le Portuguez heroico, que parecia naõ
conhecer outros sentimentos além dos
da honra: Eu necessito saber os vossos
designios; vós haveis pôr-me patentes
os vossos mais occultos pensamentos.
Quanto eu tenho obrado pelos Portu-
guezes, quem o ignora? Agora naõ
lembro as minhas finezas; reconheço
os seus obsequios; naõ faço memoria
dos meus estragos a seu respeito; só
pretendo saber, se tambem vós zom-
bais de mim. Se tendes de me desam-
parar, fazei-o já, ainda que eu o sin-
ta. Se me haveis acompanhar nos tra-
balhos futuros, declarai-mo, para que
me conforte. Se os Albuquerques vos

Era vulg. deixáraõ aqui em meu soccorro, ou para tratares os negocios do Rei D. Manoel, dizei-o abertamente, que eu tenho coraçaõ igual para agradecer o favor, e tolerar a injúria. Eu devo dispôr-me para este soffrimento: porque como hei de eu crêr, que aquelles Capitães queriaõ a minha firmeza no Throno, se tendo ás suas ordens tantas náos, tantos homens, tantas armas, deixáraõ em Cochim tres barcas, hum punhado de gente, tantas armas quantos braços? Pelo que a vós vos toca, dizei-me se em me vendo afflicto, tendes de vos refugiar em Couláõ, ou Cananor? Pelo Deos, que adoras, te conjuro, que falles, digas, e me respondas o que em ti sentes com verdade.

Duarte Pacheco Pereira, lutando com a cólera, e o respeito, este que lhe movia a Magestade, aquella que se atiçava na dúvida da sua boa fé, assim lhe responde cheio de segurança: Eu, Senhor, naõ vos sou responsavel ás maneiras de se conduzir, que os Albuquerques usáraõ a vosso respeito, segundo vós entendeis. Elles me deixá-

raõ

[illegible] aqui unicamente para defender-vos, Era vulg.
e presumirão, que eu com esses poucos homens, que tenho ás minhas ordens, bastava para deitar hum freio á soberba do Rei de Calecut. Nós somos huma gente, que naõ contamos as victorias pelo número dos soldados com que combatemos; mas pela confiança nos auxilios do Deos Verdadeiro, que adoramos. Juro-vos por este Deos, e por Jesu Christo seu Filho, que me remio, como em observancia da minha fidelidade para comvosco, primeiro morrerei, do que hum instante me aparte do vosso lado. Estai, Senhor, de bom animo; fazei-vos participante da nossa esperança; crêde á nossa imitação nos esforços do Numen Supremo; que eu tenho nelle confiança, de que vós na vossa defensa vereis em cada Portuguez hum leaõ, e sereis testemunha, de que nós levamos maniatado para Portugal a este Rei de Calecut vosso inexoravel inimigo.

O tom firme com que se explicou Duarte Pacheco deixou satisfeito ao Rei Trimumpara, que animado pelas es-

Era vulg. esperanças, mostrou-lhe revivêra o espirito. Como hum dos seus males maiores era a deserçaõ dos Officiaes, e soldados, que se lançavaõ no partido de Calecut; Duarte Pacheco lhe aconselhou mandasse publicar hum bando com pena de morte irremissivel contra os seus vassallos de qualquer estado, e condiçaõ, que sahissem das terras de Cochim. Como o Rei o fez Inspector de expediente taõ importante; elle naõ cessava de persuadir aos seus vassallos a enormidade da traiçaõ, de pôr guardas fiéis em todas as passagens, e elle mesmo em pessoa guardava os rios, por onde os transitos eraõ mais faceis: terror, que por entaõ refreou os espiritos rebeldes para se mostrarem promptos a servir com fidelidade o seu Monarca.

CA-

CAPITULO VII.

Trata-se da segunda guerra de Calecut contra Cochim, e das façanhas memoraveis de Duarte Pacheco Pereira dignas de memoria eterna.

Era vulg.

EU entro na narraçaõ das heroicas façanhas do grande Duarte Pacheco Pereira, merecedoras dos bronzes immortaes: façanhas, que se nas idades em que succedêraõ naõ tivessem tantas testemunhas da maior excepçaõ, e naõ viessem correndo até ás nossas, apoiadas sobre huma tradiçaõ constante, que se firma na authoridade dos Historiadores mais eminentes, dignos de toda a fé; nós as lêramos como huma Novella, como a historia dos doze Pares de França; como as aventuras dos Cavalleiros andantes: façanhas, que por sublimes, o escrupuloso Rei D. Manoel as honrou, naõ só recebendo em Portugal ao seu author com huma procissaõ solemne, em que o levou ao seu lado; mas mandando

dar

Era vulg. dar parte dellas pelos seus Ministros ao Papa, a todos os Principes da Europa, para que soubessem, que elle era Rei de tal vassallo: façanhas, que pozérão extactico a todo o Oriente; que enchêrão de estrondo o Universo; e que coroárão de reputação brilhante o nome Lusitano: façanhas em fim, mais de hum Portuguez, que participante da glória dos Varões famosos, quando os seus simulacros occupavão os melhores assentos no Templo da Honra, o Original delles perseguido de invejosos; perdida a graça do mesmo Principe, que o honrára; morando annos nos carceres; passando o resto da vida em summa pobreza, ultimamente o Herde, o Terror da Asia, Duarte Pacheco Pereira, veio a morrer em hum Hospital coberto de miserias, comido dos bixos antes de morto, em fim, sepultado por esmóla.

Foi este homem natural da Villa de Santarém, filho de João Pacheco, e de D. Isabel Pereira, que era filha de Martim Gonçalves Pereira, Senhor da Bemposta, Panoyas, e Castro Vicen-

Pereira. dor do Banho; e Jeronymo Pacheco, que morreo em hum combate de Tangere, e a D. Maria de Albuquerque, que casou com Joaõ da Silva, Alcaide Mór, e Commendador de Soure.

Este he Duarte Pacheco Pereira, que nós vamos a vêr na têsta dos seus Portuguezes, em que dividio o seu espirito, fazer frente ao maior Potentado da India; vencêllo em continuadas batalhas; derrotar Exercitos numerosos, submergir Armadas formidaveis; abismar máquinas monstruosas; salvar a hum Rei afflicto, e fazer immortal o nome Portuguez na Asia. Nós o deixámos entretido em impedir a deserçaõ dos vassallos de Cochim, e querendo animar mais ao seu Rei, cujo espirito se lhe cansava com a tardança do de Calecut, elle começou a fazer entradas pelas terras de Repelim, a queimar povoações, a metter outras em contribuiçaõ para o Çamorim com este estrondo despertar do seu lethargo. Elle se achou picado desta ousadia, e com hum exercito de cincoenta mil homens, grande quantidade de navios,

que

que cobriraõ os mares; veio resoluto Rei inimigo
a forçar os passos para entrar em Co-
chim. Tendo por perigoso fazer a en-
trada pelos da primeira invasaõ, bus-
cou o da Ilha de Cambalaõ, mais ao
Oriente de Cochim, que era de hum
vassallo rebelde deste Rei.

Duarte Pacheco com este aviso se
poz prompto para marchar a defendel-
lo. Nomeou para Capitaõ da sua náo
com 25 homens a Diogo Pereira; guar-
neceo a caravella de Pedro Rafael com
[illegible] homens: em quanto a outra cara-
vella se concertava, levou dous batteis,
hum em que elle hia com 22 solda-
dos; no outro Diogo Pires com 23.
Deixou a Fortaleza a cargo do Capitaõ
Diogo Fernandes Correa com 30 ho-
mens. Com este apparatoso Exercito
de 72 Portuguezes se apresentou na
praia o nosso Chefe para se despedir
do Rei Trimumpara, que o esperava
nella; e á sua vista tornou a perder a
coragem. Duarte Pacheco o anima, e
assegura, que os seus soldados como
marchavaõ para a guerra tendo feito
os actos de Christãos na expiaçaõ das
cul-

[illegible], quando viraõ chegar o Camorim acompanhado do Rei de Tanor com 40000 homens; do de Bipur com 12000; do de Cotagom com 18000; e do de Curiga com 30000, aos quaes escoltava o Rei de Calecut no centro de 20000 dos seus soldados. Redobrou-se o seu terror, quando voltando cáras ao mar descobríraõ 160 navios de remo, em que entravaõ 76 paráos: espectaculo horrorofo em mar, e terra, que fez decahir todos os espiritos, que naõ eraõ Portuguezes. Doze mil combatentes trazia esta Armada, e a nós haviaõ-nos chegado outros 500 Nayres de Cochim com Lourenço Moreno, e quatro espingardeiros nossos.

Duarte Pacheco com grossas cadeias de ferro mandou dar cabo de humas a outras embarcações, de sorte que ficassem muito bem liadas, tomando toda a bocca do porto. O Principe Naubeadarim, que mandava a Armada, rompeo a toda a voga para nos atacar ao estrondo de muitos instrumentos bellicos, que bastou para pôr em fugida

Era vulg. da a todos os de Cochim, que estavamos em terra, e os embarcados comnosco fariaõ o mesmo se podessem. Duarte Pacheco recebeo os inimigos com hum diluvio de fogo, que desbaratou os primeiros paraos. Entaõ avançáraõ elles 40, que traziaõ da jangada por conselho de dous bombardeiros Italianos nossos desertores; e com alguma artelharia, que nos incommodava. Tanto que o fumo deu lugar a vermos esta invectiva, o Chefe mandou desparar sobre elles hum grosso canhaõ com exito taõ feliz, que desfez a jangada, derrotou, e metteo a fundo quatro paraos.

Havia muitas horas, que durava o combate, em que nós, sem a perda de huma só vida, tinhamos matado 1$300 contrarios, arruinado muitas das suas embarcações, e com as forças lassas os nossos espiritos se conservavaõ taõ inteiros, que nos arrojavamos a mais intoleraveis trabalhos. Picados das suas perdas, ou envergonhados da resistencia de poucos homens a tanto poder, se avançaõ ao mesmo tempo con-

Em vulg. indicassem a sua alegria inseparavel da sua admiraçaõ. Aquelle Cabo, menos attento a receber cumprimentos, que a mostrar-se incançavel por crédito da Naçaõ, e da pessoa; no dia seguinte ao do triunfo, saltou na Ilha de Cambalaõ, e queimou hum Povo: no outro foi esperar a caravella, que vinha concertada de Cochim, e a entregou a Diogo Pires, dando o seu batel a Christovaõ Jusarte; e em quanto o Çamorim naõ tornava a deixar-se vêr, elle com summa celeridade, e prudente conselho, naõ cessava nas hostilidades sobre tudo, quanto náquelles contornos podia ser de proveito aos contrarios.

Aquelle Principe, agora injuriado mais colérico, quizéra naõ demorar instantes o castigo dos nossos attrevimentos: mas aconselhado pelos Bramanes, que se suspendesse alguns dias, até que elles lhe marcassem hum, em que a sua victoria, e o nosso estrago seriaõ infalliveis, elle abraçou o conselho. Era este dia o da Pascoa, que elles reputavaõ pelo da nossa mais re-

ma-

malada superstiçaõ; e nelle se desco- Era vulg.
brio nova Armada de Calecut mais
formidavel, composta de 280 embarca-
ções, entre grandes, e pequenas, com
muitos tiros de artelharia fundida pe-
los dous desertores Italianos, e 150000
homens de guarniçaõ. Com a idéa de
nos repartir as forças, que naõ soffriaõ
divisaõ, se destacáraõ 70 paráos para
irem investir a náo, que nós deixámos
de guarda de Cochim, e no rio de Re-
pelim entrou o resto da Armada. O Rei
Trimumpara consternado com esta in-
vasaõ, deo parte a Duarte Pacheco,
que tambem se affligio pelo perigo,
em que deixava o passo, se lhe tirasse
alguma parte da defensa.

Mas o seu animo a tudo superior,
naõ teve soffrimento para deixar de ir
com huma caravella, e huma lancha
em soccorro da náo, que achou em
grande aperto. Bastou a sua vista para
os inimigos se porem em fugida, e
buscarem o grosso da Armada em Re-
pelim. O nosso Chéfe naõ os quiz se-
guir, naõ entrou na náo, e com a
mesma pressa voltou ao passo de Cam-

Era vulg. balaõ, aonde o combate estava ardente, os nossos quasi sem corage, algumas das barcas desbaratadas até ao lume da agua, os inimigos insultando-nos com vozes de affronta. Recobrárão-se os espiritos com a chegada do que era alma de todos, que lançando-se com o impeto do raio aos que já se acclamavaõ vencedores, muitos perdem as vidas, todos desampáraõ o campo, ardem, e vaõ ao fundo dezanove paráos. Divina chamáraõ os nossos a esta victoria pelos soccorros do dia, em que sentiaõ as ballas, e outras armas dar-lhe os golpes nos córpos, aonde faziaõ menos impressaõ, que na resistencia de huma penha, sem que tirassem a vida, ou maltratassem a algum delles.

Já o Çamorim desconfiava da guerra; mas a perda da reputaçaõ o estimulou a tentar outro combate. Ao romper do dia nós vimos, que os Exercitos de mar, e terra se moviaõ; e o nosso Chéfe, que os observava, deo ordem para estar tudo em socego em quanto a sua voz naõ fosse ouvida. Os

ini-

inimigos que estavaõ quasi a tiro de lança, e nos notavaõ immoveis, entendêraõ a indústria covardia, acclamáraõ a victoria, e se lançáraõ a nós com corage desmedida. Entaõ mandou o Chéfe, que todas as nossas embarcaçóes déssem huma carga geral para mar, e terra com tal terror, e mortandade, que a Armada virou de bórdo, e o Exercito suspendeo o avance. Mal observadas as ordens, o Çamorim mettido em furor, elle se queixa da frouxidaõ, com que o Senhor de Repelim conduz a Armada, e ordena ao Principe Naubeadarim lhe tire o Commandamento, e remedeie os erros. Os Portuguezes o recebem com a mesma cortezia, e obrando milagres de valor, o póe em fugida com 600 homens, e vinte paráos de menos. O Çamorim desesperado de naõ poder forçar o passo, mandou tirar a artelharia de hum fórte, que fizéra para sua defensa, levalla ao acampamento; mas Duarte Pacheco livre deste padrasto, perseguindo-o, e fazendo fogo, saltou em terra, aonde queimou dous grandes lu-

Era vulg.

Era vulg. lugares, e já ſobre a tarde voltou ao váo para ſe congratular com os amigos de victoria taõ prodigioſa, ainda viſta, nem para imaginada.

Como eſtas vantagens hiaõ mudando a face dos noſſos negocios, os principaes rebeldes de Cochim, que eſtavaõ no ſerviço de Calecut, ſe retiravaõ para as Ilhas neutraes, donde podeſſem negociar o perdaõ do ſeu Soberano. De tudo o Çamorim fazia preſagios funeſtos da ſua ruina, para o que naõ negava o concurſo o Principe Naubeadarim; mas as inſtancias dos Mouros, e de outros intereſſados na guerra, lhe repreſentáraõ a perda da reputaçaõ taõ feia, que o Çamorim ſe determina a vencer, ou morrer na empreza. Em novos conſelhos ſe deliberou, que viſta a difficuldade de forçar o paſſo de Cambalaõ, o Rei poſtaſſe o exercito nas terras de Porcá, e com todo o ſegredo, que Duarte Pacheco o naõ preveniſſe, ſe fizeſſe a invaſaõ mais a cima nos váos de Palurt, e Palinhar, que eraõ baixos, nas margens com muito lodo, aonde as noſſas embarca-

cações naõ teriaõ o movimento necessario para fazerem a defensa vigorosa. Os exitos deste novo projecto seráõ a materia do Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Continuaçaõ das victorias prodigiosas de Duarte Pacheco Pereira.

A VARIEDADE dos theatros da guerra naõ faz mudança no espirito do Varaõ forte. Duarte Pacheco, percebendo nos movimentos do Rei de Calecut, que elle intentava invadir a Cochim por outra parte, se preparou para o seguir. Avisado de que o campo levantava; mas que 500 homens de Calecut andavaõ na Ilha de Darravil cortando, e queimando arvores: manobra, que aquelles Barbaros tinhaõ por presagio de victoria infallivel; Duarte Pacheco foi sobre elles com a sua gente, e 200 Nayres de Cochim, divididos em dous Esquadrões mandados por elle, e pelo Capitaõ Pedro Rafael. Nós os ata-

Era vulg. atacamos com tanta viveza, que naõ obſtante a mais dura reſiſtencia; matamos a maior parte, e fizemos 50 priſioneiros, que enviamos ao Rei de Cochim. Com eſte bom principio nos levamos do paſſo de Cambalaõ, e fomos acima meia legua ao de Palurt, donde naõ podiaõ paſſar as caravellas em razaõ dos baixos. Aqui as deixamos com o ſignal do tempo, em que nos haviaõ ſoccorrer nas lanchas, e com os batéis ligeiros fomos lançar ferro no váo de Palinhar.

O dia deſtinado para o ataque de ambos os paſſos era o primeiro de Maio, em que apparecêraõ os inimigos, que nos acháraõ reforçados com 600 homens, que mandava o Principe de Cochim. O de Calecut Naubeadarim fazia a vã-guarda com quinze mil homens para invadir hum dos paſſos, e o de Repelim navegava com 250 embarcaçŏes para forçar o de Palurt, que defendiaõ as caravellas. O noſſo Chéfe, vendo todo eſte apparato ao longe, fazendo as diſpoſiçŏes do mais aguerrido Capitaõ para o recéber, en-

ten-

tendeo devia fallar assim aos seus soldados: Valentes camaradas, companheiros fieis nos perigos, nós somos chegados a hum dia dos de maior trabalho; mas o mais formoso se vós conservardes constante o vosso valor. Eu sei, que fallo com homens, que nada temem; naõ vos anímo; mas lembro-vos, que em quanto durar o combate fixeis no Ceo os corações, para que do alto vos venhaõ os auxilios. Todos respondem a huma voz, que estaõ promptos a dar as vidas pela causa do seu Deos, que defendem; que toda a glória des de já seja sua, elles os instrumentos.

Era vulg.

Com a presença do Sol começa horrendo o combate; perturba-se o ar com o fumo, outra vez parece noite; a terra treme ao estrondo de innumeraveis canhões, ella como que se assusta. Os nossos Capitães em hum, e em outro vão, já atacando a Armada; já o Exercito, a todo o trabalho incançaveis, se fazem objectos da invéja universal de amigos, e contrarios. Despedaçados os primeiros paráos, o Senhor

de

Era vulg. de Repelim os substitue com outros de refresco, que em tal multidaõ naõ se sente falta. Continúa espantosa a batalha sem indicios da parte, a que se inclinará a victoria; taõ visinhos huns, e outros contrários, que já laboraõ as armas de arremeço, as lanças, e as séttas. Como o Çamorim estava vendo de terra este combate, o seu General se naõ embaraçava com a grande mortandade da sua gente, satisfeito por nos vêr no maior aperto. Era elle extremo neste passo de Palurt, quando o Capitaõ Candagora avisa ao nósso Chéfe, como Naubeadarim se arrojava com a sua gente a passar o váo de Palinhar. Como ainda a maré o defendia, Duarte Pacheco se deteve mais hum pouco na defensa de Palurt, até mudar a face ao conflicto.

Quando lhe pareceo tempo, elle marcha veloz a Palinhar, e faz ao Principe com tanto poder, huma resistencia taõ fóra de tóda a ordem vulgar, que Naubeadarim assenta, que em semelhante empenho vencer, ou morrer naõ tem meio. Esta idéa converteo e

com-

combate em desesperaçaõ; mas mudando os cadaveres no rio; elle tinto em sangue; a Esquadra já em derrota, e recebendo o Principe hum recado do Çamorim, que lhe mandava dizer furioso, que naõ sabia qual era mais covarde, se elle, ou o Senhor de Repelim: tanta injúria junta apenas lhe deixou acordo para a fugida. A perda dos inimigos em gente, e navios foi mui consideravel, e nós a troco de poucos feridos ganhamos huma gloriosa victoria. Como o Ceo parece que soccorria ao nosso esforço, e á felicidade das armas de Cochim, mandou sobre o campo de Calecut huma pestilencia, que o diminuio mais que a guerra. Duarte Pacheco se approveitou desta conjuntura para reparar as suas embarcações, fornecer-se de armas, fazer levas, e reforçar as paliçadas, que defendiaõ a entrada dos váos. Elle mandou semear de estrepes, de pontas agudas, de páos tostados a mesma entrada; mas como o lodo era muito molle os levou ao fundo, e foraõ poucas as vantagens, que tiramos desta industria.

O

Era vulg. O Çamorim, porque todos os recursos lhe faltavaõ, consultou os seus Bramanes, que lhe indicáraõ os motivos da infelicidade das armas; e conformando-se com quantas patranhas elles lhe quizeraõ introduzir, estimou a observancia dellas por huma certeza constante dos seus triunfos imaginarios. Elle deo novas ordens para passar o váo em pessoa, e fez marchar na téstq do Exercito com cáras a Palinhas 30000 homens com 30 peças, que haviaõ fulminar os nossos bateis. Cobria depois a vá-guarda composta de 120000 homens o Principe Naubeadarim: O Senhor de Repelim commandava o corpo de batalha, que se formava de igual número de gente: O Çamorim marchava na reta-guarda com 150000 homens. Nós nos haviamos defender com os dous bateis de Pacheco, e Jusarte, que guarneciaõ 40 Portuguezes; com algumas das lanchas de Cochim, e na paliçada opposta ao váo com 600 dos seus Nayres, que naõ estando presente o proprio Principe, a abandonáraõ no principio do ataque, e hum Bramane

ne infiel; que foi encarregado de ir avisar ao Rei Trimumpara, para que viesse acodir a hum porto de tanta importancia, elle o naõ fez senaõ depois da victoria.

Erro vulg.

Plantado este grande Exercito no rosto do váo de Palinhar, mandou o Rei que laborasse a artelharia para desalojar a Duarte Pacheco do seu posto; mas o successo foi tanto pelo contrario, que o seu fogo mais bem servido obrigou os 30000 artilheiros a salvarem as vidas em hum bosque espesso. Entaõ se avançou Naubeadarim ao váo; seguio-o o de Repelim, e o Rei de Calecut na reta-guarda de ambos. Como a maré descia muito, e o batel de Pacheco naõ podia mover-se com a agilidade necessaria, elle passou para o de Jusarte, e lhe entregou o seu. A presença do Rei, e dos dous Chéfes animou os de Calecut para combaterem como féras; mas porque se lançavaõ furiosos a ganhar a margem opposta do váo, cahiaõ huns sobre os outros, e se uniaõ muito, o nosso fogo fazia nelles hum estrago espantoso.

Já

Rei. Já os alaridos, e o temor naõ deixavaõ ouvir as ordens do Rei para a observancia: Duarte Pacheco, que pelas insignias Reaes o conheceo, mandou desparar sobre elle hum canhaõ, que depois de lhe matar dous Nayres seus validos, a balla lhe cahio aos pés. Este anuncio taõ opposto ao agouro felíz dos seus Bramanes, o obrigou a retirar-se, e deixar aos seus Capitães o cuidado da empreza.

Este successo metteo tanto em cólera a Naubeadarim, e à Repelim, que com a espada na maõ forçavaõ a avançar-se os que se retiravaõ, para que zombando da mortandade, que viaõ, chegassem a forçar ás paliçadas da contramargem. Em fim a obstinaçaõ, e a teima com despreso dos perigos, conseguiraõ que os Barbaros pozessem pé em terra para se avançarem ás paliçadas, que os Nayres de Cochim desamparáraõ. Todos os Portuguezes aqui se tiveraõ por perdidos, e Duarte Pacheco naõ pode conter-se, sem que a vozes altas com lágrimas ternas implorasse muitas vezes o soccorro do Redem-

demptor. Para naõ faltar atè a ultima extremidade a cumprimento algum dos seus deveres, elle emprôa a terra, e se lança aos inimigos com a furia do leaõ, quando lhe vai escapando a preza. A este tempo entra a sobir a maré com rapidez; recobraõ animo os nossos; pódem navegar livremente os bateis, e já unido Pacheco com Jusarte, vaõ levando os inimigos em derrota, a tempo que Pedro Rafael fazia fogo para terra sobre o Rei de Calecut, que ficou salpicado do sangue de tres Fidalgos, que ao seu lado lhe matou huma balla: Incidente, que obrigando-o a fugir para hum bosque, acabou de declarar a nosso favor a victoria.

Mais de nove horas durou este temeroso conflicto, em que o Rei de Calecut perdeo gente dobrada ao dos outros. Deos, para mostrar, que elle era o Author dos triunfos, naõ quiz que morresse algum dos nossos, e Duarte Pacheco com os Portuguezes, que assim o conheciaõ, levàraõ boa parte da noite em lhe dar graças. No fim da batalha appareceo no passo o Prin-

ci-

Era vulg. cipe de Cochim ignorante de todo o succeſſo. Duarte Pacheco picado da fugida dos Nayres, e da perfidia do *Bramane*, naõ quizéra vello; mas o Principe ſe juſtificou de modo, que elle ſe moſtrou ſatisfeito, e foi para bórdo das caravellas no paſſo de Palurt, aonde veio o Rei de Cochim occupado de novos aſſombros a reconhecello por libertador do ſeu Reino.

Sentido o Senhor de Repelim, de que todos os esforços empregados contra os Portuguezes foſſem inuteis, naõ duvidou arbitrar expedientes infames para a ſua deſtruiçaõ. Elle aconſelhou ao Çamorim compraſſe alguns dos homens mais rebeldes de Cochim, que deitaſſem veneno nas fontes, e no paõ de muniçaõ, que ſe lhes dava, e donde bebiaõ. Foi informado Duarte Pacheco da execuçaõ deſte projecto, que atalhou, mandando abrir poços na praia, e naõ conſentindo ſe acceitaſſe o paõ, ſem que á ſua viſta os Aſſentiſtas o comeſſem primeiro. Como naõ aproveitou a traça, tornou-ſe á força; mas em quanto o Çamorim fazia os maio-

maiores apreſtos para uſar della, em castigo da primeira o ſeu Reino era infeſtado de huma peſte devorante, que levou muitas vidas. O eſtrondo daquelles apreſtos baſtaria para perturbar outro animo, que naõ foſſe o de Duarte Pacheco, que ſem a menor perturbaçaõ de eſpirito foi cuidando nos meios de fazer huma vigoroſa defenſa.

Era vulg.

Quando chegou o tempo premeditado para a invaſaõ, que havia pôr termo aos cinco mezes deſta taõ deſigual, quanto porfiada guerra; foi deſtinado hum grande número de homens, que mandava Repelim, para aplainarem os caminhos, cortarem os arvoredos, e levantarem trincheiras de diſtancia, donde podeſſe laborar a ſua artelharia, ſem receber da noſſa tanto damno. Depois marchava o Rei na frente de trinta mil homens coberta com muitas peças de campanha. No mar ſe levantáraõ novas, e exquiſitas máquinas por induſtria de Repelim, e dos Mouros. Precediaõ-lhes 110 paráos bem guarnecidos, alguns delles ligados com groſſas cadeias; na ſua recaguar-

Hist. vulg. guarda vinhaõ cem barcas mui compridas com tripulaçaõ numerosa : aos lados muitos brulotes carregados de materias combustiveis , traziaõ o destino de se lançarem ardendo sobre as nossas embarcações : em cima de dezaseis paráos liadós cada dous , appareciaõ levantados oito castellos , que os tomavaõ de poppa a prôa , com 18 palmos de alto , firmados em grossas vigas capazes de resistir ás ballas , e guarnecidos da melhor gente : máquinas , em que o Çamorim trazia fundada toda a esperança de vencer ; porque ao fogo de 40 homens de cada hum destes castellos eminente ao nosso , lhe pareceo , que nada poderia resistir.

Duarte Pacheco , que de tudo estava informado , mandou fazer huma grande jangada , que firmou sobre seis ancoras , para deter o impulso dos brulotes antes de chegarem ás caravellas , e alli se consumirem , como com effeito succedeo sem damno nosso. Ordenou nas amuradas das mesmas caravellas outra máquina do feitio , e altura dos castellos , e sobre o palanque de ca-

da

cada huma dellas pôz a gente, que lhe pareceo necessaria para a defensa. Elle, e os mais Capitães nos seus bateis respectivos, e nos seus os soldados de Cochim, se pozéraõ firmes a esperar esta invasaõ taõ decantada. O Rei de Calecut ao apontar o dia rompeo por terra a marcha, que nos indicáraõ os instrumentos bellicos, e a vozeria dos Barbaros, que já vinhaõ entoando o triunfo. O nosso Chéfe se resolveo a esperar a vã-guarda na ponta da Ilha de Darraul, aonde saltou, e teve huma disputada escaramuça. Picou-se aquelle Soberano deste atrevimento, e fez avançar o grosso dos esquadrões, que obrigou os Portuguezes a embarcarem.

Era vulg.

Com a descida da maré todo o apparato naval se moveo contra elles. Os brulotes já accesos foi o primeiro horroso espectaculo, que vinha cahindo sobre as nossas caravellas; mas encontrando-se com o padrasto da jangada, em pouco tempo se reduzio a fumo tanto fogo. Começou logo geral o conflicto com terror dos homens, e

Era vulg. dos Elementos. Os castellos, que levavaõ as attenções, e conseguiaõ ventagens conhecidas, chamáraõ o nosso Chéfe a bórdo das caravellas para mandar desparar contra elles a artelharia mais grossa. Vendo, que as ballas naõ lhe faziaõ impressaõ, o animo se lhe perturba, naõ o perde, antes levantando as mãos, e os olhos ao Ceo com viva fé, diz a altas vozes: Grande Deos das misericordias, sei que saõ grandes os meus crimes; eu mereço delles o castigo; mas Vós, Senhor, guardai-o para outra occasiaõ, e soccorrei-me nesta, em que arrisco a vida pela glória do vosso Nome.

Que esta oraçaõ fosse ouvida, os effeitos o mostráraõ. Como se ella imprimisse nas ballas nova força, despedaçaõ dous castellos, os mais se retiraõ, vaõ muitos paráos ao fundo, tinge-se de purpura o rio, os inimigos nos jogaõ de longe armas de arremeço sem número, os nossos naõ perdem tiro. Quando em Palurt logravaõ os nossos estas vantagens, o Çamorim com o Exercito de terra investia o váo de

Pa-

Palinhar para lhe ganhar a margem opposta, que o Principe de Cochim estava determinado a defender valeroso com mil dos seus soldados escolhidos. Elle de terra, e nos bateis os Capitães Christovaõ Jusarte, Simaõ de Andrade, e nas lanchas de Cochim Lourenço Moreno, defendêraõ com tanta gentileza o passo, que ao Çamorim renováraõ a confusaõ, e a perda, que ambas foraõ como elle nunca experimentára. Depois de vespera encheo a maré, e ficando impracticaveis os váos, os Exercitos de mar, e terra se retiráraõ confusos, os nossos foraõ celebrar a sua victoria na companhia do Rei Trimumpara, que os esperava com muitos refrescos para alivio de tantas horas de fadiga.

Em vulg.

Foi este encontro o fim da guerra de Calecut, em que Duarte Pacheco cumprio exactamente quanto promettêra ao Rei de Cochim, menos a prisaõ do Çamorim, de que o bravo Chéfe dizia que escapára, por andar sempre na reta-guarda do Exercito. Ainda que os Mouros, e os Bramanes o ins-

Era vulg. tavaõ pela continuaçaõ da guerra, e fez alguns movimentos sobre os Portuguezes, que assim o davaõ a entender: elle estava taõ coberto de pejo, e confusaõ, que quantos movimentos se lhe agitavaõ, eraõ em tudo differentes. Qual fosse a resoluçaõ deste Principe, depois que considerou esgotadas as suas rendas; interrupto o Commercio com as Nações, diminuidos os seus vassallos, huns pelas deserções, outros á ponta da espada; as suas melhores Cidades despovoadas; os campos sem cultura; a corage dos Portuguezes, e a felicidade contínua das suas armas; nós a veremos no principio do Livro seguinte.

LI-

LIVRO XXXVI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da Armada que El-Rei D. Manoel mandou este anno á India, e do mais que succedeo depois da derrota do Çamorim de Calecut.

EM quanto durava a guerra, que acabei de referir, El-Rei D. Manoel, informado pelo Almirante D. Vasco da Gama do Estado da India, aonde deviamos sustentar a reputaçaõ das armas, e o credito da Naçaõ com maiores forças, ordenou mandar a ella huma Armada de treze náos todas grandes, com mil e duzentos homens da gente mais qualificada, luzida, e valerosa do Reino. Para seu Commandante nomeou a Lopo Soares de Alvarenga, filho do Chanceller Mór, Rui Go-

Era vulg.

Era vulg. Gomes de Alvarenga, e por Capitães das náos á Leonel Coutinho, a Pedro de Mendoça, a Lopo Mendes de Vasconcellos, a Manoel Teles Barreto, a Pedro Affonso de Aguiar, a Affonso Lopes da Costa, a Filippe de Castro, a Tristaõ da Silva, a Vasco da Silveira, a Vasco de Carvalho, a Lopo de Abreo, e a Pedro Diniz de Setuval.

Navegava esta Armada para a India, quando nella a voz geral da fama com eccos differentes, se enchia os seus ambitos de hum applauso respeitoso para com Duarte Pacheco, Capitaõ de cem Portuguezes, occupava os confins da Asia em rumores humilhantes para com o Çamorim, Rei poderoso de Calecut, Chefe de Exercitos formidaveis. Esta estranheza de vozes, que cahiaõ sobre o Capitaõ vencedor, e o Rei vencido, tanta impressaõ fizéraõ no segundo, que envergonhado de apparecer no Throno, abdicou o Reino a favor do Principe Naubeadarim, e se escondeo em hum Mosteiro, que em Calecut chamaõ Turcol, para passar nelle em tranquili-

li-

liáde o resto dos seus dias no serviço dos Deoses. Vivia ainda a Rainha viuva mãi do Çamorim, dominada de hum genio feroz, e altivo, que ou fosse por naõ lhe ser toleravel esta resoluçaõ de seu filho, ou porque era mais vehemente a paixaõ de naõ arriscar a authoridade com este retiro, que o desejo de lhe inspirar alentos heroicos, ella lhe escreve neste estilo:

Era vulg.

Que dirá o mundo do vosso espirito covarde, quando vos vê perder a esperança de vos vingares dos vossos inimigos? Quanto mais honrosas vos saõ milhares de mórtes na campanha, que a retirada infame para esse Turcol? Ninguem ha em Calecut, que deixe de conhecer a vossa hypocrisia por hum effeito da fraqueza. Quem ignora, que essa especie de religiaõ naõ he piedade, senaõ hum argumento do temor? Que indignidade para hum Rei! Ora pesai-a com circunspecçaõ; e lembrando-vos que Monarcas vencidos passáraõ a ser vencedores, abandonai esse Turcol; vinde

re-

Erà vulg. renovar a guerra, ou para triunfar com glória, ou para morrer com honra.

Naõ pode o Çamorim resistir a estas persuasões maternaes, e veio para a sua Corte com animo de renovar a guerra; mas como todos os seus Alliados haviaõ feito a paz com Trimumpara, e com Duarte Pacheco: elle, mais sensivel a hum tal movimento naõ previsto, tornou a buscar o seu Turcol para adormecer nos braços da ociosidade. Porém os Mouros sempre vigilantes para o nosso damno, com a occasiaõ desta guerra, e para sublevarem contra nós aos moradores de Coulaõ, publicáraõ que o Çamorim nos vencèra, e derrotára as nossas embarcações. Duarte Pacheco foi logo com a presença dissipar estes rumores; fez dar ás nossas náos as cargas, que lhes retinhaõ; cruzou os mares da India, aonde a sua reputaçaõ soava com tanto estrondo nos ouvidos dos Principes, e dos Pyratas, que os vassallos de huns, e a audacia dos outros se desviavaõ do seu encontro.

Succediaõ estas acções no mez de Se-

Setembro, quando Lopo Soares che- Era vulg.
gava á India com a sua Armada. Elle
se encontrou em Melinde com seis
Portuguezes do naufragio de Pedro de
Ataide, que em Moçambique deixára
memorias da declaraçaõ de guerra do
Çamorim, e com ellas Lopo Soares
já vinha bem instruido. Dos Portugue-
zes soube elle a perda de Vicente So-
dré, de Francisco de Albuquerque, e
em Angediva se encontrou com Anto-
nio de Saldanha, que com os seus na-
vios lhe reforçou a Armada, e entrá-
raõ de conserva em Cananor. Nesta
Cidade vieraõ a fallar-lhe hum Moço
Portuguez, e hum Mouro, mandados
por Cogebigui com cartas dos Portu-
guezes presos em Calecut do tempo de
Pedro Alvares Cabral, e mórte de Ay-
res Correa. Elles lhe faziaõ saber a der-
rota, que o Çamorim tivera na guer-
ra de Cochim; que os seus Alliados o
tinhaõ desamparado; que os principaes
da Corte os instavaõ, para que lhe es-
crevessem insinuando as boas disposi-
ções daquelle Principe para a paz;
que o tempo era o mais proprio; nem
el-

Era vulg. elle o perdesse em metter maõ a esta grande obra.

Quiz Lopo Soares despedir o Mouro com a resposta, e reter o Moço Portuguez; mas elle com huma fé bem igual á do Romano Regulo, o repugnou constante, dizendo: Que se ficasse em Cananor contra a palavra, que dera de voltar para a prisaõ de Calecut, sería elle a causa da morte, que podiaõ dar aos seus camaradas; que elle queria ir, ou a poupar-lhes as vidas, ou a morrer com elles. Com estas noticias partio Lopo Soares para Calecut, aonde já reinava o Principe Naubeadarim, que herdou do tio o odio contra Trimumpara; mas porque naõ pode conseguir a restituiçaõ dos dous Fundidores Italianos, que nos desertáraõ, e sobre que haviaõ insistido os seus predecessores; sem mais consideraçaõ a respeito da vida dos Portuguezes prisioneiros, e do nosso amigo fiel Cogebigui, assolou a Cidade com huma innundaçaõ de fogo, e partio para Cochim, donde despedio humas náos a devaçar aquelles mares, outras a re-

ce-

ceber em Coulaõ as cargas, que tinha feito aprompt ar a actividade de Duarte Pacheco; que chegou com as suas carregadas a receber de Lopo Soares as congratulações correspondentes aos seus altos merecimentos.

Era vulg.

O novo Rei de Calecut tinha feito huma alliança com o de Cranganor contra Cochim, que intentou atacar com 15 navios, e 80 paráos ao mesmo tempo que o Çamorim com grande Exercito o investisse por terra. Estava a invasaõ destinada para quando as nossas nãos se dividissem; mas Lopo Soares informado dos designios, ordenou que a Armada se retirasse de Cochim; que o Principe deste Estado com 800 homens defendesse o váo de Poliporto; e que elle com os Capitães Tristaõ da Silva, Antonio de Saldanha, Pedro Affonso de Aguiar, Affonso da Costa, e Vasco de Carvalho em quinze bergantins, e vinte e cinco paráos com mil Portuguezes, e outros tantos homens de Cochim fossem inopinadamente a Cangranor dar sobre a Armada, que mandava com seus filhos o vale-

Era valeroso Maimames. Nós encontramos este Chéfe muito bem prevenido, e com tanto valor, que sustentou por algumas horas com muito vigòr o combate; mas morto elle, e os dous filhos, a derrota foi geral, escapando de o acompanharem na sórte os que soubêraõ valer-se da fugida.

A Armada vencedora voltou as prôas ao váo de Poliporto, aonde desembarcou a gente, que se unio á do Principe de Cochim a tempo, que Naubeadarim com o seu Exercito se avançava a forçallo. Aqui sustentamos huma das batalhas mais bem disputadas, em que obrou milagres o valor. Sendo intoleravel ao Rei de Calecut vêr a mortandade dos seus vassallos, se retirou accelerado, entrando por huma porta, e sahindo pela outra de Cranganor, que ficou em nósso poder para a reduzirmos a hum monte de cinzas depois de saqueada. O mesmo fizemos ao resto da sua Armada, e quando estava o incendio mais vivo, muitos Christãos dos antigos de S. Thomé vieraõ pedirnos reservassemos as suas casas, como fi-

fizemos, pondo fógo só ás dos Judeos, e Gentios da terra.

Era vulg. 1505

Com estes successos se acabou o anno de 1504, e entrou o seguinte com os aprestos de huma Armada respeitavel para a India, com as disposições de huma Embaixada sólemne para Roma, com huma ameaça terrivel sobre nós de Campson, Soldaõ do Egypto. A Armada, de que logo fallaremos, commandada pelo grande D. Francisco de Almeida, e que havia levar náos para voltarem com carga ao Reino, e para ficárem na India promovendo o nosso estabelecimento; ella se compunha de vinte, e duas vélas; doze, que haviaõ voltar, de que eraõ Capitáes além do primeiro Commandante, Ruy Freire, Fernaõ Soares, Vasco Gomes de Abreu, Sebastiaõ de Sousa, Pedro Ferreira Fogaça, Joaõ da Nova, Antaõ Gonçalvez, Diogo Correa, Lopo de Deos, e Joaõ Serraõ. As que haviaõ ficar na India, hiaõ ás ordens de D. Fernando Deça, do Castelhano Bermum Dias, de Lopo Sanches, de Gonçalo de Paiva, de

Lu-

Em vulg. Lucas da Fonseca; de Lopo Chanoca, de Joaõ Homem, de Gonçalo Vaz do Boes, e de Antaõ Vaz, que haviaõ ser seguidos por Pedro de Anaya com mais cinco, encarregado de fazer a Fortaleza de Çofala. Embarcáraõ nesta Armada, além da muita gente de mar, mil e quinhentos homens, huma grande parte da Nobreza do Reino, que havia animar a importancia das emprezas.

Para a Embaixada de Roma foi nomeado o Bispo do Porto D. Diogo de Sousa, e com elle o Doutor Diogo Pacheco, que da parte del Rei hiaõ cumprimentar ao Papa Julio II. sobre a sua exaltaçaõ ao Solio Pontificio; pedir-lhe para os Reis de Portugal a confirmaçaõ do Mestrado das Ordens Militares, e hum Breve de Indultos a favor daquelles, que contribuissem para as despezas, que se faziaõ nos lugares de Africa. Em quanto ás ameaças do Soldaõ do Egypto, he necessario que lhes vamos a buscar a origem na sua fonte.

O Rei de Calecut, que tinha per-

cìdo as esperanças de arruinar aos Portuguezes com as forças proprias, excogitou arbitrios para o lograr com as alheias. Com este designio mandou ao Soldaõ huma Embaixada, em que lhe representava o estado triste, a que havia chegado a religiaõ dos seus Maiores com huns supersticiosos vindos de novo á Asia, que a deprimiaõ: que se elle naõ tomasse á sua conta destruir estes piratas chamados Portuguezes, nem o mesmo sepulchro do seu Profeta estaria livre dos seus attrevimentos: que elles queriaõ dar leis a todo o Oriente, e fazer-se senhores das suas riquezas: que todas as forças de Calecut estavaõ promptas para se unirem ás do Egypto, e degolarem de hum golpe esta hydra, antes que se lhe multiplicassem mais cabeças. Foraõ ajudados estes officios pelos do Rei de Adem, que com a vaidade de descendente de Mafoma, ao mesmo tempo fazia contra os Portuguezes representações semelhantes na Corte de Campson. A ambos estes Principes formavaõ corpo de reserva os invejosos Ve-

Em vulg.

Era vulg. Venezianos, que naõ satisfeitos com abater o nosso credito na presença dos Indios, que vinhaõ á Europa, e dentro na mesma Cidade de Lisboa, agora mandáraõ hum Embaixador á do Cairo para negociarem com Campson a nossa expulsaõ da India, que lhes era taõ vantajosa.

Ainda que o Soldaõ se achasse em estadõ de fazer frente a outros inimigos mais para temer, do que entaõ eraõ os Portuguezes na Asia; antes de tomar o partido das armas, elle tentou o da negociaçaõ. Entre os Religiosos Franciscanos de Jerusalem, escolheo a Fr. Mauro, que se distinguia em virtudes, e talentos, e o mandou por seu Emissario ao Papa Julio II. com cartas ornadas de titulos taõ pomposos, quanto era vaidosa a sua arrogançia. Elle representava ao Chéfe da Igreja a hospitalidade, e boa fé com que os Christáos eraõ tratados nos seus Estados, e a reverencia que permitia se rendesse nelles ao Sepulchro de Jesus Christo; mas que elle mudaria de condiçaõ, abysmando todos os Templos;

per-

perseguindo sem excepçaõ aos Catholicos; invadindo-os mesmo nas costas da Europa, se elle naõ interpozesse os seus bons officios para os Reis D. Fernando de Castella, e D. Manoel de Portugal se moderarem nos insultos. Para causarem maior impressaõ as ameaças, elle lhe expunha com individuaçaõ, quanto D. Fernando acabava de obrar com os Mouros de Andalusia, e de Granada; quanto eraõ descomedidos os Capitães de D. Manoel na Asia, aonde atacavaõ todos os navios, que passavaõ do Egypto para a Arabia, como despoticos nos mares; roubando os peregrinos, que hiaõ de romaria a Meca, e defraudando-o na arrecadaçaõ da sua Real fazenda.

Era vulg.

O Papa penetrado da perseguiçaõ, que podia sobrevir á Christandade, instou a Fr. Mauro para vir a Portugal, e Castella com cartas suas persuadir aos dous Reis, e exhortallos para se absterem das hostilidades contra os Infieis. Estas noticias mandadas pelo Pontifice foraõ humas das mais agradaveis, que o Rei D. Manoel recebeo em sua vi-

Era vulg. vida. Elle teceo em resposta aos Breves Apostolicos hum discurso longo, e eloquente para desabusar o Papa, que continha em compendio: Que elle quando mandou descobrir a India, naõ fora com os intentos de despojar os Barbaros das suas riquezas; mas de fazer conhecidas as verdades do Evangelho sobre as ruinas do Alcoraõ: Que estes sentimentos foraõ sempre os de seu amavel sogro o Rei Catholico, como elle exporía a Sua Santidade, e naõ sería facil mudallo delles: Que lhe parecia ser esta a conjuntura de se effeituar a Cruzada, que intentára o seu predecessor Alexandre VI. para os Principes Christãos arrancarem por huma vez da face do mundo o escandalo da Casa de Meca: Que as ameaças do Soldaõ deviaõ despresar-se pela certeza, de que importavaõ mais os tributos, que lhe pagavaõ os Christãos, que os interesses da protecçaõ aos Principes do Oriente. Com esta resposta partio Fr. Mauro para Roma, donde o Papa, com as que teve por convenientes, o despedio para Africa.

Quan-

Quando eftas coufas aconteciaõ, já Lopo Soares, e Duarte Pacheco, tendo carregadas as fuas náos, dado as faudofás defpedidas ao Rei de Cochim, e deixado no feu porto a Manoel Telles Barreto com quatro navios para a fua defensa, elles navegavaõ para o Reino. Porque no caminho lhe ficava o lugar de Panane, que era de Calecut, aonde eftavaõ tomando carga 17 náos groffas de Mouros; Lopo Soares com os feus Capitães entrou o porto nos bateis, e ferrando cada qual a fua náo, a rendéo, pondo fogo a todas com defprefo das fuas muitas riquezas. Seguindo a viagem, chegáraõ felizmente a Lisboa, aonde foraõ recebidos com grande applaufo do Rei, e do Povo, fendo entaõ o objecto das primeiras honras, e da admiraçaõ de todas as viftas o aclamado Heroe Duarte Pacheco Pereira, que o mefmo Rei, e os mefmos homens víraõ depois por hum esforço da calumnia chegar carregado de cadeias de S. Jorge da Mina, morar annos nos carceres perecendo de fome, e reconhecido innocente,

Era vulg.

Era vulg. passar a vida em extrema pobreza, até a ir acabar em hum Hospital com summa miseria.

Neste anno se publicáraõ várias Leis respectivas á Economia do Reino, especialmente sobre as acquisições dos Hospitaes, e mais córpos de Maõ mórta; mandando El-Rei se fizessem Tombos dos seus rendimentos. Como as casas dos particulares naõ subsistem taõ longo tempo, como aquelles córpos: prevenio-se, que elles naõ se approveitassem da necessidade dos outros, comprando na occasiaõ do aperto dos donos as propriedades de raiz, que saõ a firmeza das casas, que sustentaõ aos particulares para servirem a Pátria com honra. Concluio-se este anno com a fundaçaõ da Fortaleza no Cabo de Guer á custa de Joaõ Lopes de Siqueira, que naõ podendo sustentar a guarniçaõ, a largou a El-Rei, que o fez Governador della, pagando-lhe todas as despezas: com a peste, que principiou a grassar em Lisboa: com a gentileza de Francisco Pereira Pestana, que mandando-o D. Joaõ de Menezes correr a

ter-

terra de Arzila na testa de 70 cavallos, depois de derrotar mais de 200 dos Mouros, entrou na Praça escoltando huma grande preza, com que principiou a fazer célebre o seu nome.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-se da sedição de Lisboa, e das primeiras acções na India do Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

1506

COM semblante melancolico entrou em Portugal o anno de 1506, alternando Deos as venturas, e as desgraças, para o homem naõ se exaltar sobre a terra. Lavrava a peste com grandes estragos em Lisboa, Santarém, e outras terras, que obrigáraõ a Corte a retirar-se para a Villa de Abrantes, aonde a Rainha deo á luz ao Infante D. Luiz. Quando se padecia esta calamidade, os moradores de Lisboa se deixáraõ apoderar do furor, e da demencia. Succedeo na Igreja do Convento de S. Domingos ajuntar-se hum

nu-

Era vulg. numerofo concurfo a adorar o Santiffimo, que fe expõe no lado de hum Crucifixo coberto com hum cryftal, que recebendo entaõ com maior impreffaõ a luz, fcintillava reflexos mais brilhantes. Comove-fe o Povo facil, e como fe eftiveffe vendo a propria Peffoa de Jefu Chrifto fem o véo dos accidentes, principia a clamar, que era milagre. Acafo fe achava no Templo hum Hebreo recem-convertido menos crédulo, que quiz aquietar o alvoroço, perfuadindo a gente, que aquelle reflexo éra coufa natural originada do modo, por que o vidro recebia a luz.

A multidaõ inconfiderada, atonita por huma certa efpecie de Religiaõ, ouvindo ao Hebreo duvidar do imaginado milagre, fe lançou a elle, levou-o para o atrio, tirou-lhe a vida, e queimou o cadaver. Acodíraõ a augmentar o cataftrofe dous Religiofos fanaticos clamando, e excitando o Povo por todas as partes, para que vingaffe a impiedade Hebraica, que era a caufa da cólera do Ceo defcarregada fo-

sobre o Reino no flagello da peste. A cestas admoestações o Povo furioso corre ás armas: as tripulações de muitos navios Francezes, e Alemães, que estavaõ no rio, saltaõ em terra, e seguindo aos Portuguezes, degolaõ 500 Hebreos, pilhaõ, e roubaõ as suas casas. No dia seguinte vieraõ os moradores da Campanha augmentar a desordem. Do mais interior do Santuario eraõ arrancadas as victimas innocentes; humas, que se lançavaõ vivas ao fogo; outras despedaçadas; os mininos esmagados contra as paredes; o respeito aos Magistrados estragado; as suas vozes desconhecidas, tudo exposto a esta emoçaõ popular, que foi em tres dias o algoz de mais de 2000 vidas. Ainda o sangue derramado nesta scena fatal continuaria a lavrar as ruas de Lisboa, senaõ acodissem com hum reforço de trópas Ayres da Silva, e D. Alvaro de Castro, a cuja vista os sediciosos naõ se movêraõ, os Francezes, e Alemães se embarcáraõ, leváraõ ancoras, e com os navios carregados de riquezas se fizeraõ á véla.

Era vulg.

El-

Era vulg.

El-Rei informado de huma mortandade taõ estranha á humanidade, ordenou a D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, que revestidos da sua authoridade, viessem castigar os moradores sediciosos de Lisboa, como elles mereciaõ. Os dous Fidalgos se apoderáraõ das Praças principaes da Corte; postáraõ córpos de guarda; prendêraõ hum grande número dos Chéfes do tumulto, que pagáraõ a impiedade com as vidas. Os dous Religiosos, que transportados de hum zelo indiscreto, andáraõ com as cruzes levantadas excitando o Povo á vingança, foraõ degradados da dignidade do Sacerdocio, estrangulados, e consumidos em huma fogueira. Os Juizes, que temerosos do perigo se escondêraõ, e naõ cumpríraõ os seus deveres, depois de riscados do serviço, para maior ignominia os condemnáraõ em penas pecuniarias. Em fim, a Corte de Lisboa deo causa, para que o Rei benigno a despojasse de muitos dos privilegios, que elle, e os seus Predecessores lhe haviaõ concedido.

Nós

Nós deixamos navegando para a Em vulg. India ao memoravel D. Francisco de Almeida, filho setimo de D. Lopo de Almeida, primeiro Conde de Abrantes, Fidalgo de grande merecimento, que havendo mostrado os tyrocinios do seu valor na guerra de Granada, lhe foi pôr a Coroa com façanhas illustres na do Oriente. A sua viagem até chegar a Quiloa foi muito trabalhosa, naõ só pelas tormentas, que o insultáraõ, mas pela inadvertencia dos Pilotos, que encostando-se á parte Meridional para dobrarem com mais facilidade o Cabo de Boa-Esperança, o vento foi levando as náos a hum clima taõ apartado do Sol, que por causa do grande frio, apenas podéraõ fazer as manobras necessarias para sahirem do perigo evidente, em que se mettêraõ. Chegou a Armada a Quiloa com felicidade, aonde D. Francisco mandou a Joaõ da Nova fosse da sua parte cumprimentar ao Rei Abrahem, que accusado pela propria consciencia, o nosso temor o fez abandonar a Corte.

Fi-

Em vulgo. Ficou nella com mil homens o célebre Mahomet Anconi, que tinha dado bastantes próvas da sua fidelidade para comnosco. A retirada do Rei estimulou a D. Francisco para investir a Cidade, elle com 300 homens, e seu filho D. Lourenço com 200; mas como a intençaõ de Anconi naõ era pelejar, apenas os nossos desembarcáraõ, elle se retirou com toda a gente ao monte, deixando em nosso poder a Cidade. D. Francisco sem esquecer a cautéla, porque a soledade naõ fosse industria, a mandou saquear, recolher em huma grande casa os despojos, que repartio pelos soldados, e immediatamente fez edificar huma fortaleza, naõ longe da praia, para os Portuguezes ficarem dominando a povoaçaõ. Em quanto se trabalhava nella, D. Francisco mandou huma Deputaçaõ a Mahomet Anconi, e aos seus camaradas, em que lhes fazia saber, como naõ vinha apoderar-se de Quiloa, mas livrallos do jugo de hum Tyranno: Que voltassem para suas casas a reconhecer por seu Rei a Mahomet Anconi, que era di-

digno deste caracter, e o conservaria Em vida.
governando-os em paz debaixo dos auspicios do grande Rei D. Manoel, e á sombra do respeito das suas victoriosas armas.

Obedecêraõ todos a esta ordem: D. Francisco em nome do seu Soberano aclamou Rei a Mahomet, cingio-o com huma coroa de ouro, fez que jurasse fidelidade a D. Manoel, e lhe impôz hum moderado tributo. Mahomet reconhecido, e tratado Rei, rompeo em hum lance de generosidade, proprio só dos corações magnanimos, ou dos espiritos illuminados. Elle representou a D. Francisco, que era muito devedor á memoria de Alfudail, que o tyranno Abrahem privára da vida, e do Reino de Quiloa: que este deixára hum filho, que lhe devia servir de objecto para elle fazer público o reconhecimento do quanto elle era officioso a seu Pai, usando de gratidaõ para com o filho: Que lhe havia permittir chamallo á Corte, declarallo seu futuro successor, tratallo como Principe herdeiro; porque antes queria dar

ao

Eft. vulg. ao mundo hum exemplo de agradecido, do que deixar á fua pofteridade hum fceptro. D. Francifco penetrado até ao fundo do efpirito de tamanha generofidade em hum Barbaro, confentio que o filho de Alfudail vieffe para Quiloa; deixou livre a Mahomet difpôr da fucceffaõ do Reino a favor de quem elle quizeffe, e conveio em que o Succeffor eleito foffe tratado em qualidade de Principe.

De Quiloa navegou a Armada para Mombaça, aonde o Governador mandou a Gonçalo de Paiva fondar o porto até ás vifinhanças de hum Forte defendido com a artelharia da náo de Pedro de Ataide, que o Rei de Mombaça fez tirar do fundo do mar, quando ella varou na fua cófta. Fez fogo o Forte fobre a caravella do Paiva; mas elle defparou alguns canhões com tanta felicidade, que dando huma balla no armazem da polvora, voou o Forte. Com efta noticia, e a do bom fundo do porto a Armada fe moveo, e foi mandado a terra Joaõ da Nova para perfuadir ao Soberano de Mombaça, que

que os Portuguezes naõ vinhaõ de guerra ao seu porto; mas a propor-lhe o exemplo de outros Principes da Asia, e Africa para reconhecer como elles a D. Manoel por seu Rei. Esta oraçaõ foi taõ mal ouvida, quanto se fazia dissonante ao de Mombaça reconhecer por Soberano a hum Principe estrangeiro; ameaçando aos Emissarios, que os fariaõ em pedaços se saltassem em terra; porque os homens valentes de Mombaça naõ eraõ como os covardes infames de Quiloa.

Era vulg.

Huma resposta taõ féra estimulou a D. Francisco de Almeida para averiguar a origem, donde ella nascia, para o que lançou em terra alguns homens no maior silencio da noite, que lhe trouxeraõ preso a hum dos moradores, criado do mesmo Rei. Elle o informou, de que Mombaça naõ o temia; porque logo que na Cidade se soubera a sua invasaõ sobre Quiloa, ella se prevenira, plantando muita artelharia nos muros; reforçando a guarniçaõ antiga com 4000 homens, e que se esperavaõ mais 2000 a cada

ins-

instante. Informaçaõ semelhante estimulou mais o nosso valor para naõ demorar a Mombaça o seu resentimento. O Governador manda a seu filho D. Lourenço, que na tésta de hum destacamento se lance sobre os arrabaldes da Cidade, e lhes ponha fogo. Á voracidade do incendio acodem tumultuariamente os habitantes, que pelos nossos foraõ sobprendidos, e passados á espada. Nesta manobra feita de noite, sendo menos sopportavel o calor das chammas, que a resistencia dos contrarios, D. Lourenço se recolheo aos bateis, sem mais perda que a de dous soldados.

Ao romper do dia seguinte seu Pai, e elle, com Francisco de Sá, Lourenço de Brito, Rui Freire, Fernaõ Soares, Gonçalo de Paiva, outros Fidalgos, e Capitáes em dous corpos, hum que mandava D. Francisco, outro D. Lourenço, com o favor das sombras da madrugada se chegáraõ á Cidade sem haver quem lho impedisse, occupada ainda em apagar o incendio. Aqui esperamos, que a luz nos guiasse, e come-

meçando D. Lourenço a entrar pelas ruas, os moradores, que ou haviaõ render-se, ou entrincheirar-se nas casas, tomáraõ este segundo partido. Elles fizeraõ dos telhados, e janellas huma defensa de desesperados com todo o genero de armas de arremeço, que pozeraõ aos Portuguezes em grande perigo, por naõ poderem revolver-se no estreito das ruas. Mas a tudo superior a sua corage, elles foraõ levando os inimigos de casa em casa, até os precipitarem dos tectos, para que cahissem esmagados nas ruas os que naõ morriaõ ao fio das espadas. D. Lourenço chegou com outros Cabos ao Palacio do Rei, que tinha fugido para os matos, e aqui soube, que seu Pai passára adiante atacando os inimigos.

Encarregada a guarda do Palacio a Fernaõ Bermudes, D. Lourenço marchou para acabar de dissipar os animosos, que contra seu Pai ainda se faziaõ fortes, e o conseguio pondo-os em fugida para o mesmo bosque, aonde o Rei se occultára. Morrêraõ dos

ini-

Era vulg. inimigos 1ↀ500; dos Portuguezes cinco, e entre elles D. Fernando Deça; fizemos dous mil prisioneiros, em que entráraõ Damas especiosas; reservamos delles 200 os mais distinctos; aos outros démos liberdade, e ficou Mombaça em nosso poder, mas pobre, por haverem os moradores occultado antes as suas muitas riquezas. Para deixarmos nella hum testemunho da nossa cólera, e tirar aos Barbaros a esperança de a tornarem a reedificar, o Governador mandou atiçar novo incendio, que a consumio.

Depois destas expedições foi a Armada á Angra de Santa Elena, naõ podendo ferrar o porto de Melinde, que lhe ficou oito leguas a sotavento. Na mesma Angra se encontrou ella com os navios de Lopo Chanoca, e de Joaõ Homem, que pertenciaõ á Esquadra, que o Governador encarregou a Manoel Peçanha antes de montar o Cabo, da qual se desgarráraõ aquelles navios; o de Vasco de Goes foi dar a Quiloa; o de Lucas da Fonseca invernou em Moçambique, o de Lopo San-

Sanches naufragou, e o Peçanha com Antonio Vasco foraõ encontrar ao Governador em Angediva. Mandou este cumprimentar ao Rei de Melinde com os presentes del Rei D. Manoel, que aquelle Principe agradeceo, enviando á Armada muitos viveres, e as raridades da terra conduzidas por seu mesmo irmaõ, que da sua parte veio a visitar o nosso Chéfe. Elle navegou para Angediva, aonde chegou a 13 de Setembro do anno passado, e achou alli cartas do Feitor Gonçalo Gil Barbosa, em que avisava aos Capitães Portuguezes das cargas, que tinha promptas em Cananor para as náos, que chegassem, e que se podessem demorar-se até Setembro, neste mez se esperavaõ tres náos de Meca muito importantes, que vinhaõ para Calecut.

Era tal

Com estas noticias, D. Francisco de Almeida despedio a Joaõ Homem para dar aviso da sua chegada em Cochim, Cananor, e Coulaõ, e para acabar de pôr promptas as cargas das náos, que haviaõ voltar para o Reino. A Lopo Chanoca, e a Gonçalo de

Era vulg. Paiva ordenou cruzassem os mares com tanta vigilancia, que as náos de Meca naõ lhes escapassem. Elle com espirito incançavel, metteo mãos á obra da Fortaleza de Angediva, aonde se descobrio humа Cruz, que indicava bem ter sido a Ilha em algum tempo habitada por Christãos. Aqui foi informado por Manoel Peçanha, como Abrahem, Rei deposto de Quiloa, para se vingar de Mahomet Anconi, mandára por hum bravo assassino tirar-lhe a vida: que este lhe déra hum golpe, que naõ foi mortal; mas que prendendo-o logo os Portuguezes o esquartejáraõ com grande satisfaçaõ daquelle Povo.

CAPITULO III.

Continuaõ na India os successos do Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

JÁ os preparos para a execuçaõ das ameaças, que nos fizéra o Soldaõ do Egypto, principiavaõ a soar na India com estrondo. Lopo Chanoca, e Gonça-

çalo de Paiva, acabado o tempo do seu regimento, se haviaõ recolhido com várias prezas. Em huma dellas vinha hum Portuguez, que o Feitor de Cananor mandava a D. Francisco com a noticia, de que huma das náos de Meca tinha chegado a Calecut com quatro Venezianos, que o Soldaõ mandava ao Çamorim para fundirem artelharia, e que este Principe fazia apressos formidaveis de guerra com a esperança de receber do Soldaõ grandes soccorros. Como naõ duvidavamos, que para nós se preparava o golpe, D. Francisco mandou de novo vigiar as duas náos; ordenou se trabalhasse na fabrica de duas caravellas, e huma galé com as madeiras, que levára de Portugal, e as encarregou a Officiaes de conhecido valor.

Era vulg.

O receio desta guerra fez lembrar a D. Francisco o ajuste de algumas allianças, quando se lhe offereceo a occasiaõ mais favoravel. Merláo, Rei de Onor, Cidade que dista oito leguas de Angediva, no Reino de Bisnagar, que tinha os mesmos desejos de D. Fran-

Era vulg. cisco, lhe mandou huma Embaixada para concluir com elle hum Tratado de paz, em que foi involvido o famoso Pyrata Timoja, de quem já fallamos nesta Historia. Do Ministro de Onor soube D. Francisco, que naõ longe de Angediva no Reino de Decaõ tinha o Çabayo, Senhor de Goa, e inimigo de Merláo, a Fortaleza de Cincatura, fórte, e bem presidiada, rogando-o da parte de seu Amo quizesse mandar reconhecêlla, por estar della huma legua distante. D. Francisco estimou a conjuntura de fazer este serviço ao Rei de Onor, e destacou a D. Lourenço, seu filho, para ir examinar a fortificaçaõ, e a qualidade do seu terreno. O Governador sahio della com mil homens a impedir o nosso desembarque; mas D. Lourenço firmando bandeira branca, e este signal de paz vieraõ á falla os dous Chéfes.

Desta conferencia resultou o ajuste de huma alliança, naõ só util aos Portuguezes, mas vantajosa ao Rei Merláo, que nós interessamos nella para o pôr a coberto dos insultos, que el-

elle sempre temia do Reino de Decaõ. Era vulg.
He verdade, que em Merláo durou pouco o reconhecimento deste beneficio; porque tomando os nossos huma grande náo carregada de cavallos da Persia, e deixando-os nos seus portos, aquelle Principe se apoderou delles. D. Francisco se sobprendeo deste procedimento, e requerendo a restituiçaõ dos cavallos, naõ foi attendido. Como ao attentado se unia a ingratidaõ de Merláo, D. Francisco naõ lhe quiz demorar o desaggravo, e encarregada a Fortaleza de Angediva a Manoel Peçanha, elle partio com a Armada para Onor. Os Commandantes das muitas náos, que estavaõ no porto, entendêraõ os designios do Governador, quando víraõ que Fernaõ Soares andava sondando o rio, e lhe pedíraõ conseguisse do seu Chéfe suspender as hostilidades; que elles se obrigavaõ a que o Rei de Onor lhe déffe satisfaçaõ.

O Governador, que assim o prometteo, por naõ faltar á sua palavra esteve hum dia sem acçaõ; mas como o Rei naõ reentrou nos seus deveres, antes

tes

Era vulg. tes se retirou com toda a Corte, e o precioso della para a montanha, D. Francisco naõ quiz esperar por mais provas da má fé. Elle ordenou a seu filho D. Lourenço entrasse no porto, e queimasse todos os navios, como foi executado com o ultimo rigor. Elles, e a Cidade tudo ardia com lástima do seu Rei, que de hum alto observava o incendio, e o mandou apagar com o do nosso furor por 40000 soldados escolhidos; mas elles em lugar de soccorro, vieraõ a experimentar a sensibilidade do estrago junta ao pejo da fugida. Como os nossos se avançavaõ muito sobre elles, o Governador acautelado, e satisfeito com a victoria, mandou tocar a retirada. Os Barbaros estimáraõ esta prevençaõ sábia por temor; recobráraõ os espiritos, e voltáraõ cáras. Os nossos, que se retiravaõ formados, fizéraõ o mesmo, e com derrota completa dos inimigos lhes castigáraõ a confiança. Muitos delles ficáraõ mórtos no campo; ardêraõ quatorze náos, e a maior parte da Cidade foi consumida pelo fogo, sem

sem que faltasse algum dos Portuguezes.

Era vulg.

Merláo depois que sentio os damnos da inconsideraçaõ, mandou legados para renovarem a paz. O Governador, affectando naõ responder positivamente, disse que mandaria seu filho a concluilla; mas que havia ser com maior segurança, e as condições mais restrictas, que as da primeira. O Emissario desta proposta foi o célebre Timoja, que entaõ se jurou vassallo del Rei D. Manoel, e depois lhe fez os serviços, que veremos, especialmente na tomada de Goa. Entretido Merláo com esta esperança, D. Francisco de Almeida navegou para Cananor, aonde declarou o titulo, que trazia de primeiro Vice-Rei da India.

Naquella Cidade teve elle huma grande, e solemne conferencia com El-Rei, em que ficou ajustada a fabrica da Fortaleza, que desejavamos, da qual, e da que se havia fazer em Coulaõ deo homenagem o Copeiro Mór Lourenço de Brito, que nellas hia provido. Deixou o Vice-Rei as mais ordens

Era vulg. dens necessarias, e estando em Cochim expedindo a carga das náos, que haviaõ partir para o Reino; chegou de Coulaõ o Capitaõ Christovaõ Jusarte, e o informou, de que o Feitor Antonio de Sá com todos os Portuguezes tinhaõ sido mórtos, e queimadas as suas casas, e fazendas. Teve origem esta infelicidade na preferencia pretendida dos Mouros, que queria se désse carga a muitas náos suas primeiro que ás Portuguezas. Nesta conjuntura veio a Coulaõ o Capitaõ Joaõ Homem, que o era de condiçaõ feroz, temerario, taõ desmedido na grandeza do corpo, como na animosidade. Elle, que tinha a pretençaõ dos Mouros consentida por huma fraqueza dos Portuguezes; com o desembaraço costumado tirou a todos aquelles navios os lemes, e as vélas, que entregou a Antonio de Sá com ordem de naõ as restituir, em quanto as náos Portuguezas naõ estivessem carregadas.

Feita esta grande acçaõ mais audaciosa, que prudente, Joaõ Homem voltou a continuar o seu corso. Os

Mou-

Mouros escandalisados, e livres de Joaõ Homem, fizeraõ soblevar o Povo de Coulaõ, que cahio furioso sobre os Portuguezes, e fez nelles o estrago, que fica referido. Achava-se no porto o valoroso Capitaõ Pedro Rafael, que naõ tendo forças para soccorrer aos Patricios em terra, lhes vingou no mar a mórte, fazendo em cinza cinco das náos dos Mouros revoltosos. De tudo veio elle dar parte em Cochim ao Vice-Rei, e Joaõ Homem, que primeiro o buscou, e ainda naõ o achára nesta Cidade, foi com o mesmo destino a esperallo na vinda de Cananor. Nesta viagem tomou elle duas náos de Mouros, e mettendo as tripulaçoẽs no poraõ, as mandou marear por alguns Portuguezes. Quando elle se encontrava com o Vice-Rei, os Mouros de huma das náos forçáraõ a prizaõ, degolláraõ os Portuguezes, e se pozéraõ em cobro. Este caso, e o de Coulaõ se fizeraõ taõ estranhos ao Vice-Rei, que ainda ignorante da mórte de Antonio de Sá, e da ruina da Feitoria, quizera privar a Joaõ Homem do Comman-

Era vulg.

da-

Era vulg. damento da náo; mas rogado pelos outros Capitáes, que naõ cessavaõ de encarecer o valor do seu camarada, suspendeo a resoluçaõ conservando o desagrado.

A informaçaõ dada ao Vice-Rei em Cochim por Pedro Rafael, moveo nelle ao mesmo tempo a cólera, e a prudencia: esta para instruir a seu filho, que indo a Coulaõ, e achando aos moradores taõ arrependidos do massacro, que plenamente o satisfizessem, renovasse a paz: aquella exhortando-o a hum castigo exemplar, se os achasse contumazes na rebeliaõ começada. Partio D. Lourenço de Almeida para Coulaõ com huma Esquadra, e mettendo em uso todas as dexteridades para comprir com a primeira recommendaçaõ de seu Pai, nada póde conseguir da obstinaçaõ dos animos, que ainda se recreavaõ com as imagens da vingança. Naõ teve elle outro refugio, senaõ executar as segundas ordens com tanta conformidade, que os Mouros naõ podendo resistir, nem defender-se, deixáraõ que vinte sete náos fossem abraza-

za-

zadas com morte das suas guarnições. Era vulg.
Diz João de Barros, que parece quiz Deos premiar em João Homem o zelo do primeiro insulto de Coulaõ com hum milagre succedido nesta peleija; porque dando-lhe nos peitos huma balla, cahio aos seus pés sem offendello. O Vice-Rei pouco depois naõ foi com elle taõ atencioso, tirando-lhe o Commandamento da náo em pena das suas temeridades: pena, que foi como huma das sangrias dos Athenienses antigos, que mandavaõ abrir a veia em publico aos soldados muito atrevidos por castigo de temerarios.

Naõ devo passar em silencio hum dos effeitos gloriosos, que causou aos Portuguezes a sua reputaçaõ adquirida na Asia, e foi a Embaixada solemne do grande Rei de Narsinga, que o Vice-Rei recebeo a bórdo da sua náo, quando estava a partir de Cananor para Cochim. Este grande Monarca, senhor do dilatado Reino, que comprehende as vastas Regiões Occidentaes, e Mediterraneas, que vem a demarcar com as terras de Goa, mandou ao Vice-

ta vulg. ce-Rei, hum Embaixador com cartas, e presentes riquissimos para serem enviados a El-Rei D. Manoel nas primeiras nãos, que houvessem de partir. No acto da entrega, o Embaixador disse ao Vice-Rei: O Magestoso Soberano de Narsinga nada deseja tanto, como a amizade do magnifico Rei D. Manoel. A fama das suas virtudes heróicas he quem lhe estimula a vehemencia destes desejos. Depois desta primeira causa, o move o estrondo das façanhas, que os seus Vassallos tem obrado na India em taõ poucos annos. O meu Principe concebe, que naõ póde deixar de ser Rei grande o que domina sobre homens semelhantes, que o fazem conhecido na redondeza da terra, para que o amem todos os outros Reis. O meu se quer avantajar aos mais na pureza deste affecto; e para lhe dar delle a próva mais convincente, huma irmã, que tem de belleza extraordinaria com hum dote monstruoso, elle a offerece para esposa do Principe D. Joaõ de Portugal.

O Vice-Rei recebeo esta Embaixa-

da

da; com as demonstrações do maior prazer, e persuadio ao Ministro intimasse com toda a força ao seu Monarca, quanto ella sería agradavel ao Rei D. Manoel: Que em seu nome elle acceitava as cartas, e presente para remeter tudo sem demora; esperando, que as propostas fossem acceitas com huma conformidade bem igual á candura do grande Principe, que as fazia. Nós estimámos esta alliança, que nos faria respeitados, por ser com hum dos Reis, que se elevava aos seus visinhos, na extensaõ dos Dominios, no poder, e na riqueza. Em quanto aos Dominios elles comprehendiaõ muitas Provincias povoadas de grandes Cidades, regadas de rios caudalosos, ferteis, e abundantes de todos os generos necessarios. Pelo que respeita ao poder, elle o ostentava em huma quantidade incrivel de infantaria, e em hum Exercito numeroso de cavallaría diariamente alimentada a expensas da Real Fazenda. Em quanto á riqueza, era politica em cada hum destes Reis ajuntar grossos thesouros, e no Successor

Era vulg.

naõ

Era vulg. naõ gastar delles huma só moeda sem necessidade extrema. Os diamantes, que naquelle Reino eraõ infinitos, todos os de maior grandeza se guardavaõ nos thesouros Regios, que se engrossavaõ cada anno.

Quando o Vice-Rei chegou a Cochim já naõ achou no Throno ao Rei Trimumpára, que opprimido dos annos, e fatigado das muitas guerras, em que os havia empregado, se tinha retirado a hum Turcol para passar em socego o restante da vida. Elle nomeou para Successor ao Principe Naubeadar, filho mais moço de huma sua irmã, preferindo-o ao mais velho; porque este Principe na ultima guerra de Calecut, naõ só tomou o partido do Çamorim, mas foi causa da deserçaõ dos melhores Officiaes de Cochim. O Vice-Rei fez acclamar ao novo Monarca com a maior pompa; assegurou aos seus vassallos, que o Rei D. Manoel em recompensa aos altos merecimentos de Trimumpára seu Tio, o menos que faria em seu obsequio, sería chamar lhe irmaõ; protestando-o, que nas obras

se

se mostraria Pai. Bastou a publicidade desta protecçaõ para dissipar o partido, que em Cochim hia formando o Principe privado da Coroa contra seu irmaõ eleito; e o apparato da ceremonia tocou tanto aos descontentes, que os nublados temidos se reduzíraõ á maior tranquillidade.

Era vulg.

Acabado este acto solemne, o Vice-Rei ordenou que os navios destinados para voltarem ao Reino com as cargas ordinarias, se fizessem á véla. Seguindo a viagem, no dia primeiro de Fevereiro, estas náos avistáraõ huma terra até entaõ incognita, e era a Ilha de Madagascar, que nós hoje chamamos de S. Lourenço, e os Geografos antigos disséraõ Menuthias. Duvidosos se era, ou naõ continente, os nossos navegáraõ pelas margens dezasete dias, e no fim delles conhecêraõ, que era huma grande Ilha situada ao Oriente da Africa sobre a Cósta da Ethiopia. Naõ havia nella povoaçaõ; derramadas as gentes em choupanas soltas pela extensaõ dos terrenos; mas estes abundantes em generos de gados,

fru-

Era vulg. fructos, e cópia grande de mel. Os Insulanos avistando as nossas náos, com alvoroço se mettêraõ nas suas canoas, e abordáraõ a de Fernaõ Soares. Elle os regalou a bórdo com profusaõ tal, que podesse conciliar-lhes a amizade; mas os Barbaros ferozes se despedíraõ desparando huma nuvem de séttas sobre a náo, e quizéraõ avançar a de Rodrigo Freire; porém fulminando-os a nossa artelharia, elles se retiráraõ, e as náos seguíraõ a sua viagem para Lisboa, aonde entráraõ a 23 de Maio.

Naõ foi só pelo valor de D. Francisco de Almeida, que El-Rei D. Manoel quiz fazer na India conhecido o seu poder, e o caracter dos Portuguezes. No mesmo anno de 1505, em que elle sahio de Lisboa com a sua Armada, o seguio depois com designios naõ menos generosos Pedro de Anhaia mandando seis náos. Levava este Chêfe o destino de fazer novos descobrimentos, e fundações. Dobrado o Cabo, veio a lançar ferro na costa de Çofala; Cidade, que dá nome a todo o Reino situado em huma Ilha sobre o

rio

na Cuama, que entaõ governava hum Principe chamado Çufe. Em huma conferencia, que Pedro de Anhaia teve com este Soberano, conseguio delle permissaõ para fazermos no seu Estado huma Fortaleza, que nos era necessaria, assim para a commodidade do trato da India, como para asseguramos o Commercio com os Cafres, que era importante. Principiou esta obra em Setembro de 1505, e estando acabada em Novembro do anno seguinte, algumas das náos partíraõ para a India, e Pedro de Anhaia ficou dando fórma aos interesses do novo estabelecimento com o favor de Acote, Abexim de Naçaõ, e valido do Rei.

Era vulg.

Os Mouros sentidos dos damnos, que lhes podia causar a nossa visinhança, tantas representações fizéraõ ao Rei Çufe, cégo, e velho, que elle se lembrou dos successos de Quiloa, e Mombaça; arrependeo-se da facilidade da sua condescendencia, e quiz remedialla na primeira occasiaõ, em que podesse traçar a nossa ruina. Elle a consulta com seu genro Musar; discorrendo que

Era vulg. por naõ violar a palavra de Rei, feria melhor efperar, que a intemperie do clima, taõ fatal aos Eftrangeiros, acabaffe com os Portuguezes. Quando elle affim difcorria, a obra fe avançava, a artelharia fe plantava nos muros, e na guarniçaõ já picavaõ as doenças: Mufar, que refpirava guerra a fogo e fangue, inftou com feu Segro naõ efperaffe mais tempo; defembainhaffe as armas, e cortaffe as cabeças languidas dos homens, que elle prefumia ter por amigos, e já os fentia dominantes. Efta perfuafaõ acabou de refolver ao Rei Çufe, que traçou na guerra contra nós a fua ruina, como veremos no Capitulo feguinte.

CA-

CAPITULO IV.

Guerra de Çofala com os mais successos até ao fim do anno de 1506.

O Rei Cufe instado por seu genro, e pelos seus receios ; resoluto a arrazar a nossa Fortaleza de Çofala, e a tirar a vida a todos os Portuguezes ; elle ajustou huma alliança com o Cafre Mocondes ; que governava as Cidades dependentes do Reino de Monomotapa, representando-lhe facil a nossa destruição, e consideraveis os despojos da victoria nos generos, que guardavamos na nossa Feitoria. O nosso fiel amigo Acote avisou a Pedro de Anhaia da tempestade, que se armava contra a Fortaleza ; mas que elle o havia ter prompto para promover as vantajens do Rei D. Manoel. Em quanto nós nos serviamos da noticia para prepararmos huma vigorosa defensa ; o Cafre Mocondes, mais estimulado dos desejos de ganhar, que activo no ardor de com-

Era vulg.

Era vulg. bater; elle ajuntou as suas trópas, e marchou em soccorro do Rei Çufe.

Presumíraõ os Alliados, que nos Portuguezes consumidos das enfermidades, apenas teriaõ meias vidas, que tirar, sem que encontrassem inimigos, que investir. Elles se enganáraõ; porque os enfermos foraõ os primeiros, que montáraõ as guardas para mostrarem nas forças lassas os espiritos intrépidos. O fiel Acotes com cem homens se veio metter na Fortaleza. O Rei Çufe com trópas numerosas, e Mocondes com seis mil Cafres a investíraõ; mas dando o assalto amontoados, a artelharia com o estrondo, e a metralha fez nos salvagens tanto horror, e tal estrago, que se pozéraõ em fugida. Os Portuguezes os seguíraõ pela Cidade, aonde elles hiaõ passando á espada aos Mouros, que lhes sugeríraõ esta guerra; e chegados ao Palacio do Rei, este fez pela propria pessoa, sendo cégo, huma defensa, que nos poz em admiraçaõ. Com as sétas, que despedia furiosas, ainda que sem tino, nos ferio a muitos, e ao mesmo Pedro de

Anhaia

Anhaia com huma na garganta. O Feitor Manoel Fernandes para suspender este damno, chegou ao Rei, e de hum golpe lhe levou a cabeça.

Era vulgar

Desenfreou esta morte o furor dos Mouros, que se deixáraõ matar desesperados: aos naturaes da terra a clemencia do nosso Chéfe concedeo as vidas, movimento humano, que os pôz confórmes para se sujeitarem ás leis, que o Anhaia lhes quizésse prescrever. Este Chéfe, que queria dar á Republica nova fórma, que reconhecia dever a sua felicidade ao aviso, ao valor, ao soccorro da Acote, em nome do Soberano de Portugal o criou Rei de Çofala, fez que os Póvos lhe jurassem fidelidade, e que elle a promettesse perpetua ao Rei D. Manoel; obediencia ás suas ordens, e ás dos Capitães, que elle mandasse á India.

No melhor destes prazeres, como o Ceo daquella Regiaõ era infesto aos Estrangeiros, e o vapor das lagoas, e paús causavaõ humores ardentes, continuou a laborar a epidemia; os corpos se mirrhavaõ, e entre outras

Em mils. vidas consideraveis, perdeo a sua bisestimavel Pedro de Anhaia com sentimento dos Portuguezes, e Çofalanos. O Feitor Manoel Fernandes ficou governando em seu lugar pouco tempo; porque vindo as náos de Cide Barbudo, e de Manoel Coresma, que sahíraõ do Reino pouco depois de Pedro de Anhaia, elles leváraõ a noticia da sua mórte ao Vice-Rei, que lhe fez os devidos elogios, e mandou a Nuno Vaz Pereira fosse tomar entrega da Fortaleza. Este Cabo levava ordem para ir a Quiloa informar-se da traiçaõ do Principe Tirendicundi, parente de Abrahem, Rei deposto, que fizera dar a mórte a Mahomet Anconi; e castigados os Chéfes da sediçaõ, dissipado o resto da liga, deixando por Governador a Ruy de Brito Patalim, elle chegou á Fortaleza de Çofala, donde partio para a India o Feitor Manoel Fernandes.

Em quanto na Cósta de Africa se passavaõ estas cousas, o Vice-Rei na India naõ tinha ociosas as armas. Elle ordenou a seu filho D. Lourenço de Almei-

meida, que com huma Esquadra de Em vulg. nove nãos fosse descobrir as Ilhas Maldivas, que já sabía eraõ muitas, entre si divididas por pequenas distancias. Nesta viagem encontrou elle taõ rápidas as correntes, que o leváraõ para o Cabo Comorim, e foi parar á Ilha de Ceilaõ, que os antigos estimáraõ pela célebra Taprobana. Extende-se Ceilaõ por mais de 120 legoas de cumprido, e 75 de largo para a parte Septentrional á quem do Ganges, 95 legoas distante de Cochim. Nós dizemos de Ceilaõ, que tem bosques de canella, mares de aljofar, montes de crystal. Ella he taõ agradavel, taõ deliciosa, taõ abundante de fructos, que alguns descrevendo a paraiso, naõ duvidáraõ affirmar, que fora o lugar da residencia dos nossos primeiros Pais. O certo he, que naõ longe da sua Capital Columbo em huma pedreneira, se vê impressa a pégada de hum homem, naõ longe outro vestigio do principio do tempo em hum Sepulchro dobrado, que quer a tradiçaõ daquelles Póvos fosse o de Adaõ, e Eva. Desta idéa nas-

Em vulg.

que se recolheo a Cochim para de tudo dar parte a seu Pai, que confirmou o Tratado de Ceilaõ, e o tornou a mandar a Angediva para presidiar a Fortaleza, e alimpar os seus mares de inimigos, e pyratas.

Porém o estrondo das armas de Calecut, já pedia todas as attenções do Vice-Rei para naõ divertir os seus cuidados. As primeiras informações do apresto lhe deo o Italiano Luiz Wartmano, natural de Bolonha, que attrahido dos desejos de vêr o Mundo, veio dar a Calecut, fingindo-se Mouro. Aqui ouvio elle dos seus semelhantes o ruido dos nossos estragos, da nossa pyrataria, e perfidia. Elle tornou a fingir, que naõ conhecia os Portuguezes; offereceo-se a promover a nossa ruina; mas a idéa era vir ajuntar-se comnosco, e trazer na sua companhia aos dous Milanezes fundidores, que nos desertáraõ, e já sentíraõ os remorsos de viverem máos Christãos entre os Barbaros. Com outro fingimento de Espiaõ por parte do Calecut, veio o Luiz fallar ao Vice-Rei, e o informou do que

se

Ern vulg. se passava naquelle Reino a seu prejuizo; da resolução dos Milanezes o buscarem; se lhe perdoasse o crime; e bem remunerado este zelo, tornou a mandar a Calecut com o mesmo disfarce de Espiaõ para executar os designios. Na Corte do Çamorim foraõ elles descobertos; o Luiz pode salvar-se fugindo; mas os Milanezes pagáraõ com a vida os intentos presentes, e o crime passado.

Com a noticia certa de que o Rei de Calecut mandava contra nós huma Armada de oitenta navios grossos, e cento e vinte parãos; o Vice-Rei encarregou a seu filho D. Lourenço outra Armada de onze náos, em que levava 800 Portuguezes escolhidos, e alguma gente das trópas dos Alliados. Junto a Canapor foi o encontro. Os inimigos muitas vezes superiores, elles se avançaõ com tanta certeza de vencer, que a altas vozes vinhaõ cantando a victoria. A ousadia, e sciencia nautica dos Portuguezes desprezaõ a superioridade, enche-os de furor a confiança dos Barbaros, e começaõ a batalha logo espanto-

[illegible]. O ar coberto de fumo, e de séttas, por toda a parte scintillando fogo, e os sentidos perturbados, nada tinha acçaõ além da cólera. D. Lourenço, no meio da confusaõ, pode descobrir a Capitánia inimiga guarnecida de 600 dos mais destemidos soldados. Elle a ferra, salta dentro com o bravo Joaõ Homem, Fernando Pereira de Andrade, Vicente, e Rodrigo Pereira, com outros Fidalgos, e soldados de valor, que passando á espada o maior número de gente, prendendo alguma, e fazendo que o resto se lançasse ao mar, ficou em nosso poder a grande Capitánia de Calecut.

Destino semelhante foraõ tendo outras náos dos inimigos, quando algumas das nossas combatiaõ com perigo evidente, por cercarem muitas a cada huma; mas desfalecendo o seu fogo, porque lhes rebentavaõ muitas peças de ferro, crescendo a nossa corage ao passo dos desejos da reputaçaõ por huma assignalada victoria; nós vimos que os contrarios, a toda a força de véla, fugiaõ a amparar-se no porto de Calecut.

El-

Em vulg.

Era vulg. Elles perdêraõ na acçaõ mais de tres mil homens, déz náos, e muitos paráos mettidos a fundo, nove prisioneiras, hum despojo de grande valor; e dos Portuguezes faltáraõ seis. D. Lourenço entrou victorioso em Cananor, aonde recebeo do seu Rei, occupado de admiraçaõ, as congratulações de triunfante de hum inimigo respeitavel.

A guerra de Calecut fez entender ao Çabayo, Senhor de Goa, que poderia insultar a Fortaleza de Angediva, sem encontrar nella resistencia. Esta idéa lhe inspirou o vil Antonio Fernandes, Apóstata da nossa Religiaõ, hum dos desterrados condemnados á morte, que Pedro Alvares Cabral deixára na India, official de Calafate, já chamado Abdala. Elle foi o encarregado da empreza, e entregue ás suas ordens huma Armada de sessenta navios, com promessa do Senhorio de Cintacorá, se conquistasse a Angediva. Pouca especie fez a Monoel Peçanha, que governava a Fortaleza, o esforço deste Apostata, que depois de huma grande mortandade, foi obrigado a levan-

tar

no sitio, e voltar para Goa duas vezes infame. Conseguida a victoria, o Vice-Rei, com conselho de todos os Capitães, determinou mandar arrasar a Fortaleza, que ficava muito distante de Cochim, fazia grandes despezas, naõ nos dava alguma utilidade, e encarregou esta expediçaõ a seu filho D. Lourenço, que a executou.

Era vulg.

A vigilancia exacta nos negocios da India, naõ fazia esquecer os da Europa, e Africa. A tudo attento El-Rei D. Manoel, mandou a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, cumprimentar da sua parte a Filippe, Rei dos Romanos, e á sua mulher a Rainha D. Joanna, que vinhaõ a Hespanha para ser investidos na posse desta Monarquia, de que a Rainha D. Joanna ficára herdeira por morte de seu sobrinho, o nosso Principe D. Miguel da Paz. Porque entaõ os Reis Catholicos traziaõ perturbados os animos com guerras sanguinolentas, e se mettia outra com o inimigo maior do Christianismo; D. Manoel mandou a Duarte Galvaõ, e a Joaõ Sotil com o caracter de seus Plenipotenciarios re-

pre-

Era vulg. presentar ao Papa o estado triste da Christandade: que se devia procurar a paz entre os Soberanos Catholicos para se opporem unidos ás invasões dos Turcos: que era huma affronta dos Fieis possuir o Soldaõ os Lugares Santos da Palestina: que elle se offerecia para ser o primeiro, que marchasse a taõ santos designios na testa da Nobreza do seu Reino, e das suas melhores tropas.

Como este fervor ardente naõ atiçou o fogo nos outros espiritos Reaes, e antes sentenciáraõ o zelo de D. Manoel por huma veleidade; elle quiz mostrar-lhes, que as suas chammas se sustentavaõ na caridade, e empregou as armas na conquista de Africa. Para refugio das suas Frotas, e navios de corso, ordenou elle a Diogo da Azambuja, hum dos seus Capitães de conhecido valor, que fóra do Estreito de Gibraltar fundasse o Castello, que foi chamado Real. Este designio era muito grande para naõ encontrar opposiçaõ. De toda a parte concorrêraõ os Mouros para fazerem a mais vigorosa, como meio de nos embaraçarem o fi-

car-

sarmos dominantes do Paiz. Com as armas em huma maõ, e as ferramentas na outra, os Portuguezes combatiaõ, e edificavaõ; conseguindo em hum mesmo acto avançar a obra, e celebrar triunfos.

Era vulg.

Neste anno principiou a fazer-se conhecida em Africa a familia dos Xerifes, que 72 annos depois veio a ser taõ fatal ao nosso Reino na perda mais consideravel, que ella lhe causou, e que elle sentio. Foi o seu Chéfe hum Caciz natural de Figumedet, lugar da Provincia de Durá, que principiou a ser estimado em Numidia. Este Barbaro era sábio; mais instruído nos prestigios, e Theorgia práctica, do que nas Artes, e Sciencias. Elle se fez chamar Xerife, e se inculcava descendente de Mafoma, mudando o nome, que tinha de Mahamet Benhamet. Como politico déstro, vendo aos Mouros divididos em parcialidades, perturbados com discordias sanguinolentas, inquietos com a perseguiçaõ dos Portuguezes; foi avançado na Mauritania o Dominio, que vieraõ a consummar dous

dos

Era vulg. dos seus filhos, ambos chamados Mahamet. Naõ julgando taõ feliz pelos seus calculos ao primogenito Abdelquibir; nos horoscopos nigromanticos, que levantou aos Mahametes, fez capacitar a ambos, que elles tinhaõ de ser huns Heróes consummados.

Para reforçar a idéa os enviou neste anno, em que fallamos, á Cidade de Meca visitar o sepulcro de Mafoma, para os Mouros os estimarem santos pelas virtudes adquiridas nesta romaria. Voltáraõ elles com o caracter de Morabitas, bem disciplinados pelo seu grande Pai, e entráraõ por boa parte da extensaõ de Africa já a ser ouvidos como Oraculos, já a adquirirem o respeito de impeccaveis. Para melhor enganarem a ceguei ra dos Barbaros, elles se representavaõ humas idéas sem paixões, homens extacticos, comensaes da Divindade, sempre conversando no Ceo, vivendo de esmólas, nada estimando da terra, quando a sua ambiçaõ a queria toda. Tanto que com esta hypocrisia se sentíraõ entranhados nos corações dos Póvos; seu Pai conhe-

mhecendo-os, filhos legitimos das suas patrenhas, os animou a colher os fruᶜtos da induſtria com o roubo da fazenda, e Eſtados alheios, até ſe fazerem huns grandes Senhores, como viéraõ a conſeguir mais hypocritas, que valentes. Era valgo

Quando acabava eſte anno, tinhaõ principio as revoluçóes de Çafim; Cidade conſideravel da Mauritania, que reconhecia por Soberano ao Rei de Marrocos. Ella veio a cahir no poder do Tyranno Abdear, que a ficou dominando depois de matar a ſeu Tio Amedux. De huma filha, ſua era amante Aliadux, que ſeu Pai quiz matar por deſaggravio; mas o mancebo deſtemido com o favor dos ſeus amigos, eſpecialmente de Haia Abentafut, deo a morte ao infeliz Abdear, ficando elle, e Abentafut com o governo da Cidade. Com eſtas revoltas, pudéraõ eſcapar-ſe huns captivos Caſtelhanos, que viéraõ ao Caſtello Real participar a Diogo da Azambuja o que ſe paſſava em Çafim. O meſmo fez Aliadux, que da ſua parte, e da de Abentafut lhe pedio quizeſ-

Era vulg. zeſſe ajudallos com alguma gente, que elles eſtavaõ promptos a jurar-ſe vaſſallos del Rei D. Manoel. Em peſſoa foi o noſſo Chéfe a Çafim; mas receoſo da pouca fidelidade dos revoltoſos, naõ ſe empenhou a ſeu favor, e veio para Caſtello Real a obſervar as conjuncturas. Depois de outras revoluções, em que ſe traçava a mórte de Abentafut, a que ſe inclinava o Azambuja; elle ſe reſolveo mandallo a Lisboa para El-Rei determinar o que bem lhe pareceſſe.

Com tanta dexteridade negociou Abentafut, tanto ſe inſinuou no eſpirito do Rei, e deprimio de ſórte o procedimento dos ſeus emulos, que D. Manoel o mandou para Çafim com o cargo de Capitaõ do Campo. Ordenou ſe lhe déſſem vinte cavallos Portuguezes, para como prático na terra, explorar a campanha com outro conhecimento, que naõ tinha o Azambuja. Entaõ entendéraõ todos, que eſta determinaçaõ do Rei era hum exceſſo de piedade; mas os effeitos moſtráraõ, que fora huma das illuſtrações impreſ-

cru-

ertutaveis nos Soberanos. Todas as idéas deste Barbaro, que nós entendiamos desavantajosas aos nossos interesses, nós as vimos depois as mais confórmes, as mais fiéis, as mais activas: nós as crêmos, quando tantas vezes na frente das trópas o admiramos derrotando as dos Reis de Marrocos, de Féz, de Sus, e de Hea; rendendo tributaria da nossa Coroa toda a Provincia de Ducala.

Em vulg.

CAPITULO V.

Trataõ-se os successos do anno de 1507 na India, Africa, e Europa.

SEM successos memoraveis na Europa se passáraõ os principios do anno de 1507, em que El-Rei determinou mandar á India, quatorze náos repartidas em quatro Capitanias, que humas apoz outras sahíraõ de Lisboa no mez de Abril. Deixando as tres, que mandavaõ Jorge de Mello Pereira, Filippe de Castro, e Fernaõ Soares, por serem

1507

Era vulg. menos consideraveis os seus acontecimentos; nós fallaremos nos da Esquadra de Vasco Gomes de Abreo, que hia provido na Fortaleza de Çofala. Tantas náos Portuguezas desta, e das mais frótas, que andáraõ dispersas pelas Cóstas de Africa, além do Cabo de Boa-Esperança, e por ellas invernáraõ, naõ houve huma só, que neste anno chegasse á India. Vasco Gomes depois de cuidar na Fortaleza de Çofala, que como dissemos, estava provida pelo Vice-Rei em Nuno Vaz Pereira, elle quiz executar as ordens, que levava de fazer outra Fortaleza em Moçambique, para onde mandou encarregado desta commissaõ a Duarte de Mello, que havia ser o seu Governador.

Para dar mais calor á obra, pouco depois de Duarte de Mello partio para a mesma parte Vasco Gomes de Abreo, deixando Çofala a cargo de Ruy de Brito Patalim; levando comsigo outros dous Capitães nas suas náos. A sua viagem foi taõ infeliz, que todos tres se perdêraõ, sem que atégo-

ra

rá se soubesse o como, nem aonde. Era vulg.
Duarte de Mello foi continuando a obra, e antes della acabada, correndo já o anno de 1508, vários dos Capitães das Esquadras, que viérão dar a Moçambique, navegárão aos seus destinos, que erão para o Cabo de Guardafú Diogo de Mello, e Martim Coelho; para a India Jorge de Mello, Filippe de Castro, e Fernão de Sousa, que forão recebidos pelo Vice-Rei com alvoroço extremo para lhe reforçarem a Armada, com que determinava combater a que se esperava do Soldão do Egypto.

Como se soubesse que neste anno não chegárão á India náos do Reino, os Mouros tomárão corage, tiverão-nos por perdidos, e instárão com o Rei de Calecut não deixasse fugir a occásião de tomar vingança de tantas injúrias com hum só golpe. Os fabricantes de prognosticos affirmavão, que pelos seus calculos aquelle era o anno das glorias do Çamorim, e da ruina dos Portuguezes. Os Sacerdotes Bramanes em tom de Oraculos persuadião a guer-

ra

Era vulg. ra como decretada no consistorio da Divindade, já propicia ao Reino de Calecut. Huma tal collecçaõ de promessas felices fez no espirito do Rei o abalo, que ao mesmo tempo era movido pelos impulsos do desejo; e quanto soava na sua Monarquia esta guerra, victorias, Portuguezes degollados, a Asia libertada.

Tantos écoos chegáraõ aos ouvidos do Vice-Rei, que para mostrar aos inimigos a pouca necessidade, que tinha de soccorros, dividio os navios em duas frótas. A Manoel Peçanha encarregou a escolta das náos, que navegavaõ para o Cabo Comorim, cobrindo-as com duas galeotas, dous navios, e hum paráo. De onze náos grossas nomeou Commandante a seu filho D. Lourenço para correr os mares visinhos. Desta Esquadra se destacou com a sua náo Gonçalo Vasques de Goes para ir conduzir viveres de Cananor. Quando se recolhia bem despachado, encontrou hum navio de Mouros, que sahíra do mesmo porto, e lhe mostrou o passaporte, que levava firmado por

Lou-

Lourenço de Brito, Governador da nossa Fortaleza. Como os Mouros traziaõ este Seguro naõ quizêraõ defender-se; crendo, que Gonçalo Vasques observaria religiosamente os Artigos do ultimo Tratado, em que se convencionou tratar como de amigos, todas as embarcações, que navegassem os mares de Arabia, Persia, e India, com tanto que apresentassem passaporte do primeiro Chéfe, ou de qualquer dos Capitáes das Fortalezas de Portugal. Firmes nesta boa fé navegavaõ os Mouros.

Era vulg.

Gonçalo Vasques taõ pouco caso fez della, e do crédito da Naçaõ, que entaõ nascia na Asia; taõ pouca consideraçaõ lhe devêraõ as representações do Capitaõ afflicto, que consultando só o seu odio aos Mouros unido á cobiça das suas mercadorias: elle mandou cozer em huma das vélas da náo ao Capitaõ Mouro, a todos os seus marinheiros, e com deshumanidade barbara os fez lançar ao mar: acçaõ indigna de qualquer homem de honra, cruel, impia, contraria ao Direito das Gen-

Era vulg. Gentes, eſtranha ainda á razaõ menos illuminada: acçaõ temeraria, louca, cheia de furor, terrivel pela conjuntura, em que aos Portuguezes ſó convinha captar a benevolencia, naõ o eſcandalo, a cólera, a indignaçaõ dos Póvos do Oriente: acçaõ, que podia ſobverter os fundamentos do noſſo Imperio da Aſia, que eſtava no berço, e nós ſó podiamos fazer firme na probidade, na exacçaõ, na boa fé, no cumprimento inviolavel da palavra. Em fim, ella foi huma acçaõ, que ainda entre os noſſos amigos, principiava a fazer o nome Portuguez, aborrecido, e abominavel na India.

Acodio a reparar tanto damno á juſtiça, a prudencia, a boa economia do Vice-Rei. Elle ajuntou logo conſelho de guerra, em que propôz com diſcurſo vivo, que ſe fazia ſentir em ſi meſmo, a indignidade da acçaõ de Gonçalo Vaſques, e que della ſe neceſſitava dar huma deſapprovaçaõ taõ pública, que todo o mundo a tiveſſe, naõ por obra dos Portuguezes, mas por monſtruoſidade de hum avarento

des-

deshumano. Por consenso unanime foi Gonçalo Vasques degradado de todas as honras, e ao exemplo do Vice-Rei, que nunca mais fez caso delle, experimentou o mesmo em todas as gentes. Este procedimento fez por então suspender a murmuração dos Indios; mas fallecendo pouco depois o Rei de Cananor nosso Alliado, o seu successor, que era amigo do de Calecut, deo ouvidos ás suas suggestões, attendeo ás queixas dos Mouros aggravados, especialmente ás de hum chamado Mamale, parente do Capitaõ do navio aprezado por Gonçalo Vasques, igualmente rico, que respeitado em Cananor, e começáraõ os nossos negocios a mudar de figura naquella Corte.

Era vulg.

Mamale, naõ só escandalisado da mórte do parente, mas sentido da perda do navio, e da fazenda, que lhe pertenciaõ, apenas vio mudado o Governo soblevou huma quantide de queixosos, que carregáraõ a Lourenço de Brito das injúrias mais enormes. Elle quiz dar próvas constantes da sua sinceridade, firmando-a com juramento; mas

na-

Era vulg. nada mereceo crédito, nem attençaõ. Foi o tumulto á presença do Rei, que ou escandalisado do insulto do Vasques, ou conhecendo as difficuldades de apasiguar hum Povo mettido em movimento; elle entregou os Portuguezes á discriçaõ dos Mouros, para que se vingassem como bem lhes parecesse. Animados com esta permissaõ, Mamale Chéfe do partido, escreveo aos Mouros de Calecut, participando-lhe a resoluçaõ do Rei de Cananor, instando-os a unirem-se com elles para tomarem huma vingança taõ estrondosa, como tinha sido a injúria. Os Barbaros de tudo informáraõ ao Rei de Calecut, que sempre infesto aos Portuguezes, fez logo desfilar trópas para Cananor, aonde o Rei já tinha mandado fazer huma cava funda, que separasse a communicaçaõ da Cidade com a fortaleza, e o poço.

Lourenço de Brito, que via este movimento dirigido a matar de sede a guarniçaõ, que além dos mais aprestos de Cananor, sabía que estavaõ chegando 30ϕ000 homens de Calecut com

24 canhões para baterem a Fortaleza; Era vulg.
que naõ tardava o Inverno a fechar aquelles mares: sem perda de tempo pedio soccorro ao Vice-Rei; reforçou as sentinellas; mandou abrir hum caminho estreito para o poço, que cobrio de terra sobre grossas vigas, e o ficou dominando; recebeo por D. Lourenço de Almeida bom reforço de trópas, fornecimento de viveres, e esperou valeroso os repelões de 40$000 homens, que viéraõ a sitiallo. Apuráraõ o valor, e a arte os seus esméros neste prolongado sitio, em que nos defendemos de muitos, e violentos assaltos. Na tarde em que vencemos hum dos mais gloriosos; certo Cavalleiro Hespanhol do apellido de Guadalajára, que havia dado próvas elegantes da sua intrepidez; teve a lembrança de pedir ao Governador fiasse delle 150 homens para visitar no quarto da Alva os arraiaes dos inimigos.

O Governador lhos concedeo, e quizéraõ acompanhallo Gonçalo Vasques de Goes para expiar o seu crime com acções generosas, Ruy Pereira, Fer-

Agiá vulg. Fernaõ Peres de Andrade, e seu irmaõ Simaõ de Andrade, Vicente, e Diogo Pereira, Ruy de Sampayo, Francisco Pantoja, Francisco de Miranda, Pedro Teixeira, Jorge Fogaça, e outros Fidalgos de conhecido valor. Elles se conduzíraõ de modo neste avance, que depois de passarem á espada mais de 300, de ferirem hum grande número, de porem o resto em fugida, se recolhêraõ á Fortaleza com sete canhões, outra artelharía miuda, e hum grande despojo. Esta vantagem, e a felicidade, com que os tiros de huma peça de grande calibre leváraõ pelos ares os saccos de lã, com que os inimigos cobriaõ as suas trincheiras, já nos davaõ esperanças de vencer, a elles a certeza de ser vencidos, como quem tinha por impossivel resistir a peito descoberto á continuaçaõ do nosso fogo. Succedeo porém, que hum descuido o fizesse pegar na Feitoria, aonde se guardavaõ os mantimentos, e ficáraõ mui poucos em hum armazem de reserva.

Naõ tardou a fome em ser extrema, nem o Rei de Cananor em saber

del-

della pelos escravos, que fugiaõ da Fortaleza. Accodio o Ceo a esta necessidade, fazendo arrojar o mar tanta quantidade de lagostas á praia, que os sitiados se mantivéraõ com ellas muitos dias. Como o Inverno hia acabando, e naõ tardariaõ os soccorros; como a fome naõ nos consumíra, e os espiritos se conservavaõ inteiros: determinárаõ os inimigos postar em torno da Fortaleza os 50000 homens, de que já constava o seu Exercito, aprestar huma quantidade de navios com alguns dos Castellos, de que o Çamorim se servira contra Duarte Pacheco na guerra de Cochim, e por mar, e terra dar hum assalto geral á Fortaleza. Lourenço de Brito foi logo avisado da tempestade, que o ameaçava pelo mesmo Principe de Cananor, e advertido a applicar a defensa mais vigorosa para a parte do mar, aonde os seus inimigos tinhaõ mais firmes as esperanças.

Era vulg

Amanheceo o dia destinado para o assalto, e apparecêraõ os Portuguezes coroando a muralha vestidos de galla, impacientes, e alegres, como quem es-

Era vulg. esperava o fim da guerra. Com a primeira luz se moverão o Exercito, e a Armada, sobre ella os Castellos, que havião ficar a cavalleiro dos nossos baluartes para estarmos descobertos ao seu fogo. Elle se atiçou de ambas as partes horrorosо, e ardeo voraz desde a sahida até á postura do Sol. As gentilezas, que obrámos em todo hum dia de combate, tem mais de verdadeiras, que de criveis: elle foi hum dos mais disputados, que nós tivemos na India. O Exercito, e a Armada tudo pozémos em derrota com perda de muitas vidas, sem que da nossa parte faltasse hum só homem: successo para milagre opportuno, para accidente raro. Ambos os córpos destroçados se refugiárão na Cidade; mas na manhã seguinte, mandando o Governador levar a hum sitio, que a dominava, a artelharia mais grossa da Fortaleza, fez chover sobre ella hum diluvio de ballas. As casas mais vistosas em breve tempo forão montes de ruinas: os cadaveres nas ruas erão tropeço dos vivos: muitos Mouros ficárão sepultados debaixo das paredes de

de hum Templo, aonde se haviaõ ajuntado para aplacar a indignaçaõ do seu Mafoma com expiações barbaras, e ridiculas; o Povo, os peregrinos, cobertos de pavor, e medo, foraõ clamar ao Rei, que sem demora fizesse a paz com os Portuguezes; que o seu escandalo Gonçalo Vasques de Goes pagára no sitio o seu crime com a vida; e que se este seu rogo naõ fosse attendido, elles abandonavaõ a Cidade á discriçaõ dos vencedores.

Nesta figura estavaõ os negocios no dia 27 de Agosto, quando Tristaõ da Cunha com a Armada, que commandava, ferrou o porto de Cananor. Os Portuguezes, com forças para maiores empenhos, recobráraõ dobrados alentos: os inimigos os perdêraõ de todo, e com Deputações humildes expozeraõ a Lourenço de Brito o seu arrependimento, e lhe pedíraõ a paz. Elle a concedeo com approvaçaõ de Tristaõ da Cunha; mas com as condições, que lhes quizesse prescrever o Vice-Rei, que com effeito as approvou, deixando abattido com esta grande victo-

Era vulg. ctoria o orgulho de Calecut, e Cananor.

Em quanto na India succediaõ estas cousas, em Africa acabáraõ as revoltas da Cidade de Çafim, que dividio o seu governo entre Haliadux, e Abentafut. Este deixei eu em Lisboa negociando com El-Rei D. Manoel, que o mandou a Africa favorecido, inclinado aos nossos interesses, e resoluto a metter Çafim na nossa obediencia. Do tempo que elle se deteve em Portugal se approveitou Haliadux para ficar Governador despotico da Praça, sem lembrança dos beneficios, que devia aos Portuguezes, com o novo mando seu declarado inimigo. A Diogo da Azambuja se fez intoleravel esta ingratidaõ; e recorrendo ás armas, muitas vezes batido, e derrotado Haliadux, elle foi obrigado a pagar-nos tributo, e a reconhecer a El-Rei D. Manoel por seu Soberano. Assim foraõ dissipadas em Çafim as facções dos dous Governadores; mas entaõ principiáraõ as de Diogo da Azambuja, e de Garcia de Mello, que com as Galéz, que cruzavaõ no Estreito

to foi mandado auxiliar a empreza de Em vulgi
Çafim.

Como esta Praça ficou em nosso poder pela retirada de Haliadux, que se foi amparar do favor do Rei de Fez; os nossos dous Chéfes se dividírao nos sentimentos á respeito do modo de a defender, e da pessoa para a governar; e como as opiniões erao differentes, teve cada huma o seu partido. Já os Mouros se queriao aproveitar das vantagens da desuniao; mas os Portuguezes attentos aos interesses do público, sem se embaraçarem com a retirada de Garcia de Mello, que antes quiz recolher-se a Lisboa, que ceder da teima; elles se unírao, reconhecêrao por Governador de Çafim a Joao do Rego de Portalegre, que o Azambuja noméara, e nao se empregárao em mais objectos, que nos do bem commum.

Nestes, e outros successos de menos entidade se passou o anno de 1507, que no fim affligio o Reino com o flagello da peste, e obrigou a Corte a refugiar-se na Villa de Abrantes, aonde nasceo o Infante D. Fernando. Princi-

Era vulg. pe dotado de qualidades ſublimes, objecto de grandes eſperanças, que por huma mórte immatura foraõ cortadas em flôr. Naõ obſtante a calamidade, que o Reino padecia, D. Manoel naõ podia ſupprimir os deſejos de continuar a guerra contra os Reis de Marrocos, e de Féz. Eſte deſignio o obrigou a mandar com quatro náos a D. Joaõ de Menezes ſondar as barras de Azamor, Mamora, Zalé, e Larache. D. Joaõ executou as ordens com a maior actividade, e as informações que elle trouxe déraõ cauſa á expediçaõ, de que falaremos em ſeu lugar.

CAPITULO VI.

Da Armada, que partio para a India no anno de 1508, e do que nella ſuccedeo no meſmo anno.

1508 NAõ havendo negocio, que divertiſſe do eſpirito do Rei D. Manoel os cuidados da India, reſolveo mandar a ella eſte anno huma Armada de dezaſſeis.

náos.

náos. Informado da importancia de Malaca, Emporio célebre do Oriente, determinou que fosse a ella com quatro daquellas náos Diogo Lopes de Siqueira acompanhado dos Capitães Jeronymo Teixeira, Gonçalo de Sousa, e Joaõ Nunes com ordem de examinarem na viagem a Ilha de S. Lourenço, que as ultimas noticias faziaõ recommendavel. Sahio esta Esquadra de Lisboa a cinco de Abril, e nós a deixaremos continuando a sua viagem para seguirmos a do resto da Armada, que hia ás ordens de Jorge de Aguiar, e que com cinco náos havia ir cruzar no Cabo de Guardafu para dar caça aos navios da Arabia, que navegassem para a India. Elle levava por Capitães a seu sobrinho Duarte de Lemos, Senhor da Trofa, a Vasco da Silveira, a Diogo Correa, e a seu irmaõ Pedro Correa.

Era vulgi

Commandavaõ as outras náos Francisco Pereira Pestana, que hia provido na Capitania de Quiloa, Vasco Carvalho, Alvaro Barreto, Joaõ Rodrigues Pereira, Joaõ Colaço, Gonçalo Mendes de Brito, e Tristaõ da Silva,

 que

Era vulg. que com duas galéz da India havia de ajuntar-se com Jorge de Aguiar no Cabo de Guardafu. As tormentas, que sobreviérão na viagem, desgarrárão esta conserva: Francisco Pereira Pestana arribou a Lisboa, donde tornou a sahir em Maio: Jorge de Aguiar ferrou a Ilha da Madeira; mas montado o Cabo de Boa-Esperança, outra tormenta o metteo no fundo, salvando-se a náo de Alvaro Barreto, que levava o mesmo rumo. Elle se encontrou em Moçambique com Duarte de Lemos, e mais Capitães destinados para o Cabo de Guardafu, aos quaes deo noticia do naufragio de Jorge de Aguiar. As outras náos todas chegárão á India no mez de Outubro; e Duarte de Lemos, que ficava Commandante da Esquadra, depois de determinar em Conselho de Guerra o ataque da Cidade de Magadaxo, navegou para Çacotorá. Os ventos contrarios o forçárão a tomar porto em Ormuz, aonde o deixaremos até ser tempo de fazer narração dos seus successos.

Já nós dissemos, que no anno de 1506 sahio de Lisboa Tristão da Cunha com

com onze nàos, que invernáraõ em differentes Pórtos, e nenhuma chegou á India naquelle anno. Depois mandou El-Rei mais cinco ás ordens do Grande Affonso de Albuquerque para cruzar no Cabo de Guardafu, succeder no cargo ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e na falta de ambos o mesmo Tristaõ da Cunha. Levava Affonso de Albuquerque por Capitães a Francisco de Tavora, a Manoel Teles Barreto, a Antonio do Campo, a Affonso Lopes da Costa, e ordem para em Moçambique unir a esta Frota a náo de Pedro Coresma. Varias tempestades desgarráraõ a conserva destas duas Armadas. Os Chéfes, e outros Capitães passáraõ o Inverno em Moçambique: Affonso Lopes da Costa ferrou Çofala: Leonel Coutinho entrou em Quiloa: Alvaro Teles, vencendo perigos immensos, foi parar ao Cabo de Guardafu, aonde fez algumas prezas, e voltou a Çocotorá para esperar a Tristaõ da Cunha: Rodrigo Pereira Coutinho penetrou o mais interior da Ilha de S. Lourenço por huma agradavel

Era vulg.

Ba-

Era vulg. Bahia, que fez chamar Formosa, assim como a toda a Ilha de S. Lourenço pela avistar no dia deste Santo.

As noticias que Rodrigo Pereira deo em Moçambique ao Cunha, e Albuquerque das qualidades da Ilha, os estimulou a irem examinalla, por naõ ser ainda tempo de navegarem para Çocotorá. Elles o fizeraõ com algumas das náos, buscando-a pela parte de dentro, mas os moradores de dous lugares lhes impediraõ saltar em terra; empenho, que aos mais custou a vida, aos lugares o seu estrago. Dalli foraõ costeando a terra, até chegarem a hum Cabo, que Tristaõ da Cunha naõ quiz montar temeroso de alguma tormenta, e veleiou na volta de Moçambique. Quando se fez esta retirada já a náo de Joaõ Gomes de Abreo havia passado o Cabo, que chamaõ do Natal, e foi logo assaltada por hum tempo rijo. Com elle correo pela parte de fóra da Ilha, e chegou a hum rio caudaloso na Provincia Matatana, aonde entrou, e o recebêraõ bem. Esta hospitalidade lhe facilitou saltar em terra com alguns

ca-

camaradas; mas foi tal a sua infelicidade, que nella morrêraõ alguns de afflicçaõ, quando hum grosso temporal levou a náo, sem o batel à poder abordar, entre elles o mesmo Joaõ Gomes de Abreo, que em tanto desamparo naõ pode dar-lhe consolaçaõ o agrado do Rei de Matatana. Era vulg.

Foi este o segundo descobrimento da Ilha de S. Lourenço, que agora fez Tristaõ da Cunha pela parte de dentro, e antes o havia feito Fernaõ Soares pela de fóra. Ella he huma das maiores Ilhas do Universo, que se estende por mais de 300 legoas de comprido, e passa de 120 de largo. Os antigos lhe chamáraõ Madagascar. Está dividida em vários Reinos. Os moradores saõ Mouros, e Idolatras, baços, encarapinhados, e andaõ nús. He grande a sua fertilidade em generos de carnes, caça, fructos de arvoredos, e plantas; mas este segundo descobrimento, naõ só custou a Tristaõ da Cunha a perda de Joaõ Gomes de Abreo, e de nove companheiros, que lá morrêraõ consternados, ainda que treze viéraõ depois

a

Era vulg. a Moçambique; mas a da náo de Rodrigo Pereira, que na volta da viagem se foi a pique com mórte da maior parte da gente.

Sendo tempo opportuno de navegar, Tristaõ da Cunha partio de Moçambique; foi a Melinde; entregou ao Rei amigo as cartas, e presentes, que levava: recommendou-lhe tres Emissarios, que D. Manoel mandava ao chamado Preste Joaõ da Ethiopia, e partio para a Cidade de Hoja, vinte legoas adiante de Melinde, e inimiga do seu Rei. Nella naõ deixou Tristaõ da Cunha mais, que dos edificios as cinzas, dos homens os cadaveres. Quinze legoas avante fez nossa tributaria a Cidade de Lamo: á de Brava offereceo paz, que ella differia com enganos; mas custáraõ-lhe a sua ruina. Tristaõ da Cunha, e Affonso de Albuquerque a assaltáraõ com a melhor gente. A resistencia dos Barbaros foi bisarra; mas mórtos alèm de 1500, os mais fugíraõ, a Cidade ficou em nosso poder com muitos captivos, entre elles mais de 800. mulheres, ás quaes a impie-

piedade cortava as mãos vivas para lhes tirarem dos braços as manilhas de ouro. O despojo foi taõ rico, e taõ copioso, que naõ coube nas náos, cançou, ou fez insensivel a cobiça. Démos fogo á Cidade, e foi como Hoja segundo espectaculo.

Tristaõ da Cunha estimou tanto esta victoria, que logo depois della quiz que Affonso de Albuquerque o armasse Cavalleiro, a seu filho Nuno da Cunha, e a Ruy Dias Pereira com outros Fidalgos, que se distinguíraõ no combate. Feita esta ceremonia, navegou para a soberba Praça de Magadaxo, aonde mandou a Leonel Coutinho offerecer paz. Os Mouros ferozes despedaçáraõ o Emissario, que o Coutinho lhes enviou, ameaçando-o que lhe fariaõ o mesmo se saltasse em terra. Naõ quizéra o Cunha demorar o castigo de tamanha affronta; mas instado pelos outros Chéfes, que ponderáraõ as difficuldades da empreza, a visinhança do Inverno, e outros inconvenientes, elle teve de se fazer desentendido, soltar o panno, navegar para Çocotorá, aonde

Era vulg. de aportou felizmente. Esta Ilha he a Dioscorides dos antigos, montuosa, abundante de fructos, os homens brancos, e que fazem confissaõ do Christianismo. Elles tem Igrejas como as nossas, e nellas Cruzes, mas naõ Imagens. Jejuaõ a Quaresma, e o Advento sem usarem de peixe. Casaõ com huma só mulher, guardaõ os mesmos dias de Festa, que a Igreja manda; invocaõ o patrocinio dos Santos, e pagaõ dizimos aos Sacerdotes. O Apostolo S. Thomé converteo aos seus ascendentes; mas nós os achamos com muitas corruptelas na verdadeira crença.

Estes homens viviaõ na ociosidade, eraõ covardes, naõ estimavaõ a liberdade, e o Mouro Rei de Caxem, que dominava nesta parte da Arabia Felix, facilmente os privou della; deitando-lhes hum freio na Fortaleza, que edificou naõ longe da Praia, muito defensavel, e bem presidiada. Tristaõ da Cunha se determina o rompello para libertar os opprimidos Christãos, e faz saber ao Principe Abrahem, filho do Rei, que elle professa os mesmos Dogmas da-

quel-

aquelles seus vassallos: que he o primeiro dos seus deveres amparallos a todo o custo; mas que desejoso de o conseguir por meio da paz, lhe pedia, que sem effusaõ de sangue lhe entregasse a Fortaleza da Ilha de Çocotorá, que elle naõ podia deixar de ter por hum escandalo da sua Religiaõ Santa. O Principe, que a commandava, respondeo, que naõ tinha dúvida na entrega, se seu Pai o mandasse; que ás insinuaçõẽs do Rei de Portugal, ou de outro qualquer Principe, obedeceria com a lança enristada.

Era vulg.

Tristaõ da Cunha para abater a fereza do Principe, resolve a guerra, e vai em pessoa sondar a paragem, que lhe pareceo mais cómmoda para atacar a Fortaleza. Abrahem, que o prevenio, mandou na mesma noite postar hum corpo de guarda naquelle sitio para impedir o desembarque. Naõ se embaraçou o Çunha, quando vio rotas assim as suas medidas. Elle dividio as suas trópas em dous córpos; hum para a vã-guarda, que elle cobria com Leoniel Coutinho, Ruy Dias Pereira, Joaõ

da

a vulg. da Nova, Job Queimado, e outros Capitães: o segundo levava na tésta ao Grande Albuquerque; e nesta ordem navegáraõ nos batéis em demanda da Praça por parte differente da que o Cunha quiz sondar. Todos estes movimentos Abrahem observava dos muros; e como era valoroso, sahio na frente de grosso destacamento a impedir, que os Portuguezes forçassem a sua gente nos mesmos entrincheiramentos.

Affonso de Albuquerque se avançou a ella com hum impeto como seu. O Principe receoso, de que elle o rodeasse, voltou cáras contra os nossos, que lhe ficavaõ mais visinhos. Esta precauçaõ naõ o livrou do risco, em que elle se metteo; porque D. Affonso de Noronha, apartando-se do corpo mandado pelo Albuquerque, lhe tomou o flanco, atacou-o com tanto vigor, que elle foi forçado a retroceder; mas com tal ordem, que fez recolher a sua gente na Fortaleza, e impedir aos Portuguezes, que hiaõ sobre ella, entrarem ao mesmo tempo. D. Affonso de Noronha se enfureceo á vista deste movimen-

mento; lançou-se sobre o Principe como raio, e encontrou hum homem, que a pé firme reteve o impulso da sua corage. Alguns dos seus soldados naõ foraõ taõ constantes, e abandonáraõ o conflicto. Elle com oito sustentáraõ todo o seu pezo, que os opprimio, e todos ficáraõ esmagados dopois de venderem cáras as vidas.

Era vulg

Em quanto o bravo Principe de Caxem acabava com tanta glória, Tristaõ da Cunha dissipava as reliquias dispersas no campo. Poucos podéraõ recolher-se á Fortaleza, que foi logo assaltada por Affonso de Albuquerque. Os inimigos se defendêraõ em desesperados com tiros de flexas, e pedras, huma das quaes ferio ao Albuquerque, e o deixou algum tempo sem falla. Á vista deste furor, o Cunha mandou vir da Armada hum canhaõ, que assestou contra a porta, e a fez em pedaços. Entráraõ os nossos; mas trinta homens, que já naõ havia outros vivos, obstinados na defensa naõ quizéraõ render-se, e se fizéraõ fórtes em huma torre. Forçada esta, passáraõ para outra mais segu-

Era vulg. gura occupados de huma determinaçaõ heróica. Os noſſos Chéfes ſe laſtimáraõ, de que homens taõ bravos, dignos de toda a honra, aſſim deſprezaſſem as vidas, e lhas mandáraõ offerecer. Elles naõ as quizeraõ acceitar, e todos foraõ mórtos. Cuſtou-nos eſta acçaõ oito homens, e muitos feridos; a glória della naõ teve preço. Affonſo de Albuquerque ſalvou da mortandade geral a hum Piloto chamado Omar, que depois o ſervio fiel, e bem experimentado nas cóſtas da Arabia.

Rendida a Fortaleza, Triſtaõ da Cunha mandou aſſegurar aos moradores da Ilha, que os ſeus intentos naõ eraõ outros, ſenaõ conſervallos em paz debaixo da protecçaõ del-Rei D. Manoel: que reconheceſſem a felicidade, com que as ſuas armas haviaõ reſgatado tantos Chriſtãos do poder tyrannico de hum Rei Barbaro, e por iſſo deſſem graças ao verdadeiro Deos. Corrêraõ aquelles Póvos alvoroçados aos Templos, aonde fizemos celebrar os Myſterios ſagrados, e inſtruillos nas Máximas principaes do Chriſtianiſmo,

que

que a ignorancia tinha corrompido. Era vulg.
Depois de ganhada por este modo a benevolencia dos de Çocotorá, de reformada, melhor fortalecida, bem presidiada a Fortaleza, de que El-Rei nomeára Governador a D. Affonso de Noronha; Tristaõ da Cunha navegou para Cananor, aonde chegou, como fica dito, a tempo, que Lourenço de Brito acabava de vencer ao seu Rei, ao de Calecut, e celebrou a paz com approvaçaõ do mesmo Cunha, que levou o Tratado a Cochim para ser confirmado pelo Vice-Rei

Do porto de Cochim havia Tristaõ da Cunha voltar para o Reino, e conduzir cinco náos de carga, que se pozéraõ promptas para a viagem. Ao mesmo tempo succedeo informarem ao Vice-Rei, como no lugar de Panane estavaõ carregadas de especiarias náos de Meca, de Calecut, e de Mouros: que o Rei Naubeadarim as tinha bem guardadas por muitos paráos de guerra ás ordens de Cutiale, hum Mouro estimado por valente; e determina ir em pessoa a pôr-lhes fogo, e arrazar a po-

voa-

Era vulg. voação. Triftaõ da Cunha fe offereceo para o acompanhar nefta empreza, que fe executou com doze náos, em que embarcáraõ 700 Portuguezes, e alguns Naires de Cochim. Como a entrada do rio fe fazia difficultofa aos navios maiores, e o Vice-Rei foube que os inimigos eftavaõ muito a cima defendidos por Cutiale com quatro mil homens entrincheirados, e quantidade de artelharia, foi precifo dar outra fórma ao ataque. Ordenou o Vice-Rei, que Pedro Barreto de Magalhães fizeffe a vanguarda no feu batel com 30 homens: que com igual número o feguiffe em outro Diogo Pires: que em mais dous embarcaffem D. Lourenço de Almeida, e Nuno da Cunha, aos quaes fariaõ a reta-guarda em duas galéz feus Pais o Vice-Rei, e Triftaõ da Cunha.

Quando Pedro Barreto, e Diogo Pires por baixo do fogo da artelharia quizeraõ faltar em terra, foraõ acommettidos por quantidade de Mouros com as cabeças, e barbas rapadas em fignal do voto feito nas fuas Mefquitas de peleijar até morrer, fem mudarem

nem pé do seu posto, nem se deixarem captivar: devoçaõ religiosa entre elles, que lhes inspira huma corage brutal, e faz os combates taõ crueis, como foi este, quando nelles se empenhaõ estas sórtes de Fanaticos superstiziosos. Na força desta refrega chegáraõ D. Lourenço, e Nuno da Cunha, que abríraõ o passo para o desembarque, e elles pozeraõ pé em terra. Os Portuguezes naõ podéraõ valer-se, senaõ das lanças, e espadas; mas o seu esforço fazia dobrar o vigor dos Barbaros, que todos ficáraõ no campo, tanto que nos podemos servir dos mosquetes.

Era vulg.

A tempo que os Barbaros perdiaõ a corage com a mórte dos Mouros rapados, chegavaõ á margem do rio as galéz do Vice-Rei, e de Tristaõ da Cunha. Este por enfermo ficou a bórdo; o Vice-Rei saltou em terra com a bandeira Real, e foi levando os inimigos até Panane. D. Lourenço, e Nuno da Cunha se faziaõ invejar de amigos, e contrarios. O primeiro pegando em huma alabarda, que jogava com

Era vulg. destreza, matou seis. Os Portuguezes seguindo o alcance, entrárao na Villa, a que se mandou pôr fogo, para que a cobiça naõ malograsse o successo, e a gente partisse a demolir na bocca do rio dous Fórtes, que podiaõ servir de refugio aos vencidos. Ao mesmo tempo Nuno da Cunha, e Pedro Barreto, sem attençaõ âs riquezas de que estavaõ carregadas, déraõ fogo a dezoito náos, consumindo o valor o Exercito de terra, o incendio indistincto a Armada naval, e a Villa. Como se prohibio perseguir os fugitivos, perdêraõ os Barbaros só 300 homens no campo da batalha: dos nossos morrêraõ 12; houveraõ muitos feridos, entrando no seu número o Vice-Rei, que em quanto o fogo ardia na Villa, e nas náos, elle na praia armava Cavalleiros aos que bem se conduzíraõ no combate, e teve por digno desta honra ao Italiano Luis Waurtman, de quem eu já fiz mençaõ, e veio com Tristaõ da Cunha para Portugal.

Elle partio de Cananor com as náos da carga, deixando na mesma Cidade

ao Vice-Rei occupado nas idéas de naõ dar tempo de respiraçaõ aos nossos inimigos. Com este intento mandou a seu filho D. Lourenço, que com oito náos escoltasse as de Cochim até Chaul, e por todos os pórtos fosse queimando as de Mouros, que encontrasse. Hum mez se deteve D. Lourenço em Chaul, aonde soube, que Campson, Soldaõ do Egypto, mandava huma Armada formidavel aos Reis de Calecut, e Cambaya para lançarem aos Portuguezes da India. O mesmo aviso lhe fez seu Pai por Diogo Gaõ, que levava ordem de ajuntar a sua náo á Armada de D. Lourenço. A do Soldaõ trazia muitos Mamelucos, que na India chamaõ Rumes, ou Romanos, e saõ os filhos dos Christãos arrancados pelos Barbaros do poder de seus Pais na mininice, e educados na Seita Mahometana, bem instruidos na guerra, elles os estimaõ pelos primeiros dos seus soldados. D. Lourenço, antes que as Armadas dos Alliados se unissem, com ordem de seu Pai determinou ir atacar os Rumes aos mares de Dio; mas el-

Era vulg.

Era vulg. elles lhe poupáraõ a viagem, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

Dá-se noticia da Armada do Soldaõ do Egypto, que unida á de Cambaya atacou a de D. Lourenço em Chaul, successo da batalha com outros acontecimentos.

O GRANDE projecto, que concebeo o Soldaõ do Egypto de lançar os Portuguezes da India, o fez vencer as muitas difficuldades de ajuntar materiaes para construir huma Armada no Estreito do mar Roxo, que com longa navegaçaõ pelos mares da Arabia, e Persia, viesse aos de Cambaya. Com este designio mandou elle huma Fróta de vinte e cinco náos pelo Mediterraneo a conduzir da Cilicia madeiras para Damiata, Cidade do Egypto, donde haviaõ ser transportadas ao lugar dos estaleiros. O Portuguez André do Amaral, Cavalleiro de Rhodes, teve a feli-

ci-

cidade de encontrar aquella Armada, que se recolhia com a sua carga. Elle a atacou com déz navios da Religiaõ, de que era Commandante; metteo seis a pique; tomou cinco, e pôz em fugida o resto, que chegou a Damiata. Das madeiras, que estes navios levárao, o Soldaõ fez construir onze, guarnecidos de bravos Mamelucos mandados por Mirhocem, soldado de valor, e experiencia, que com esta Armada chegou ao porto de Dio pertencente ao Rei de Cambaya.

Era vulg.

Aqui o esperava Meliqueáz, valente Polaco renegado, que do abatimento da escravidaõ, sobíra á dignidade de hum dos Chéfes das armas daquelle Rei, e governava Dio. Elle reforçou a Armada do Soldaõ com 34 náos bem esquipadas; enviou galéz, e Paráos por aquellas cóstas, e ordenou que cinco navios grossos surcassem os mares. D. Lourenço naõ perdia instantes para se preparar, e ir investir esta Armada, antes que se lhe incorporassem maiores forças. As mesmas foraõ as idéas de Mirhocem, que appareceo na barra de

Chaul,

Era vulg.

Chaul, antes que D. Lourenço se levasse. Elle descobrio as vélas; mas entendeo ser Affonso de Albuquerque, que a cada instante esperava do Golfo Persico; naõ preparou armas, naõ levantou ferro, ficou sem se mover. Mirhocem, naõ sabendo a que attribuir a nossa inacçaõ, aproveitou a maré, e vento, que lhe eraõ favoraveis; carregou com grande impeto as nossas náos, e neste primeiro repelaõ nos mataraõ Rodrigo Pereira, e feriraõ alguma gente. Com igual damno, e esforço lhe respondéraõ os nossos; mas os inimigos a favor deste fogo lançáraõ ferro na entrada do porto de Chaul.

Meliqueáz esperou todo este dia fóra delle a uniaõ da suas nàos, e no seguinte veio incorporar-se com Mirhocem. D. Lourenço com os inimigos á vista mandou levantar as ancoras, e naõ obstante ter em quasi todas as nàos muitos feridos, como nesta occasiaõ lhe era preciso imprimir nelles o terror por alguma acçaõ naõ vulgar; elle escolheo na Armada dos Barbaros a

nào

náo de Mirhocem para alvo da sua coragem. Naõ obstante a sua superioridade, Mirhocem para evitar o combate, e esperar os movimentos de Meliqueáz, mette as galéz entre a sua náo, e a de D. Lourenço, que parou no mesmo lugar, em que se postára. Nesta inacçaõ se passou o dia; mas no seguinte o gentil Fidalgo naõ desistio do empenho de balroar o galeaõ de Mirhocem: empenho, que tudo concorría para o desvanecer; a desigualdade das forças, o fluxo contrario da maré, tántas galéz, que havia vencer para se chegar a Mirhocem. D. Lourenço, que só consultava o seu valor, por tudo rompe, e em quanto Payo de Sousa, Ambrosio Peçanha, Fernaõ Pereira de Andrade, tomaõ cinco galéz inimigas, e fazem retirar outras; elle, e Pedro Barreto rompem a linha, e ainda que naõ podéraõ abordar a Mirhocem, se pozéraõ delle taõ perto, que entráraõ a jogar as armas de arremeço, e entre outros, receбeo D. Lourenço duas feridas.

Em vulg.

Todos os Officiaes instáraõ ao seu

Ché-

Era vulg. Chéfe se retiraſſe para diſtancia, em que podeſſe ſervir-ſe da artelharia. Elle ſe deo por offendido deſta propoſiçaõ; proteſtando, que havia vingar-ſe, ou morrer. Com tudo Payo de Souſa, e Diogo Pereira nas ſuas galéz déraõ hum reboque á náo, que entrou a laborar com a artelharia a tempo, que Meliqueáz ſe unia com Mirhocem. A noite ſeparou o combate, de que D. Lourenço podia eſcapar ſem affronta ſe ſe obſtinaſſe menos, ou quizeſſe differir aos aviſos prudentes dos ſeus Officiaes. Como ſe naõ contentou com as cinco galéz priſioneiras, que os Capitães trouxéraõ ao ſeu bordo, e obſerváraõ as diſpozições para na manhã continuar o ataque; elles aſſentátaõ, que naõ tinha meio verem perecer a D. Lourenço, ou perecerem com elle, e neſte ſegundo partido ſe conformáraõ todos.

Porém o zelo do ſerviço do Principe, e D. Lourenço por naõ parecer teimoſo, conveio em que na ſua náo ſe ajuntaſſe conſelho de Gueira, e que a ſua deliberaçaõ ſe obſervaſſe. Reſolvêraõ unanimes os votos, que depois

da

da uniaõ de Meliqueaz com Mirhocem, Era vulg
nenhuma apparencia havia das nossas armas conseguirem a menor vantagem: que o Chéfe, e muitos soldados estavaõ feridos, outros mórtos nos combates precedentes: que nas forças havia huma desigualdade notavel, a fadiga nos nossos era grande, alguns dos navios estavaõ rotos, e em peior estado o de D. Lourenço: que a favor da noite se devia emprehender huma retirada honrosa, por naõ expôr a huma ruina certa, e que sem demora soltas as vélas, as náos se fizessem ao mar. No meio da noite se deo principio a esta manobra determinada no Conselho; mas ella naõ pode ser executada com tanto silencio, que os inimigos naõ a sentissem. Elles se levaõ; carregaõ sobre nós, e a náo de D. Lourenço, que cobria a reta-guarda, soportou largo tempo o fogo de Armada taõ numerosa.

Como ella por ambos os costados fazia muita agua; ao mesmo tempo, que o pezo a hia mettendo no fundo, o fluxo da maré a levou a hum baixo,

que

'ra vulg. que os pescadores tinhaõ entrincheira-do, e nelle ficou immovel. Payo de Sousa na sua galé a quiz rebocar com esforços taõ vivos, como inuteis. Os mais Capitães, que por causa do refluxo das aguas naõ podiaõ chegar-lhe, entráraõ a sentir o perigo de D. Lourenço, por lhes naõ ser possivel repartillo entre todos. Já elles estavaõ fóra da barra, donde lançáraõ ferro para esperar occasiaõ de soccorrer o seu Chéfe, quando a galé de Paio de Sousa, investida por Meliqueaz, roto o cabo, que dava á náo, a corrente a arrebatou sem poder virar de bordo, sahio da barra, e ficou D. Lourenço o alvo de tantos conjurados inimigos, sem soccorro, nem esperança. Em semelhante extremidade, os seus soldados naõ perdoáraõ a diligencia para que elle se salvasse no batel da nao a favor da noite, e da corrente; mas o Fidalgo sublime disse: Que elle sabia muito bem estava chegado á situaçaõ, em que ou havia fugir, ou render-se sem combater, ou peleijar até morrer: Que elle abraçava este ultimo partido, e era a re-

so-

folução, de que ninguem o poderia divertir: Que della talvez refultaffe ganhar tempo para encher a maré, e que então foccorrido pela Armada, não fó fe falvariaõ todos: mas poderia fucceder, que confeguiffem huma victoria tanto mais gloriosa, quanto menos efperada.

Já na náo haviaõ 70 homens feridos, e fó 30 em eftado de peleijar. D. Lourenço os repartio em tres córpos: hum, que encarregou a Manoel Peçanha para defender o convez: outro, que fiou do Feitor Francifco de Novaes para fe fuftentar no caftello de proa; e o terceiro refervou para fi na tolda de poppa. Huma taõ grande refoluçaõ fufpendeo aos inimigos; que pararaõ atonitos, fem fe attreverem a abordar-nos; e para naõ fe empenharem em hum choque de defefperaçaõ, de longe fizéraõ fogo inceffante fobre a náo por todos os lados. O noffo lhe correfpondia com igual vigor; fazendo D. Lourenço o officio de grande Capitaõ com tanto acordo, que deixou invéja immortal a todas as idades. Huma

ra vulg. ma balla lhe levou a coxa de huma perna; mas assentando-se junto ao masto maior, dava as ordens com tal desafogo, como se nelle naõ houvera mais que espirito. Os Capitães das nossas náos, occupados de huma impaciencia heróica por soccorrer, ou acabar com o seu General, trabalhavaõ contra maré, e vento com esforços inuteis, superior o destino fatal de D. Lourenço á actividade da sua diligencia.

Em fim, huma flexa perdida atravessou pelos peitos a D. Lourenço, e cahio morto. Entaõ saltáraõ os inimigos na náo, e os que encontráraõ espiritos sem alentos com as forças lassas, os passáraõ á espada. Os outros, que se conservavaõ inteiros, para venderem cáras as vidas fizéraõ tal resistencia, que os Barbaros os contemplavaõ atonitos. Meliqueaz, que estimava a virtude nos seus mesmos contrarios, mandou suspender a carnagem, e concedeo a vida a vinte Portuguezes. Oitenta morrêraõ na náo de D. Lourenço, setenta nas outras da Armada, e foi esta na India a primeira

que-

quebra, naõ do nosso valor, mas da nossa fortuna. Os Capitães Pedro Barreto, Duarte de Mello, Francisco de Anhaia, Diogo Pires, Antonio Lobo Teixeira, Pedro Caõ, e todos os mais vendo o destroço, a náo rendida ir-se a pique, se fizéraõ na volta de Cananor, donde mandáraõ por Pedro de Anhaia dar parte ao Vice-Rei, que estava em Cochim, da mórte de seu filho. Ella foi geralmente sentida como de hum Heróe, que na flôr dos annos soube unir a corage com a virtude: que brilhava nelle huma humanidade singular, que era o attractivo das gentes: que na integridade dos costumes se fazia respeitar por imagem viva de seu Pai; e que morto com tanta glória, quando principiava a viver, elle naõ podia ter mais larga vida.

Era vulg.

Naõ prometteo a fortuna estar sempre alistada ao soldo dos Soberanos. Ella desertou nesta occasiaõ da India, e se mostrou pouco fiel em Africa. No anno antecedente havia El-Rei D. Manoel mandado a D. Joaõ de Menezes sondar os seus pórtos maritimos, que

nós

Era vulg. nós dissemos, com o designio de os invadir, e agora novas occurrencias lhe mettêraõ a occasiaõ em casa. Muley Zeilaõ, Rei que fora de Mequinez, primo, e cunhado de Mahomet, Rei de Féz, perdeo a sua Monarquia pelo esforço, e intrigas de Muley Naçar, irmaõ do mesmo Rei de Féz, que o lançou della. Como Zeilaõ tinha grande sequito em Azamor, entendendo que esta Cidade o elegeria por seu Principe, naõ só se refugiou nella, mas pedio a protecçaõ del Rei D. Manoel. Para o dispor com mais efficacia, veio a Lisboa offerecer-se no seu serviço, com promessa de o ajudar na conquista da Praça, e obtendo o que pretendia, voltou a Africa para dispor os Póvos a reconhecêrem D. Manoel por seu Soberano.

Aprestou-se huma Armada para esta expediçaõ, que havia executar D. Joaõ de Menezes na testa de 400 cavallos, e 2000 Infantes. Embarcáraõ nella D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal; D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Luiz da Silveira, depois

pois Conde da Sortelha, D. Joaõ Masquarenhas, Capitaõ dos Ginetes, seu irmaõ D. Nuno, Joaõ Rodrigues de Sá, D. Luiz de Menezes, D. Antonio de Almeida, D. Henrique de Menezes, Pedro Masquarenhas, e outros muitos Fidalgos, que faziaõ glória de buscar os perigos. A 26 de Julho sahio a Armada de Lisboa, e chegou felizmente a Azamor. Com a maré da noite entrou ella no porto, donde fulminou a Cidade com hum fogo contínuo, que fizesse vêr aos moradores a necessidade de se sobmetterem ao nosso dominio por vontade, antes que obrigados pela força. D. Joaõ de Menezes esperava conseguir este fim por qualquer dos meios, fiado nas promessas, que Zeilaõ nos fizéra em Lisboa; mas em lugar dellas, nós observamos a praia bordada de cavallaria, que desafiava as escaramuças, e vimos vir nadando muitos brulotes ardendo, que nos custou trabalho desviar das náos.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes mandou perguntar a Zeilaõ quaes eraõ os seus intentos. Elle respondeo, que cumprir

as

Era vulg. as promeſſas, que fizéra a El-Rei D. Manoel. D. Joaõ conheceo nas obras a perfidia da palavra do Barbaro, que havendo-ſe inſinuado no eſpirito dos Póvos, tinha oito mil homens de guarniçaõ para defender a Cidade, e elle com dezaſſeis mil lhe cobria a campanha. A ſuperioridade das forças foi menos eſtimada de D. Joaõ, que a gravidade da injúria. Elle determina vingalla com huma acçaõ de eſtrondo, que ſuſtentaſſe a honra da Patria, e juſtificaſſe o ſeu Rei no empenho começado. Para eſte effeito ſalta em terra na frente de 2000 Infantes; cobre a téſta de dous Eſquadrões de cavallaria com o Conde de Tentugal, e com D. Joaõ Maſcarenhas; deixa illudidos os esforços de tres emboſcadas de 1200 cavallos, e chega ás portas de Azamor. Os Mouros eſtimulados ſahíraõ da Praça para nos cercarem no campo com o favor das emboſcadas. D. Joaõ os fez retroceder taõ perturbados, que deixáraõ muitos fóra das portas expoſtos ao noſſo furor. Entaõ ſe lançou a cavallaria das emboſcadas aos Eſqua-

drões

drões da nossa com tanto vigor, que foi necessario marchar o General a soccorrella.

Era vulg.

Aqui foi á força do combate, em que se apurou o nosso esforço; mas vendo o bravo Chéfe, que Zeilaõ marchava com passo dobrado a investillo: que sustentar o choque em campanha raza com taõ desigual partido era temeridade; elle foi fazendo até á praia huma retirada das mais airosas, logo hum embarque com tanto acordo, como viraõ poucos as idades. O General, que fora o primeiro no saltar em terra, foi o ultimo em embarcar-se. Nós perdemos nesta acçaõ déz pessoas da classe da Nobreza, em que entráraõ D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Simaõ Fogaça, Diogo Barreto, D. Joaõ Henriques, e seis soldados communs. Dos Mouros morrêraõ 1ↀ365. A Joaõ Rodrigues de Sá lhe matou hum Alcaide o cavallo, e o levava debaixo da lança para atraveçallo; mas acodindo-lhe o bravo Joaõ Homem, que na India déra as próvas, que eu já allegueí do seu valor desmar-

Era vulg. cado, e Diogo Fernandes de Faria, que depois foi Adail de Goa; elles tiráraõ a vida ao Alcaide, e salváraõ a de Joaõ Rodrigues.

Como D. Joaõ de Menezes se considerou sem forças correspondentes para castigar a perfidia de Zeilaõ, e tomar a Praça de Azamor taõ defendida; naõ quiz demorar-se no seu porto. No tempo de se levar, a má ordem que tiveraõ os marinheiros na desamarraçaõ, quando as aguas eraõ muito mórtas, foi causa de se perderem alguns navios sem remedio. Huma das fustas, que encalhou, os Mouros a queimáraõ com perda de dezoito Barbaros; porque trinta remeiros, que a governavaõ, estimando em menos a vida, que a liberdade, todos morrêraõ matando. Sahio a Armada de Azamor, naõ para se recolher a Lisboa, mas para cruzar no Estreito. Manobra, que depois se estimou por huma illustraçaõ superior communicada ao General, attendidas as consequencias, que della resultáraõ.

Alguns dias andou elle naquelles mares fazendo bordos, tomando as em-

Era vulg.

embarcações dos Mouros; e porque El-Rei tinha feito mercê a seu sobrinho Joaõ Rodrigues de Sá do governo da Praça de Alcacer Ceguer, foi mettello de posse deste emprego. Em Alcacer deixou D. Joaõ o grosso da Armada, e com o resto se foi vêr em Tangere com o seu Governador D. Duarte de Menezes, filho do Conde de Tarouca, para tratarem negocios de importancia. Como era necessario ser ouvido nelles D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, que governava Arzila, se lhe mandou hum expresso para vir a Tangere; o que logo executou. Quando os tres Chéfes consultavaõ entre si o modo, por que se havia conquistar a Praça de Larache, recebem aviso, de que o Rei de Féz fizéra huma marcha taõ dissimulada com o grande Exercito de 20000 cavallos, e 120000 Infantes; que em Arzila fora o primeiro sentido, do que visto. O Conde de Borba no mesmo instante partio para a sua Praça; D. Joaõ, e D. Duarte ficáraõ discorrendo nos meios de a soccorrer; e a narraçaõ deste si-

Era vulg. tio ſerá a materia do Capitulo, que ſe ſegue.

CAPITULO VIII.

Do ſitio, que o Rei de Féz pôz ſobre a Praça de Arzila, que o de Portugal quiz ſoccorrer em peſſoa.

EM todas as partes do Mundo queria o Dominante Supremo dos Imperios conceder vantagens ás armas do Rei D. Manoel, ou foſſe para exaltar a glória do ſeu Nome, que havia ſer louvado do Oriente ao Occaſo do Sol; ou para premiar no Principe o zelo ardente, com que promovia a dilataçaõ da ſua Fé ſanta. A defenſa de Arzila, que vou a tratar, e o modo com que o Rei ſe conduzio para o ſoccorrer, ſaõ duas próvas incontraſtaveis do meu modo de penſar. No dia 19 de Outubro ſe apreſentou o barbaro Rei ſobre aquella Praça com o formidavel Exercito, que fica dito. Apenas chegou o Conde de Tangere, mandou logo explorar

rar

rar a campanha pelos Almocadens Pedro de Menezes, e Jorge Vieira, que lhe trouxeraõ alguns Mouros. Elles o informáraõ das forças, das máquinas, dos designios do Rei de Féz capazes de perturbar outro homem, que naõ fosse o Conde de Borba, Commandante de huma Praça, em que entaõ havia 400 homens de guarniçaõ para resistirem a cento e quarenta mil.

Era vulg.

Amanheceo no segundo dia cercado todo o recincto da Praça; levantadas na praia muitas batarias; foraõ os inimigos abrindo as trincheiras, e a favor das mantas, que os cobriaõ, entráraõ a picar a muralha, a romper a brecha na parte, que lhes pareceo mais fraca para o assalto. Como elles receavaõ, que por mar nos viesse soccorro, e naõ tinhaõ Armada naval, que oppôr á nossa, bordáraõ a praia de cestões, e tonéis cheios de terra para servirem de parapeito ás suas batarias, e aos corpos de guarda, que nellas estavaõ postados. A cada instante se alargava a brecha, naõ sendo possivel aos defensores açomar-se aos muros, que

naõ

Era vulg. naõ fossem logo passados por huma nuvem de ballas, e sétas, que despedia a multidaõ plantada para sustentar os gastadores. No primeiro dia de trabalho a rotura dos muros se pôz capaz para o assalto, taõ rápidamente acomettido, que a corage sublime dos poucos defensores naõ pode impedir a entrada a tantos inimigos.

O Conde, ainda que naõ tinha gente para fazer sahidas, com 50 cavallos se lançou a elles; mas sendo ferido em hum braço, houve de retirar-se para se curar; deixando a acçaõ encarregada a seu genro Jorge Barreto. O seu valor naõ fazia sentir a falta do Conde, mas opprimido da multidaõ, que a cada momento se revezava; forças frescas sobre as nossas taõ lassas; os Mouros se fizéraõ senhores do corpo da Cidade. Em tanto aperto naõ havia mais refugio, que o Castello, aonde o Conde recolheo a gente já sem acordo, nem conselho á vista da face do perigo. Muitos velhos, mulheres, e mininos ficáraõ de fóra, ferindo o ar com suspiros, o Ceo com clamores, sem

com-

compaixaõ dos Barbaros, que naõ distinguíraõ sexo, ou idade, culpado, ou innocente. Lopo Rebelo, que guarnecia hum baluarte, naõ quiz recolher-se ao Castello, e o defendeo até perder a vida. Alguns soldados, que estavaõ com elle, se lançáraõ abaixo da muralha, e corrêraõ a huma barca de Joaõ Martins de Alpoem para fugirem nella. O bravo Alpoem os recolheo; mas em quanto naõ chegou D. Joaõ de Menezes, elle esteve sobre ferro varejando o campo dos Mouros com a sua artelharia, sem despedir balla inutil.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes, que a Providencia fez estar tantos dias em Africa para nos conservar Arzila, avisou logo a Joaõ Rodrigues de Sá, que viesse com a Armada, que tinha em Alcacer Ceguer ajuntar-se com elle em Tangere. Immediatamente navegou para Arzila, aonde esteve surto tres dias sem tentar a entrada do porto, assim porque o mar estava muito levantado, como por ignorar se o Castello se conservava no nosso poder: Capitaõ pruden-

Era vulg. dente em naõ se arriscar no mar temerario, nem expôr na terra ao perigo sem fructo em hum combate desigual, se estivesse já perdida a Praça. Fluctuando entre a esperança, e o temor, elle quizéra, mas escrupulisava forçar homens, que para haverem de lhe trazer algum infórme fossem affrontar o fogo horroroso dos inimigos, chegarse ao Castello, e saber quem estava nelle.

Naõ necessitou D. Joaõ declarar-se. Bastáraõ humas palavras insignificantes, das que chamamos perdidas, para a corage Portugueza entrar naquella emoçaõ, que o ponto de honra faz intoleravel ao seu espirito, em quanto naõ obra. Tanto naõ foi necessario a D. Joaõ o rogar, que antes se vio embaraçado sobre quaes dos offerecidos havia escolher. Elle se inclinou a Ruy Garcia, e a Joaõ de Mendoça, valentes Cavalleiros muito da sua confiança, que partíraõ em hum esquife da náo com muitos remos para maior velocidade da jornada, e erro das pontarias. Passando illezos pelo meio de hum chu-

vei-

veiro de ballas, chegáraõ taõ perto do Castello, que víraõ as bandeiras nas janellas, a huma mulher com hum minino nos braços, e a ouvíraõ gritar *viva Portugal*. Quando elles voltavaõ com estas noticias, chegavaõ a bórdo nadando dous Mouriscos Christãos com cartas do Conde mettidas em bollas de cêra, que avisava a D. Joaõ de Menezes de todo o successo, e do grande perigo, em que todos ficavaõ. Immediatamente os seguia o destro nadador Pedro da Cósta, marido de huma irmã do famoso Lopo Barriga, que da parte do Conde instruio ao General no modo de fazer o desembarque para se naõ mallograr o soccorro, de que tanto necessitava.

Era vulg.

Como para se emprehender huma acçaõ taõ resoluta era necessario metter os soldados em emulaçaõ, o Chéfe igualmente prudente, e valeroso, mandou deitar hum bando, em que promettia a todos consideraveis gratificaçções; quinhentos ducados ao primeiro que saltasse em terra, os quaes ganhou Tristaõ de Menezes; e liberdade a todos

Era vulg. dos os forçados. Com estas disposições se esperou a maré, que sendo propria, todos os batéis em competencia partíraõ de voga arrancada a ganhar a praia. O Conde, que do Castello observava este movimento, fez sahir delle trinta cavallos, e hum troço de Infantaria escolhida para facilitarem o desembarque. Antes delle recebêo o Conde de Tentugal o golpe de huma balla de canhaõ, que o obrigou a ir curar-se a Tangere. O primeiro batel, que ferrou a praia foi o de Joaõ Rodrigues de Sá, donde saltou Tristaõ de Menezes, seguido de Joaõ Homem, e de D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes. Esta acçaõ se fazia debaixo de hum diluvio de fogo horrendo, e continuo, que naõ impedio aos nossos lançar-se sobre os Esquadrões dos Mouros, forçar huma das suas trincheiras, e tirando della seis canhões, mettellos no Castello com 200 homens, muitas munições, e viveres.

Toda esta expediçaõ, e este soccorro se devêraõ á actividade de D. Joaõ Mascarenhas, que atropellou os Barbaros,

ros, ainda que a troco das vidas de Manoel Coutinho, de Joaõ Pimenta, e de outros bravos Cavalleiros, que nesſte dia fizéraõ immortal a ſua memoria. No ſeguinte mettemos com igual perigo outro ſoccorro no Caſtello, que ſe teve por ſeguro, em eſtado de reſiſtir aos esforços do Rei de Fez. Com a noticia, que lhe deraõ da entrada do ſoccorro, elle ſe moſtrou ſatisfeito dizendo, que o eſtimava muito; porque teria mais captivos. Barraxe, e Almandarim, que o ouvíraõ, e conheciaõ por experiencia a D. Joaõ de Menezes, lhe reſpondêraõ, que naõ ſe fiaſſe no grande poder do ſeu Exercito; porque o General Portuguez era taõ prático na guerra, taõ déſtro nos eſtratagemas militares, que debaixo dos ſeus pés lhe iria pôr o fogo.

Como os Mouros naõ deſiſtiaõ do empenho, D. Joaõ mandou dous aviſos do eſtado de Arzila; hum a El-Rei D. Manoel para lhe enviar promptos ſoccorros; e porque eſtes podiaõ tardar, outro aos pórtos de Andaluzia, e ao famoſo Capitaõ D. Pedro Navarro,

que

Era vulg.

que estava em Gibraltar com a Armada de Castella. Em quanto os avisos marchavaõ, os inimigos esforçavaõ os combates. D. Pedro Navarro apenas o recebeo se fez prestes para nos soccorrer; mas antes delle chegou o Corregedor de Xerez, a quem naõ sabemos outro nome, em huma grande náo bem artilhada com 300 homens de equipagem. Elle lançou ferro em parte, aonde lhe ficassem a tiro as trincheiras dos Mouros, que em quanto naõ mudáraõ de posto, hum instante estivéraõ sem ser muito bem servidos. Grandes premios assignalava o Rei Mouro a quem arrombasse esta náo; porém crescendo a mortandade, naõ podendo plantar huma bataria, nem conduzir os canhões para ella ser atacada, os soldados tomáraõ o partido de abandonar os aproches da parte do mar, deixando o bravo Corregedor coberto de glória.

Em quanto se passavaõ estas cousas, chegou com tres mil, e quinhentos homens D. Pedro Navarro, que unido aos Portuguezes, quiz logo dar batalha

lha ao Rei de Féz. Porque o dia era de Terça feira, com credulidade facil tido em máo agouro pelos Fidalgos da Familia de Menezes, D. Joaõ pedio se differisse para o seguinte. O Rei de Féz a evitou na mesma Terça feira, levantando o sitio, e pondo fogo á Cidade. Servia no seu Campo hum Mouro illustre, que fora captivo de D. Joaõ de Menezes, que este tratára na escravidaõ com summa civilidade, e que desejoso agora de vêr o seu antigo Senhor, veio a buscallo com a comitiva de 20 Cavalleiros, entre os quaes se disse estava incognito o Rei de Féz, que quiz conhecer com a vista o esforçado Capitaõ, de que tantas vezes tinha provado as obras. Concedida permissaõ para este Mouro fallar ao General, depois de renovar com cumprimentos obsequiosos as memorias do tempo passado, lhe disse respeitoso: Em que conjuntura, Senhor D. Joaõ, trouxestes soccorro taõ opportuno contra o Rei potentissimo! Muito vos deve Arzila: senaõ fosseis vós, os nossos soldados já bordariaõ as suas muralhas:

Era vulg.

lhas:

Era vulg. lhas: he voſſa eſta façanha; e ella ſó podia ſer concebida no centro das voſſas luzes; executada pelo valor, que ſempre foi em vós irreſiſtivel.

D. Joaõ rodeado de circuſpecções modeſtas, lhe reſpondeo: O que eu acabo de obrar, naõ ſe me deve tanto, como á ventura do grande Rei de Portugal, que com a ſua diſciplina illuſtra homens capazes de obrar acções muito mais illuſtres, que as minhas. O voſſo Soberano com razaõ ſe deve eſtimar glorioſo, porque naõ ſó entrou em huma Cidade do meu Rei; ſenaõ porque a conquiſtou com as armas, lhe arrazou os muros, combateo o caſtello, acções, que eu eſtimo dignas de hum louvor immortal. Mas mandar pôr o fogo ás caſas dos particulares, que eſtaõ dentro das muralhas, e naõ reſiſtem, iſto naõ he obrar como Rei, he eſquecer o decoro da Mageſtade. A guerra ainda eſtá em pé. Se elle entende, que a Cidade brevemente póde ſer ſua, para que a queima? Se deſeſpera da victoria, que alivio tem a ſua dôr na viſta do fumo

com

com que cobre a Arzila? Quer que se diga delle, que ajuntou hum Exercito formidavel para vir dár fogo a quatro paredes? O officio de Principe he executar idéas de Principe, as grandes, as magnificas, as difficultosas, as brilhantes.

Em vulg.

O Mouro a este discurso tornou prompto: Que o seu Rei naõ viera com tamanho Exercito queimar paredes, senaõ a fazer a guerra: Que elle era magnanimo, mas humilde; sublime, mas piedoso: Que conhecia virem as victorias de Deos, por isso com ellas se naõ mostrava soberbo, nem nos infortunios abatido, encaminhando ambos os destinos, ou as duas fortunas à Primeira Causa: Que em quanto ao incendio lhe assegurava naõ ser ordem do seu Monarca, senaõ hum furor indiscreto dos Soldados: Que elle ja partia a fazello sabedor do que passava, e logo viria a promptidaõ com que se mandava apagar o fogo. Assim se executou logo que o Mouro desappareceo; porque se o Rei hia na sua comitiva, e fora testemunha da prati-

ca,

Era vulg. ca, pouco tempo havia miſter para dar as ordens neceſſarias. Apagou-ſe o incendio, retiráraõ-ſe os inimigos para Alcacer-Quivir, D. Joaõ de Menezes entrou em Arzila acompanhado do Conde, e Condeça de Borba, acclamado pelo Povo por Varaõ excellente, vingador da honra de Portugal, reſgate de tantas vidas, author das ſuas liberdades.

Em quanto o Rei de Féz ſe retirava confuſo para Alcacere, o de Portugal, que tinha a ſua Corte em Evora, recebeo o Expreſſo de D. Joaõ de Menezes com a noticia do eſtado de Arzila. Como elle ſabia quanto lhe cuſtára a ſua conquiſta; quanto lhe importava conſervalla, no meſmo dia eſcreveo ás Cidades, e á Nobreza, convidándo-as para com o maior número de gente o ſervirem em occaſiaõ de tanto empenho. Eſtando para ouvir Miſſa, mandou ao Deaõ, que foſſe rezada, que naõ houveſſe Sermaõ; a Vaſqueannes Corte Real ſeu Veador, que lhe pozeſſe o jantar na meza; ao Eſtribeiro Nicoláo de Faría, que fizeſ-

ſe

se botar a sella em huma faca de gran- Era vulg.
de marcha, e em hum cavallo para o
pagem do arremeçaõ, que era Alva-
ro de Sousa. Depois de jantar se pôz a
caminho, e quasi sem descançar che-
gou a Tarifa, aonde soube do soccor-
ro, que D. Joaõ metêra no Castello.

Se a sua pressa em andar foi muita,
a diligencia dos seus fiéis vassallos lhe
correspondeo; porque no termo de cin-
co dias se achou no Algarve com hum
Exercito de mais de 20$000 homens,
muitas muniçoẽs, mantimentos, arte-
lharia, e huma Armada numerosa: taõ
ardente o zelo dos Portuguezes, que
parecia haverem alongado os instantes
ao espaço de dias. Quando tudo estava
prestes para se embarcar, D. Joaõ de
Menezes deo parte do levantamento do
sitio, da retirada do Rei de Fez, do ser-
viço, que tinhaõ feito D. Pedro Navar-
ro, e o Corregedor de Xerez. Suspen-
deo-se a pressa da jornada, naõ a reso-
luçaõ do Rei para a continuar; mas foi-
lhe preciso desistir instado por todos os
votos do seu Conselho, que lhe propôz
ser empenho taõ glorioso soccorrer Ar-

Era vulg. zila no tempo de atacada, quanto era redundancia reprehensivel ir só pela visitar, quando já livre.

Conformou-se El-Rei com este parecer, e licenciando as trópas, deixou-as destinadas para reforçar a guarniçaõ de Arzila, aonde enviou alguns navios com provimentos, e quantidade de obreiros para repararem as ruinas dos muros da Cidade, restabelecer os do Castello, e augmentar as fortificações. A D. Pedro Navarro pelos serviços, que lhe acabava de fazer, mandou render as graças acompanhadas de copiosos donativos; que o generoso Hespanhol naõ quiz acceitar, satisfeito com as primeiras, que o Rei por outros modos fez brilhantes. O mesmo se praticou com o Corregedor de Xerez, e Fidalgos Andaluzes, benemeritos das reaes attenções em occasiaõ de tanta honra no serviço alheio. D. Joaõ de Menezes se demorou em Arzila o tempo necessario para pôr a Praça em estado de defensa; e deixando-a guarnecida com dous mil homens, além da gente ordinaria, veio receber na Patria os agrados renovados do Rei, juntos com as accla-

ma-

maçǒes dos Póvos, que lhe davaõ lugar distincto entre os Capitães de nome. Era vulg.

Deste modo concluidos com tanta glória das nossas armas os negocios de Arzila, entre Portugal, e Castella se levantáraõ dúvidas respectivas aos limites das conquistas das duas Coroas na cósta de Africa. Já nós vimos, que esta contestaçaõ teve principio no Reinado de D. Joaõ II., e o que elle entaõ convencionou com Fernando, o Catholico. Agora quizéraõ o Rei D. Manoel, e sua cunhada, a Rainha D. Joanna, ajustar amigavelmente esta differença. D. Manoel cedeo da grande parte de Africa, que corre da Gomeira até Melilha, e Caçaça do Reino de Féz, e da Praça do Penhaõ, que a mesma Rainha mandára fundar para segurança de Andaluzia. Esta Senhora desistio da acçaõ, que podesse ter Castella desde o ponto da demarcaçaõ referida, até aos Cabos de Naõ, e Bojador. Os Ministros, que interviéraõ nesta concordia foraõ, por parte de Portugal, D. Antonio de Noronha, pela de Castella D. Gomes de Santilhana; mas como naõ ha ajuste, sobre que naõ se levantem con-

Em mis. troversias, as que depois houveraõ sobre este, Joaõ de Faria as compoz em Castella com dexteridade, e satisfaçaõ reciproca.

El-Rei D. Manoel sempre delicado nos obsequios ao Rei D. Fernando, seu sogro, que em nome de sua filha D. Joanna ainda governava Hespanha, naõ só fez com elles a composiçaõ, que deixo referida, mas restituio ao seu serviço tres vassallos descontentes de taõ alto caracter, como eraõ o Grande Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova, Duque de Sesa; o Duque de Medina Sidonia, e seu cunhado D. Pedro Giron. Naõ sendo porém bastantes os negocios da Coroa para El-Rei se esquecer dos respeitivos á gloria de Deos, e augmento da Religiaõ; elle escolheo na Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Joaõ Evangelista o Padre Joaõ de Santa Maria, e a doze sujeitos da mesma Congregaçaõ de notoria probidade, que mandou ao Reino de Manicongo para prégarem a Fé Catholica, fundarem novas Igrejas, e darem áquelles Povos salvagens o pasto saudavel da doutrina Orthodoxa.

FIM.

5